

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

Gisele Schwede

**O PARAÍSO DAS CRIANÇAS NA CIDADE DOS PRÍNCIPES:
A POLIFONIA URBANA REVELADA EM IMAGENS
FOTOGRAFICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Práticas Sociais e Constituição do Sujeito

Orientadora: Prof.^a Doutora Andrea Vieira Zanella

FLORIANÓPOLIS

2010

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

S412p Schwede, Gisele

O Paraíso das crianças na Cidade dos Príncipes
[dissertação] : a polifonia urbana revelada em imagens
fotográficas / Gisele Schwede ; orientadora, Andréa Vieira
Zanella. - Florianópolis, SC, 2010.
291 p.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de
Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Fotografia. 3. Crianças - Desenvolvimento
- Joinville (SC). I. Zanella, Andrea Vieira. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

Gisele Schwede

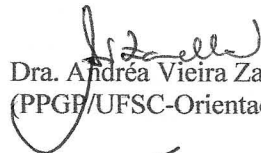
*O Paraíso das Crianças na Cidade dos Príncipes: a polifonia urbana
revelada em imagens fotográficas*

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

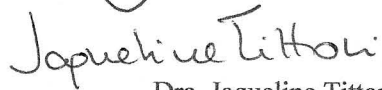
Florianópolis, 28 de Setembro de 2010.



Dra. Kátia Maheirie
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



Dra. Andréa Vieira Zanella
(PPGP/UFSC-Orientadora)



Dra. Jaqueline Tittoni
(PPGPSI/UFRGS -Examinadora)



Dra. Kátia Maheirie
(PPGP/UFSC-Examinadora)

Dr. Massimo Canevacci
(Prof.º Visitante PPGP/UFSC -Suplente)

Dedico este trabalho para as crianças que se constroem nas relações
estabelecidas com as cidades.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, professora Andrea Vieira Zanella, por ter me escolhido/acolhido e pela confiança constantemente reiterada. Pela generosidade em compartilhar seu conhecimento e pelos livros emprestados, textos indicados e dicas fornecidas. Por ter transformado minha vida: hoje sou melhor psicóloga, sou professora e sou mestre devido à dedicação desta que me serve de exemplo e inspiração.

Às crianças do Bairro Jardim Paraíso, que me acolheram e a mim confiaram aspectos de sua vida, o que me permitiu desenvolver esta pesquisa e saber mais sobre a criança e a cidade.

À Escola Municipal Sylvio Sniecikovski, especialmente à direção e à coordenação pedagógica, que abriu suas portas para me receber, a fim de desenvolver esta pesquisa.

À Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina, através do Programa de Bolsas do Fundo de Apoio à Manutenção e ao desenvolvimento da Educação Superior - FUMDES, pela bolsa de estudos concedida.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC, pelo conhecimento compartilhado, em especial à professora Kátia Maheirie, por sua participação em minha formação.

Às professoras Tânia Fonseca Galli e Silvia Zanatta da Ros, pelas preciosas dicas e sugestões na banca de qualificação do projeto de mestrado.

Às professoras Jaqueline Tittoni e Kátia Maheirie, pela participação na banca de defesa da dissertação, sua leitura atenta e suas ricas contribuições.

Aos colegas do Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais, Relações Éticas, Estéticas e Processos de Criação (NUPRA), em especial para Apoliana Regina Grof e Carlos Eduardo Máximo, pelas trocas de idéias e amizade construída.

Ao Silvio Alessander Rigueira, por compartilhar sua vida comigo, por seu apoio e paciência infinitos, por seu amor e generosidade.

Ao apoio incondicional e incentivo de minha família. A meu pai (que já não está conosco há doze anos) e mãe sempre terem ensinado que deveríamos estudar, antes de quaisquer outros planos na vida. À presença de minha irmã Carline e meu irmão Marcos.

À amizade de Nasser Haidar Barbosa. Juntos nos tornamos psicólogos e melhores pessoas.

À amizade de Ana Carolina Wolff Mota, que tive a sorte de conhecer e que se tornou minha companheira de viagem e de estada em Florianópolis, ao longo do mestrado; Andrea Araripe Lopes, pelas risadas compartilhadas; Andréia Piana Titon e Joice Pacheco, pelas trocas de idéias, textos e apoio mútuo.

Aos professores Julio Schruher Junior e Rosnelda Ponick, pelo crédito de confiança em meu trabalho e pelas constantes oportunidades propiciadas.

Aos colegas professores da Faculdade Guilherme Guimbala, muitos dos quais foram meus professores na graduação e que posteriormente me receberam calorosamente como colega na docência.

Às professoras Aliciene Fusca Machado, Rosânia Campos e Roselane Campos pela especial participação em minha formação.

Aos estudantes, meus alunos, que me ensinam a ser professora de Psicologia.

Para os estudantes que se tornaram companheiros na aventura do pesquisar e, ainda mais, que se tornaram meus amigos: Alana Lazaretti Solvalagem, Anderson André Ranch, Hudelson dos Passos e Vanessa Cristine Borges Beck. Agradeço a vocês por terem estado comigo e tornado tudo melhor com sua presença.

*De uma cidade, não aproveitamos as suas
sete ou setenta e sete maravilhas, mas a
resposta que dá às nossas perguntas.*

Ítalo Calvino (2009, p. 44)

SCHWEDE, Gisele. O Paraíso das crianças da Cidade dos Príncipes: a polifonia urbana revelada em imagens fotográficas. Florianópolis, 2010. 291f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Curso de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.^a Doutora Andrea Vieira Zanella

Defesa: 28/09/2010

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar os sentidos que um grupo de crianças atribui às relações que estabelecem com a cidade. Para isso, privilegiaram-se as teorias do autor Lev Semenovitch Vigotski e de autores do Círculo de Bakhtin como guias para a compreensão da constituição subjetiva das crianças participantes da pesquisa, todas com idades entre dez e doze anos e residentes na cidade de Joinville/SC. Para a coleta de informações foram adotados os seguintes procedimentos: observações no bairro em que elas vivem e na escola em que estudam; desenvolvimento de uma Oficina de Fotografias; entrevistas permeadas pela leitura das imagens fotográficas por elas produzidas. As análises a que foram submetidas estas informações apontaram para a emergência de quatro categorias: as possibilidades e impossibilidades de acesso à cidade; a violência; a cidade e o trabalho nela desenvolvido e; ser criança na cidade. As imagens fotográficas produzidas pelas crianças pesquisadas mostram prioritariamente o bairro em que residem, o que suscitou a reflexão acerca das (im)possibilidades de uso e circulação na cidade e as experiências daí decorrentes. Revelam ainda os jogos de visibilidade e invisibilidade que as imagens fotográficas têm o potencial de desvelar acerca do que está disponível para o exercício do olhar de crianças que ocupam determinados espaços da cidade. Além disso, a investigação indica que as crianças reconhecem haver circunstâncias em que ocupam uma situação de exclusão social e de falta de garantia de direitos, pois criticam tais circunstâncias e os efeitos daí decorrentes. Nas relações que estabelecem com a cidade, as crianças revelam que o trabalho ocupa lugar central na organização do cotidiano de suas famílias e delas próprias, que precisam se adaptar à rotina de trabalho dos pais. Elas associam o trabalho à geração de renda e conseqüente subsistência das famílias, bem como, à dignificação da condição do sujeito trabalhador. As crianças denotam ainda que sentem os efeitos da violência na cidade, à medida que tomam conhecimento de atos

violentos acontecendo muito próximo a elas ou mesmo dentro de suas casas. A pesquisa realizada propiciou conhecer, através dos olhares das crianças, várias cidades na cidade: a cidade idealizada, fomentada por certos discursos e que remete a seu mito fundador; a cidade real, que faz emergir o medo, que é precária em alguns aspectos, que às vezes é distante, às vezes é bonita. Cidade, enfim, que é o cenário para múltiplas e diversificadas experiências.

Palavras-chave: Cidade. Fotografia. Discurso. Criança. Constituição do sujeito.

SCHWEDE, Gisele. **Children's paradise in the City of the Princes: the urban polyphony revealed in photo images.** Florianópolis, 2010. 291f. Dissertation (Master in Psychology) – Psychology Postgraduate Program, Universidade Federal de Santa Catarina (Federal University of Santa Catarina).

ABSTRACT

This research aimed at investigating the meanings that a group of children impute to the relationships they establish with the city. Therefore, special attention was given to the theories of the author Lev Semenovitch Vigotski and authors of the Bakhtin Circle as guides for the comprehension of the subjective constitution of the children participating in the research, all of them age ten to twelve and residents of Joinville-SC. To collect information, the following procedures were adopted: observations in the neighborhoods where they live and at the school where they study; development of a Photo Workshop; interviews permeated by the reading of the photo images they produced. The analyses of this information indicated the emergency of four categories: the possibilities and impossibilities of access to the city; the violence; the city and the work developed in it and; being a child in the city. The photo images produced by the researched children show primarily the neighborhood they live in, which raised the reflection about the (im)possibilities of use and circulation in the city and the experiences arising out of that. They also reveal the visibility and invisibility games that the photo images have the potential to show about what is available for the exercise of the look of the children that occupy certain spaces of the city. Besides, the investigation indicates that the kids acknowledge the fact that there are circumstances in which they are socially excluded and have no guarantee of rights, since they criticize such circumstances and the effects arising out of that. In the relations they have with the city, the children demonstrate that work takes the central part in the organization of the daily activities of their families and of themselves, who need to adapt to the work routine of their parents. They associate work to income generation and consequent subsistence of the family, as well as the dignifying condition of a person who has a job. The children also denote that they feel the effects of violence in the city as they are aware of violent acts occurring very close to them or even within their homes. The research carried out allowed knowing, through the looks of the children, several cities in the city: the idealized city, fostered by certain speeches and that refer to its founding myth; the real city, which

makes fear arise, which is precarious in some aspects, which sometimes is distant, sometimes is beautiful. In short, a city that is the setting of multiple and diversified experiences.

Keywords: City. Photo. Discourse. Child. Constitution of the subject.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Auxiliar de pesquisa fotografando participantes da oficina.....	92
Figura 2: Joinville no Estado de Santa Catarina em relação ao Brasil e América do Sul.....	124
Figura 3: O bairro Boa Vista e a Baía da Babitonga.....	125
Figura 4: Alameda das Palmeiras, um dos cartões postais da cidade.....	127
Figura 5: Monumento ao Imigrante, localizado na Praça da Bandeira. 09/03/2001. Acervo de Arselle de Andrade da Fontoura.....	138
Figura 6: Monumento ao Imigrante, localizado na Praça da Bandeira. 09/03/2001. Acervo de Arselle de Andrade da Fontoura.....	139
Figura 7: Casa construída em técnica enxaimel, na zona urbana de Joinville.....	144
Figura 8: Intervenção urbana produzida sobre parede do prédio que abriga o Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville.....	146
Figura 9: Rua de acesso ao bairro Jardim Paraíso, em Joinville.....	148
Figura 10: A farmácia do bairro fotografada por Carol.....	156
Figura 11: O cão de Bad Boy.....	159
Figura 12: A antiga escola de Dado.....	161
Figura 13: Praia da Vigorelli registrada por Maicon.....	163
Figura 14: A valeta em frente à casa de Maicon.....	165
Figura 15: O Centro de Educação Infantil fotografado por Guga.....	167
Figura 16: A escola fotografada por Indi.....	169
Figura 17: A rua fotografada por Hadassa.....	171
Figura 18: O Monumento do Imigrante fotografado por Mariana.....	174
Figura 19: A escola fotografada por Lari.....	175
Figura 20: O tear do homem trabalhador fotografado por Mai.....	178

Figura 21: O parquinho fotografado por Eduarda.....	180
Figura 22: A farmácia fotografada por Thais.....	182
Figura 23: Rua esquecida do bairro, fotografada por Nycole.....	183
Figura 24: Vista a partir da porta da casa de Carol.....	189
Figura 25: A rua a partir da casa de Bad Boy.....	191
Figura 26: A valeta que, segundo Hadassa, oferece riscos à população.....	195
Figura 27: A Secretaria Municipal de Saúde fotografada por Nycole.....	198
Figura 28: A Academia da Melhor Idade fotografada por Eduarda.....	201
Figura 29: A farmácia, indicada por Carol como um dos benefícios do bairro.....	202
Figura 30: O terminal de ônibus fotografado por Carol.....	204
Figura 31: CEI Paraíso da Criança, fotografado por Nycole.....	207
Figura 32: A escola em que estudam as crianças pesquisadas, fotografada por Hadassa.....	209
Figura 33: A casa do assassinato, fotografada por Lari.....	222
Figura 34: Terreno em que é realizada a classificação dos materiais recicláveis.....	228
Figura 35: O Centro de Educação Infantil fotografado por Hadassa.....	234
Figura 36: O Centro de Educação Infantil fotografado por Guga.....	236
Figura 37: A cozinha da escola e a merendeira, fotografadas por Thais.....	238
Figura 38: A estrada de acesso para a Vigorelli, fotografada por Maicon.....	252
Figura 39: A baía da Babitonga, fotografada por Maicon.....	254

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
1 O EDIFÍCIO TEÓRICO QUE DÁ SUSTENTAÇÃO PARA A PESQUISA	27
1.1 Um olhar para a cidade.....	29
1.2 As crianças e a cidade.....	37
1.3 A imagem e o olhar.....	46
1.4 Para se compreender o sujeito.....	54
2 A PESQUISA COMO ACONTECIMENTO.....	65
2.1 Procedimentos para a realização da pesquisa.....	66
2.2 A análise dos dados.....	113
3 JOINVILLE, CIDADE DOS PRÍNCIPES, DAS FLORES, DA DANÇA, DA BICICLETA E TANTAS OUTRAS.....	121
3.1 O contexto da pesquisa.....	122
3.2 Na Cidade dos Príncipes, o Paraíso.....	147
4 AS CRIANÇAS E AS IMAGENS DA CIDADE.....	153
4.1 As crianças.....	154
4.2 A (im)possibilidade de acesso à cidade.....	184
4.3 A violência na cidade.....	212
4.4 A cidade e o trabalho nela desenvolvido.....	226
4.5 Ser criança na cidade.....	244
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	257
REFERÊNCIAS.....	269
APÊNDICES.....	285

INTRODUÇÃO

Marco entra numa cidade; vê alguém numa praça que vive uma vida ou um instante que poderiam ser seus; ele podia estar no lugar daquele homem se tivesse parado no tempo tanto tempo atrás, ou então se tanto tempo atrás numa encruzilhada tivesse tomado uma estrada em vez de outra e depois de uma longa viagem se encontrasse no lugar daquele homem e naquela praça.

Agora, desse passado real ou hipotético, ele está excluído; não pode parar; deve prosseguir até uma outra cidade em que outro passado aguarda por ele, ou algo que talvez fosse um possível futuro e que agora é o presente de outra pessoa.

Os futuros não realizados são apenas ramos do passado: ramos secos.

-Você viaja para reviver o seu passado? - era, a esta altura, a pergunta de Khan, que também podia ser formulada da seguinte maneira: - Você viaja para reencontrar o seu futuro?

- E a resposta de Marco:

-Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá.

Ítalo Calvino (2009, p. 28-29).

Pesquisar. Verbo que se materializa no real e que pressupõe uma história a atravessar o modo como fui constituindo-me pessoa, psicóloga e pesquisadora. Inegável história que povoa as escolhas inerentes ao ato de pesquisar e que aponta para a escolha de um objeto de estudo, um contexto, um referencial teórico. Apresento aqui algumas destas escolhas, transfiguradas em lentes que compõem o foco do que foi este pesquisar/intervir, ações que ora busco metamorfosear em palavra escrita.

A cidade foi o objeto de meu olhar, mais especificamente, a cidade das crianças e para as crianças: busquei investigar *com* crianças entre dez e doze anos de idade o sentido que elas atribuem às relações

que estabelecem com os espaços urbanos por elas habitados, percorridos, transformados, apropriados, significados e ressignificados. O discurso eleito para esta investigação, além do verbal, foi o imagético: 1) voltei meu olhar para suas vozes, compostas também por múltiplas outras vozes que compõe a polifonia urbana, isto é, para as reflexões feitas com e por elas sobre a cidade e 2) voltei-me para a leitura e compreensão de imagens fotográficas produzidas por estas crianças.

A cidade, lugar de passagem, lugar da morada, lugar de encontro e desencontro, torna-se assim foco das nossas reflexões: minhas, dos participantes da pesquisa e dos autores das teorias chamadas a compor o diálogo. Pela palavra escrita e pelas imagens produzidas e ora apresentadas busco então promover o encontro entre estas vozes, tornando-as audíveis no coro que configura novos matizes ao conhecimento sobre as crianças contemporâneas, sobre a cidade e sobre a imagem fotográfica, pois sendo objeto de nosso olhar, a cidade se impõe seja para pesquisadores, seja para as crianças que nela transitam, seja para todos aqueles que simplesmente nela habitam ou transitam. É ela um *outro* em constante processo de transformação, (re)configuração, (des)organização, é um outro que impõe a apreensão de seus sentidos àqueles que fomentam o burburinho contínuo que nela se ouve e faz com que seja ela, a cidade, um espaço em que não cessa a vida, ao contrário, que a acelera ao extremo, continuamente.

Portanto, é a cidade processo a se conhecer e se interpretar. É um outro carregado de sentidos e que em sua espacialidade contém retratos do curso de sua transformação, bem como da transformação da existência de seus transeuntes, de seus moradores. A cidade revela modos de vida daqueles que a engendraram e impõe àqueles que a

compõe a necessidade de apropriação de sua imensa diversidade: efeito da Modernidade, as cidades apresentam-se cada vez mais imensas e fugidias à compreensão e apropriação.

Conhecê-la em suas contradições e ambiguidades é tarefa necessária. Todavia, esta tarefa se apresenta como viagem impossível de ser concluída. Assim, a meta que tenho tomo emprestada de Marco Polo, da obra de Ítalo Calvino e aqui dada por epígrafe: neste pesquisar a cidade com as crianças, partimos para reconhecer o pouco que é nosso, descobrindo o muito que não se teve e o que não se terá.

Se conhecer a cidade pelo olhar das crianças é o intuito, o caminho percorrido para este fazer/pesquisar apóia-se em uma proposta de Psicologia que, como ciência, busca superar a *epistème* positivista calcada na tradição das ciências naturais. Antes de descobrir fatos e a partir destes definir leis gerais do comportamento, para então mudar a realidade, busquei, a partir de uma perspectiva crítica, formular interpretações possíveis acerca dos sentidos dados pelos sujeitos pesquisados para aspectos de sua existência. Sujeitos estes que se apresentam em relação dialógica com o pesquisador, ambos localizados em certo tempo histórico e compartilhando certos presumidos.

Para realizar as análises privilegiei as teorias do autor russo Lev Semenovitch Vigotski¹ e de autores do Círculo de Bakhtin², pois

1 Acerca deste teórico, precisei fazer uma escolha no que se refere à grafia de seu nome, pois nas publicações de suas obras no Ocidente, inclusive no Brasil, pode-se encontrar seis diferentes formas gráficas (Vygotsky, Vigotski, Vygotski, Vigotski, Vygotskii ou Vigotskii). Isso se dá porque no alfabeto latino não há todas as letras equivalentes do alfabeto cirílico russo com que se escreve o nome do autor (**Лев Семенович Виготский**). Assim, minha escolha é por grafar Vigotski, pois além de revelar a necessária simplicidade da escrita, é o modo como os principais tradutores do russo para o português vêm utilizando (SABEL, 2006). Todavia, devo ressaltar que ao longo do texto, quando houver referências a trechos das obras de Vigotski, utilizarei a grafia da obra consultada.

2 Círculo de Bakhtin é o nome dado a um grupo de intelectuais russos de diversas formações, em sua maioria nascidos no final do século XIX, todos com uma grande paixão

entendo que as contribuições destes autores são importantes guias para a leitura ora apresentada acerca dos sujeitos convidados a participar da pesquisa e de suas produções, isto é, uma leitura de sujeitos inseridos em determinada condição social e tempo histórico, que os constitui e é por eles constituído. Todavia, ressalta-se que a escolha por estes referenciais teóricos não necessariamente exclui o diálogo com outros autores que contribuem com a discussão sobre a cidade, a fotografia e a infância.

Tendo por foco da pesquisa as relações das crianças com a cidade e a partir do referencial teórico citado, renunciei a uma forma monológica do saber, própria das ciências exatas e em que há apenas um sujeito falante/cognoscente – aquele que pesquisa. Sendo o objeto de pesquisa um sujeito, ele enuncia. Se enuncia,

[...] não se podem contemplar, analisar e definir as consciências alheias como objetos, como coisas: *comunicar-se* com elas só é possível *dialogicamente*. Pensar nelas implica em *conversar com elas, pois do contrário elas voltariam imediatamente para nós o seu aspecto objetificado*: elas calam, fecham-se imobilizam-se nas imagens objetificadas acabadas (BAKHTIN, 1997, p. 68, grifos no original).

Se o sujeito fala, de interpretação é o trabalho do pesquisador. A interpretação pressupõe voltar o olhar aos sentidos, para promover interlocuções entre diferentes textos: “O texto só tem vida contatando

pela filosofia e debate de idéias. Entre 1919 e 1929 os integrantes do Círculo se reuniam com regularidade, primeiro em Nevel e Vitebsk e posteriormente em São Petersburgo, para o estudo de temáticas diversas, especialmente a linguagem (FARACO, 2006).

com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo” (BAKHTIN, 2003, p. 399).

Estiveram comigo nesta aventura do pesquisar crianças residentes na periferia da cidade de Joinville, em Santa Catarina e estudantes de graduação em Psicologia da Faculdade Guilherme Guimbala, também de Joinville (estes últimos, como auxiliares de pesquisa). Assim, para realizar a pesquisa desenvolvi com as crianças e com a participação dos auxiliares de pesquisa, ao longo de cinco encontros, uma Oficina de Fotografia seguida por entrevistas individuais. É da realidade repleta de sentidos atribuídos por estas crianças e de valores produzidos no contexto do qual ativamente participam que me aproximei, buscando assim estabelecer um diálogo com elas sobre determinada experiência partilhada mutuamente: nós, pesquisadores, dialogando com elas, diálogo esse mediado pela produção e leitura de imagens fotográficas do espaço urbano que habitam.

Assim, ao escolher pesquisar a cidade com crianças, escolhi concomitantemente pesquisar a linguagem fotográfica, já que entendo o ato de fotografar como uma prática social preta de sentidos, polissêmica e polifônica. Deste modo, esta proposta se localiza na tentativa de se pensar o intercâmbio entre diferentes tipos de linguagem, onde o verbal e o não verbal se encontram.

Vale ressaltar que o estudo da fotografia na área da Psicologia tem recebido considerável incremento nos últimos anos, com interessantes pesquisas que vêm sendo realizadas por diferentes grupos de pesquisa no Brasil. Destaco alguns, sabendo do risco de deixar de fora outros também interessantes: os trabalhos que vêm sendo realizados

pelo grupo *Saúde Mental e Trabalho*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenado pela professora Jaqueline Tittoni (2009a) e; os trabalhos sendo desenvolvidos no projeto de pesquisa *Subjetividade em Imagens: dialogismo e alteridade na produção do conhecimento contemporâneo*, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, coordenado pela professora Solange Jobim e Souza (2008, 2003 e JOBIM E SOUZA; SALGADO, 2008). Já no que se refere aos estudos sobre constituição subjetiva e cidade, imprescindível é destacar o profícuo trabalho desenvolvido pela professora Lucia Rabello de Castro, no Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001a, 2004).

O presente trabalho está organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, intitulado *O edifício teórico que dá sustentação à pesquisa*, apresento as principais temáticas que estudei para o desenvolvimento da pesquisa e que se constituem como referência e dão o embasamento às análises dos resultados. Nestas discussões faço um breve esboço da história das cidades contemporâneas, apontando para suas características e principais problemáticas, que preocupam os pesquisadores que se ocupam de compreender e intervir nos espaços urbanos. Além disso, entendo que é necessário nesta discussão sobre a cidade já intercalar um olhar para a compreensão da infância e o uso que as crianças tradicionalmente fizeram e podem contemporaneamente fazer dos espaços da cidade. Trago ainda neste capítulo a concepção de imagem fotográfica que fortemente esteve presente entre seus estudiosos desde a invenção da câmera fotográfica, bem como, os caminhos percorridos para a imagem fotográfica gradualmente ser compreendida como discurso, concepção que adoto para a leitura das imagens

produzidas nesta pesquisa. Encerro o primeiro capítulo apresentando a sustentação teórica para o processo de constituição do sujeito: busquei explicitar o modo como os autores que dão norte a este trabalho compreendem o processo de se tornar humano, bem como, explicito as escolhas metodológicas para empreender a análise dos discursos produzidos nos encontros com as crianças pesquisadas.

No segundo capítulo, *A pesquisa como acontecimento*, apresento os procedimentos metodológicos escolhidos e que deram o norte ao caminho percorrido: assim, descrevo o processo da pesquisa, desde as observações realizadas, passando pela narrativa dos acontecimentos desenrolados na Oficina de Fotografias e a descrição dos procedimentos para a realização da entrevista com os participantes.

No terceiro capítulo, intitulado *Joinville, Cidade dos Príncipes, das Flores, da Dança, da Bicicleta e tantas outras*, inicialmente contextualizo a cidade que foi o *locus* da pesquisa: Joinville. Apresento, assim, uma breve história da cidade e suas características contemporâneas. Em seguida apresento o bairro que me recebeu para o desenvolvimento desta atividade.

O quarto capítulo, intitulado *As crianças e as imagens da cidade*, contém a análise dos resultados e está dividido em cinco partes: na primeira apresento as crianças que estiveram comigo nesta trajetória, buscando trazer as peculiaridades de cada uma, tentando com isso possibilitar ao leitor conhecê-las por meio de minha narrativa. Nas demais partes procuro refletir sobre as quatro categorias emergidas da análise dos resultados, que são: as possibilidades e impossibilidades de acesso à cidade; a violência; a cidade e o trabalho nela desenvolvido e; ser criança na cidade, buscando conhecer os sentidos dados pelas

crianças sobre a cidade de Joinville e revelados seja nas imagens por elas produzidas, seja nas palavras enunciadas durante os encontros e as entrevistas. Por fim, nas *Considerações Finais* traço algumas reflexões sobre a trajetória percorrida, com o cuidado de não encerrar em minhas palavras todos os sentidos vislumbrados ou apresentando todas as respostas às questões levantadas. Assim, o leitor é convidado a dialogicamente trazer suas próprias contra-palavras ao texto que ora apresento.

Ademais, com esta dissertação, busco dar continuidade e contribuir com as reflexões entabuladas na linha de pesquisa *Relações éticas, estéticas e processos de criação*, em que me insiro, buscando apontar para novos diálogos entre a Psicologia, a cidade, a produção de imagens fotográficas, os processos de criação e a infância contemporânea.

1 O EDIFÍCIO TEÓRICO QUE DÁ SUSTENTAÇÃO PARA A PESQUISA

Andria foi construída com tal arte que cada uma de suas ruas segue a órbita de um planeta e os edifícios e os lugares públicos repetem a ordem das constelações e a localização dos astros mais luminosos: Antares, Alpheratz, Capela, as Cefeidas. O calendário da cidade é regulado de modo que trabalhos e ofícios e cerimônias se disponham num mapa que corresponde ao firmamento daquela data: assim, os dias na terra e as noites no céu se espelham.

Ítalo Calvino (2009, p. 136).

Lançar um olhar investigativo para os discursos imagéticos produzidos por crianças, visando conhecer os sentidos que elas dão para sua experiência de cidade implica em articular o diálogo entre distintas áreas do conhecimento, articulação esta não necessariamente fácil: 1) a cidade, temática que vem recebendo contribuições de diferentes saberes, dentre os quais a Geografia, Arquitetura, História, Antropologia, Sociologia e mais recentemente, a Psicologia; 2) a imagem, cujas investigações estão presentes em várias disciplinas, tais como a História da Arte, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Arte, dentre outras, constituindo-se este também um empreendimento interdisciplinar; 3) e por fim, a infância, posto que as condições de existência das crianças há muito vem ocupando pesquisadores das mais diversas áreas das ciências humanas, inclusive e bastante fortemente, da Psicologia. Em meus próprios estudos, ainda ao longo da graduação nesta área, percebi que considerável parcela das disciplinas do curso trata de questões relacionadas ao desenvolvimento humano a partir das mais diversas concepções da Psicologia, e, portanto, dedica-se considerável tempo

para a compreensão das peculiaridades deste período da vida.

Assim, delinheiro agora algumas idéias sobre as temáticas acima apontadas, a fim de contextualizar as discussões de que me aproximei para o desenvolvimento desta pesquisa e que em algum grau são a referência e dão o embasamento às análises dos resultados. Devo alertar o leitor, porém, que não tenho a veleidade de esgotar as temáticas e assuntos que vêm sendo discutidos no campo das ciências acerca destas questões, e considerando sua amplitude, nem sequer fazer um completo resgate histórico, que necessariamente requer um olhar interdisciplinar para uma compreensão mais aprofundada.

Ainda neste capítulo apresento o edifício teórico que dá sustentação à análise dos resultados da pesquisa e, portanto, que revelam a compreensão de sujeito que enseja esta pesquisa, isto é, a concepção de que a gênese dos processos psíquicos se dá a partir da apropriação da significação da atividade humana, da história da humanidade, de sua cultura. É oportuno lembrar, como será discutido, que esta apropriação se dá em um plano de contextos situados. É a cidade, nesta perspectiva, um dos lugares possíveis de produção de modos de existência pelos sujeitos que constroem nela suas vidas prenhes de renovados sentidos.

Por fim, apresento neste capítulo a discussão que dará o embasamento teórico para a análise dos discursos dos sujeitos pesquisados, sendo que todos os discursos produzidos ao longo dos encontros realizados para a realização da pesquisa são compreendidos como enunciados situados em certo tempo-espaço, direcionados a determinados interlocutores.

1.1 Um olhar para a cidade

A cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas das mãos, escritas em ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelhas, entalhes, esfoladuras.

Ítalo Calvino (2009, p. 14-15).

Pensar as cidades contemporâneas é um convite a lançar um olhar para o processo histórico complexo e multideterminado de sua constituição, revelado nas ruas de tráfego intenso e constante, nas paredes dos prédios novos ou antigos, ou ainda, nos parques e praças ora cuidados, ora abandonados. A cidade contém em si a história e os signos culturais, apropriados e compreendidos pelas gerações que passam a herdá-los no constante movimento de subjetivação/objetivação. Os signos são a objetivação de uma cultura a ser apropriada pelo sujeito, para que este possa se interligar aos muitos outros, presentes ou ausentes, que conferem a estes sujeitos sua condição sócio-histórica.

A cidade se caracteriza assim como o lugar do encontro de múltiplas vozes que se fazem ouvir, conforme explica:

A cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam (CANEVACCI, 1993, p. 17).

A vida urbana passou a ser preocupação recorrente dos estudiosos da área, especialmente focando-se o olhar reflexivo acerca desta

temática a partir das transformações que na cidade foram ocorrendo desde o fim da Idade Média até a contemporânea Revolução Informacional que tem virtualizado a existência de todo cidadão, mesmo nos países em desenvolvimento. Todo o desenvolvimento tecnológico, cujo estopim se deu principalmente na Revolução Industrial e a partir de então alcançou conquistas sem precedentes na história da humanidade, gerou a reconfiguração dos espaços da cidade e dos modos de vida de seus habitantes.

Segundo discutido por Oliveira (2002), não são homogêneos os modos pelos quais foi sendo e é avaliada a vida urbana³, posto que o sentido a ela dado é singular ao tempo histórico vivido: em muitos momentos foi atribuído à urbanidade o lugar do progresso e da modernidade, em contraponto aos antiquados modos rurais de existência, identificados com a tradição e o atraso. O urbano é o lugar do progresso, mas concomitantemente, o lugar da desordem. É ainda o lugar em que a mais moderna das características do homem ocidental encontra lugar: o racionalismo, que permite o planejamento, mas que fragmenta a existência. A cidade é, por fim, o berço que tornou possível o nascimento do Iluminismo, e conseqüentemente, de uma nova sociedade, livre para se desenvolver rumo ao progresso.

Esta sensação de liberdade que as cidades ensejavam está presente inclusive nos contos infantis:

Nos contos infantis, até o século XIX, a cidade ainda era vista como um lugar da liberdade. Em os

3 Tomo emprestado o conceito de Ventós (1998) para definir a vida urbana, ou urbanidade. Segundo o autor, urbanidade seria a existência de relações mantidas entre as pessoas sem a necessidade da troca de confidências ou experiências, isto é, o desenvolvimento dos jogos de aparências e desempenho de papéis próprios das cidades.

MÚSICOS DE BREMEN, dos irmãos Grimm (1812-1814), por exemplo, os animais saltimbancos idealizam a cidade como um lugar onde poderiam sobreviver sem dificuldades. (SILVA, 2006, p. 27, grifos no original).

São múltiplos e complexos os fatores sociais e históricos que levaram ao crescimento e reconfiguração da cidade, mas indubitavelmente há que se dar o devido crédito ao desenvolvimento da tecnologia, já citado, e o conseqüente crescimento econômico, que passaram a não apenas transformar os modos de produção das condições materiais da existência humana, como passaram a tomar parte efetivamente do cotidiano das populações, regulando a produção, a circulação, pertencimento e consumo, possibilitando a construção também de novos modos de existência:

Essa nova configuração da experiência foi formada por um grande número de fatores, que dependeram claramente da mudança na produção demarcada pela Revolução Industrial. Foi também, contudo, igualmente caracterizada pela transformação na vida diária criada pelo crescimento do capitalismo e pelos avanços técnicos: o crescimento do tráfego urbano, a distribuição das mercadorias distribuídas em massa e sucessivas novas tecnologias de meios de transporte e comunicação (GUNNING, 2004, p. 33).

Além dos exemplos de Gunning, refiro-me ainda, a título de ilustração, à energia elétrica que, ao adentrar os espaços das fábricas, alterou a capacidade produtiva dos setores industriais não apenas pela possibilidade de empregar novos e mais eficientes equipamentos, mas por ampliar o horário de funcionamento da própria fábrica, fazendo-a

funcionar ininterruptamente nos diferentes turnos de trabalho. Além disso, não demorou para esta tecnologia passasse a fazer parte do cenário urbano, iluminando as ruas e as casas. Isso possibilitou às cidades que disponibilizassem aos habitantes novos modos de organização do cotidiano: não apenas passou a ser possível a educação do trabalhador no horário noturno, como a cidade pode oferecer (e explorar) o comércio de bens e serviços neste horário.

O controle sobre os recursos naturais através da tecnologia e a melhoria da qualidade de vida propiciados pelo desenvolvimento de adequadas condições sanitárias (estas últimas, não sem antes as cidades terem vivido gravíssimos problemas relacionados especialmente com a precária qualidade da água e a destinação dos esgotos) fez com que aumentasse consideravelmente a qualidade e expectativa de vida das pessoas, seja porque passou-se a ter um significativo aumento do acesso da população aos recursos da saúde (especialmente o aumento da resistência a doenças devido à vacinação em massa das populações), seja devido à melhoria das condições de nutrição, propiciadas pela possibilidade de melhores condições de produção e de estocagem de alimentos para as grandes levas populacionais das cidades.

O desenvolvimento, nos últimos vinte a trinta anos e cada vez mais intensamente, da chamada Revolução Informacional redefine constantemente as relações, diminui as distâncias e o tempo de acesso às informações. Passou o computador de uso pessoal e outros equipamentos além deste, como telefones celulares com diversos usos, equipamentos para leitura de textos *on line*, *palm top*, caixas eletrônicas de bancos, a tomar parte do cotidiano dos cidadãos, seja para trabalho ou para diversão. É neste sentido que faz Araujo (2006) uma

analogia entre as redes da cidade e as redes tecnológicas de seus habitantes:

Quando pensamos no processo de expansão do corpo e mente humanos mediante a tecnologia, fica mais fácil conceber que a cidade como rede equivale à rede que uma pessoa é. Com a explosão de máquinas portáteis, que fornecem comunicação ubíqua sem fio e capacidade computacional, pessoas, organizações e espaços interagem em qualquer lugar ou tempo, enquanto simultaneamente dependem de infra-estrutura de suporte que gerencie os recursos materiais em uma rede de distribuição de informações (ARAUJO, 2006, p. 55).

Considerando que o desenvolvimento tecnológico propicia, portanto, o desenvolvimento à distância de diferentes ações do cotidiano, tais como o trabalho, o lazer, serviços estatais, compras, dentre outros, é do lugar ocupado por cada um, mediado pelos equipamentos e redes de infra-estrutura e suporte disponíveis, que se estabelecem novos tipos de relações com as práticas sociais, em que passam a ser substituídos, pelo menos em parte, os deslocamentos e contatos reais pelos virtuais.

Tais fatores, aliados à expectativa de acesso a melhores condições de trabalho, moradia, educação, lazer, dentre outros, fez que com as cidades exercessem verdadeiro fascínio sobre aqueles que dela não tomavam parte: em 2000, ano do último censo realizado no Brasil, 81,23% da população brasileira residia em cidades, contra 30,24% em 1940, números que revelam a vigorosa migração ocorrida nas últimas décadas no sentido campo – cidade (IBGE, 2003).

São conhecidos os efeitos daí decorrentes: aos migrantes, em sua

maioria pertencentes a classes sociais menos favorecidas, restou ocupar as regiões periféricas das cidades, em espaços com claras deficiências de estrutura habitacional, especialmente de equipamentos urbanos⁴. Além disso, segundo Silva (2006, p. 28), tal fenômeno fez com que “o exército reserva de mão de obra, conceito fundamental para se entender o pensamento marxista, fica eternamente na reserva, e se transforma na massa de trabalho informal”, tão comum nas cidades contemporâneas.

Não é possível esquecer que o acesso aos recursos oriundos do desenvolvimento tecnológico não acontece de modo homogêneo, posto que é alto o custo para a aquisição e manutenção em rede destes equipamentos e serviços. Adentra-se assim em outro ponto a ser pensado acerca das cidades: a intensificação da necessidade de consumo a partir da produção subjetiva destas necessidades pela mídia, que cria a idéia que a possibilidade de se usufruir de uma vida com melhores condições passa pela aquisição de determinados produtos propagandeados como imprescindíveis. A própria cidade deixa de ser apenas lugar de se estar e se conviver para se transformar em lugar de consumo, quando nela são construídos espaços tais como os *shopping centers*, por diversos autores entendidos como a marca emblemática das cidades contemporâneas. Cabe verificar a reflexão feita por Duarte (2006) acerca da construção destes estabelecimentos comerciais nas cidades:

É curioso notar como esses novos templos do

4 Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), equipamentos urbanos são “todos os bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados” (ABNT, 1986, p. 1). As categorias definidas pela norma são a circulação e transporte, cultura e religião, abastecimento, assistência social, educação, saúde, esporte e lazer, infraestrutura, segurança pública e proteção e administração pública.

consumo reproduzem, internamente, a mesma sintaxe espacial urbana da cidade tradicional, baseada na articulação das ruas (formadas pelo correr das fachadas), das quadras e das praças, funcionando para o usufruto das pessoas e não dos veículos motorizados. Tratam-se, no entanto, de entidades anti-urbanas (segregadas e apartadas do corpo-espaço coletivo da cidade), concebidas, construídas e controladas pela iniciativa privada para potencializar o consumo (DUARTE, 2006, p. 63).

A heterogeneidade das possibilidades de consumo das diferentes classes sociais cerceia para aquelas que ocupam posições economicamente marginais o direito ao acesso a bens e serviços urbanos e o próprio direito à participação em determinados espaços públicos. Não é sem motivo que diversos autores vêm caracterizando, deste modo, a cidade como originadora de conflitos e sentimentos de insegurança (DAVIS, 1993; BAUMAN, 2003; SILVA, 2006), considerando que não passa despercebido da população à margem do consumo desenfreado a perversa lógica capitalista que enseja oportunidades desiguais.

Se são diferentes as possibilidades de consumo, também o é a distribuição dos aparelhos urbanos, desproporcionalmente disponibilizados no espaço urbano, bem como, a valorização imobiliária das diferentes áreas da cidade. No que tange a este último ponto, é necessário salientar que não apenas nas grandes metrópoles, mas também nas cidades médias há regiões alvo da especulação mercadológica e que, portanto, tornam-se áreas altamente valorizadas, em que circula o capital, produtos, serviços e as oportunidades de trabalho e geração de renda. Em contraponto, nas regiões periféricas verifica-se a falta de investimento (seja público ou privado) e a desvalorização imobiliária e social (SOJA, 1999; ASSIS, 2005; TITON,

2008).

Esta valorização de certas áreas e desvalorização de outras, resultado da desigual distribuição da renda, não é apenas de caráter financeiro, já que passa pelo sentido simbólico que é dado para as diferentes regiões. Diz Assis (2005):

a valorização de determinadas regiões pode significar a segregação daqueles indivíduos economicamente desfavorecidos, assim como, os segmentos da população economicamente favorecidos deslocam-se para os espaços mais valorizados, distanciando-se das regiões mais empobrecidas da cidade (ASSIS, 2005, p. 21).

O crescimento das cidades e os efeitos daí decorrentes fazem com que este espaço se constitua como um campo heterogêneo de modos de vida, já que contém em si contradições e permanentes processos de transformação. A diversidade de usos do espaço público é exemplo destas transformações, pois é este espaço ocupado de diversos modos pelos distintos grupos sociais que fazem dele o lugar da comunicação de seus modos de existência. São grupos como as *crews* de grafiteiros, vendedores ambulantes, usuários do transporte público apressados para se ajustarem à ditadura do relógio, trabalhadores indo para o trabalho, pessoas em situação de rua. Para todos eles, o uso da cidade é diferente (OLIVEIRA, 2002; VELOSO, 2001).

Destarte, a própria definição dos conceitos que definem a cidade contemporânea e possibilitam, ainda que precariamente compreendê-la, estão em discussão, já que antigas referências antes hegemônicas já não são capazes de apreendê-la em toda sua diversidade e amplitude.

1.2 As crianças e a cidade

Marco Polo imaginava responder (ou Kublai imaginava a sua resposta) que, quanto mais se perdia em bairros desconhecidos de cidades distantes, melhor compreendia as outras cidades que havia atravessado para chegar até lá, e reconstituía as etapas de suas viagens, e aprendia a conhecer o porto de onde havia zarpado, e os lugares familiares de sua juventude, e os arredores de casa, e uma pracinha de Veneza em que corria quando era criança.

Ítalo Calvino (2009, p. 28)

Atentar para a complexidade das relações sociais desenroladas na cidade enseja também em se lançar um olhar para um grupo específico que faz uso dos espaços urbanos, e para quem nem sempre é pensada e planejada a cidade: as crianças. Normalmente a criança é pensada dentro dos tradicionais campos de estudo da Pedagogia, Psicologia, Pediatria, dentre outros, mas esquece-se que se trata de uma categoria que também participa ativamente da trama das relações sociais, nela constituindo-se e tomando parte na construção da cultura e da sociedade.

Pensar na cidade para as crianças e pesquisar *com* crianças (ao invés de pesquisá-las apenas) revela a intencionalidade de trazer ao cenário da discussão científica um comprometimento outro do que tradicionalmente vinha-se tendo com “o estado infantil em que os homens se encontravam nas idades precoces” (CECCIM, PALOMBINI, 2009, p. 303), seja no campo mesmo das ciências, seja no curso da história da sociedade ocidental nos últimos séculos. Tradicionalmente relegou-se à criança apenas a possibilidade de ocupar uma condição simbólica *pré-humana*, posto que pelo curso de seu desenvolvimento

poderia chegar ao objetivo maior de ocupar o lugar social de humano plenamente desenvolvido e no auge de sua capacidade produtiva:

O modelo de caracterização do humano que veio sendo construído no plano da visibilidade (no interior da moral e da lei) desde a Antiguidade até a Modernidade é o modelo de homem como sexo masculino, raça branca, adulto, de orientação heterossexual, detentor das faculdades de raciocínio lógico e consciência, possuidor de grande força física, que dá nome à família, possuindo bens e patrimônio que honram esse nome (CECCIN, PALOMBINI, 2009, p. 302).

Todavia, é necessário compreender a infância considerando as peculiaridades que caracterizam as crianças de grupos variados e de contextos diversos, bem como, dos diferentes usos que fazem do espaço da cidade, a partir do entendimento da infância não como uma fase da vida, natural a todos, com características universais que acobertam suas ações. A criança, sujeito produtor de cultura conforme já mencionado, sendo também moradora e transeunte da urbe, precisa apropriar-se dos significados deste *outro* que são as cidades contemporâneas, para continuamente produzir-se sujeito.

Todavia, reconhecer a categoria infância como um grupo que produz cultura e produz-se a si mesmo na trama nas relações sociais engendradas, e que, portanto, como qualquer outro grupo, toma parte na cidade, só é possível contemporaneamente depois de um longo percurso histórico de transformações sociais que finalmente reconhecem tal categoria. Porém, a relação da criança com a cidade, desde o surgimento desta última, sempre existiu, ainda que de diferentes modos que foram sendo construídos e transformados ao longo da história, acompanhando

as transformações da sociedade.

Talvez o autor mais conhecido no Brasil que inicia a reflexão sobre as transformações sobre a infância seja o historiador francês Philippe Ariès (1978), que se dedicou a estudar as transformações ocorridas na família. É este autor que, a partir das pesquisas que realizou, afirma que a família nuclear, a escola e o sentimento de infância foram surgindo ao longo da história. Para ele as crianças não eram vistas como inocentes e tampouco se pensava que elas deveriam ser protegidas do precoce conhecimento da sexualidade. Não tinham jogos e nem roupas desenvolvidos especialmente para elas e os artistas retratavam-nas como pequenos adultos.

Concomitante ao desenvolvimento de novos modos de relação com a infância na Modernidade, também foi se dando de forma contundente a separação entre a vida pública e a vida privada. Pode-se apontar este como o momento de cisão entre a infância e a rua, já que a infância, que antes possuía a rua e o bairro enquanto espaço de sociabilidade, passa a ser tutelada por médicos, juristas, pedagogos e psicólogos, ficando a partir de então restrita aos espaços domésticos. A vigilância que se passou a destinar às crianças elegeu o espaço da casa, portanto, como o lugar por excelência do cuidado e proteção, e a rua como seu oposto, lugar do perigo, do descuido e da desordem. “A rua, que antes acolhia as crianças e outros grupos de pessoas, sustentando e favorecendo formas muito próprias de convivialidade, foi tornada espaço público e palco do surgimento de uma nova ordem social, de uma urbanidade diversa e tensa” (MATIAS; FRANCISCHINI, 2007, p. 1).

Indubitável é a importância da rua para a configuração da cidade,

pois é nela que se realiza a cidade, a partir dos encontros e relações sociais que se dão neste espaço:

A rua é onde se materializam as transformações na trama física e na paisagem da cidade e ainda é o lugar de manifestações das relações sociais, das diferenças e das normatizações do cotidiano em momentos históricos diversos (MAIA, 2007, s/p).

No Brasil, foi apenas na primeira metade do século XX que os poderes públicos e entidades particulares iniciaram o trabalho de retirada das crianças das ruas, ambientes considerados inadequados, visando lhes oferecer melhores condições de vida, pois nesse período, na cidade do Rio de Janeiro as ruas estavam repletas de crianças abandonadas, órfãos, escravas, imigrantes pobres: uma massa andante cujos modos de existência eram diferentes do ideário burguês de sociedade. Tal situação levava as classes mais abastadas a desejarem a moralização de costumes, confinamento e regulação desta população, a fim de evitar revoltas (ABREU; MARTINEZ, 1997).

Apesar dos esforços dos atores acima citados, porém, muitas crianças conseguiram permanecer nas ruas. Filhas dos novos cidadãos (operários vindos do campo que aportavam nas fábricas das cidades que se industrializavam) passaram a ser entendidas como ameaça à nova configuração das cidades brasileiras, identificadas ao progresso e ao desenvolvimento, posto que tais crianças perturbavam a imagem destas cidades ordeiras: crianças circulando livremente pela rua passaram a ser relacionadas à vagabundagem e ao crime: “Nesse contexto, a rua era a posse pública ameaçada de desapropriação pelos personagens marginais das cidades, dentre os quais, essas crianças” (MATIAS,

FRANCISCHINI, 2007, p. 2).

Enquanto isso, no cenário mundial, em decorrência das mazelas vivenciadas pelas crianças no contexto da Primeira Grande Guerra, foi assinada por diversos países, em 1924, a Declaração dos Direitos da Criança, também chamada de Declaração de Genebra. Em 1959, a Assembléia Geral das Nações Unidas adotou a Declaração sobre os Direitos da Criança, reconhecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, e no Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, de 1966.

Sem adentrar nas questões relacionadas à formulação, no Brasil, do Código de Menores e seus posteriores desdobramentos, há que se pontuar que na década de 1980 passou-se a ter no país um período de articulação de vários movimentos que atuavam juntos às crianças, bem como, ao surgimento cada vez maior de denúncias e manifestações populares sobre elas: “as denúncias desnudavam a distância existente entre crianças e menores no Brasil, mostrando que crianças pobres não tinham sequer direito à infância” (RIZZINI, 1995, p. 160).

Respondendo a estas reivindicações articuladas na sociedade e visando à introdução no país dos avanços obtidos nos acordos internacionais em favor da infância e juventude, a Constituição Brasileira de 1988 determina, no artigo 227, o dever da família, da sociedade e do Estado de:

Assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração,

violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Dois anos depois foi assinado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), que regulamenta as conquistas em prol das crianças e adolescentes, exigidas pelo artigo acima citado. Neste Estatuto está definido que as crianças e os adolescentes, pessoas em condição peculiar de desenvolvimento, são sujeitos de direitos exigíveis com base na lei. São, portanto, detentoras de todos os direitos que têm os adultos e que sejam aplicáveis à sua idade. Além disso, são reconhecidos como absoluta prioridade, devendo em qualquer circunstância seus interesses prevalecerem.

Na relação da criança com a cidade, vale ressaltar as determinações que o ECA faz acerca das restrições ao acesso a certos lugares públicos: esta Lei define quais são os lugares dos quais estão excluídas as crianças e quais são os lugares que podem acessar com restrições, visando com isso garantir seus direitos básicos e responsabilizando os pais, a sociedade e o estado pelo cumprimento de tais determinações.

Define o estatuto, por exemplo, sobre as responsabilidades dos adultos e proibições referentes a materiais impressos impróprios ou inadequados a crianças e adolescentes, determinando que sejam comercializados em embalagem lacrada, com a advertência de seu conteúdo. Determina ainda que o judiciário é competente para disciplinar a entrada e permanência de criança ou adolescente, desacompanhado dos pais ou responsável, em estádio, bailes ou promoções dançantes e boates, bem como, sua participação em espetáculos públicos e certames de beleza. Às crianças menores de dez anos é proibido freqüentar lugares de espetáculos se não estiverem

acompanhados pelos pais, mesmo que indicados para a sua idade, bem como não podem se hospedar em hotel. Só podem viajar desacompanhadas dos pais depois dos doze anos de idade, desde que portem um documento de identidade original. Não é diferente em relação à programação disponibilizada pela televisão, que deverá seguir horários predeterminados em que veicule programas específicos destinados para crianças e adolescentes (BRASIL, 1990). Neste sentido aponta Bertuol:

Todas essas questões revelam um controle sobre a experiência que se quer que a criança tenha, ao mesmo tempo em que buscam criar uma certa cultura para a infância. De qualquer modo, não há possibilidade de meios-termos, porque as crianças estão separadas do mundo dos adultos, vivem um tempo de espera, como comprova, por exemplo, a impossibilidade de ir sozinhas a um espetáculo, programado para a sua idade. (BERTUOL, 2007, p. 5).

Se por um lado há restrições legais quanto ao uso e ocupação dos espaços da cidade, visando a garantia da integridade física e psicológica das crianças, por outro lado se antes foi resguardado a elas apenas o espaço protegido da casa, as crianças hoje, ainda que de forma incipiente, aparecem como figurantes da trama que compõe a complexidade da cidade e impõe sua presença: elas aparecem como usuários do transporte público, grupos divertem-se nos *shopping centers* (na cidade de Joinville é comum se observar grupos de crianças e adolescentes em um *shopping* no centro da cidade, ao meio-dia, almoçando com os pares), no entorno da escola voltando para casa em grupos, ocupando, portanto, o espaço da rua.

Importante observar o que indica Castro (2002):

A circulação e a presença da criança na cidade, ainda que transiente, colocam a criança e o jovem frente à pluralidade indisfarçável da vida coletiva que conduz hoje, de forma contundente, ao problema das diferenças e das desigualdades sociais. (CASTRO, 2002, p. 56).

Se estão circulando cada vez mais, apropriando-se dos espaços da cidade, podem assim as crianças perceber as contradições da sociedade de que tomam parte e de que elas próprias são sujeito e objeto, lendo na cidade as condições sociais que as fazem ocupar diferentes lugares.

É assim a cidade, compreendida como fonte de signos de uma cultura apropriados pelos sujeitos que nela se constroem, produto e produtora da infância. Entendo que a experiência de cidade vivenciada pelas crianças pode, além de proporcionar a apropriação dos aspectos funcionais e organizativos do espaço urbano necessários para o desenvolvimento prático das ações do cotidiano, ensejar a mobilização de sentidos atribuídos à cidade, evocando e mobilizando afetos.

Assim, se o lugar dado à criança dentro da sociedade adveio de um longo percurso de construções históricas em determinados contextos sociais, ainda contemporaneamente nem todas as crianças vivem a mesma infância, havendo contundentes diferenças nas diversas condições sociais, econômicas e culturais, que ensejam diferentes condições de infâncias e diferentes formas de se ocupar e produzir a cidade. Se tais condições não passam a elas despercebidas, entendo que as crianças podem então se tornar parceiras para tensionar e construir novos sentidos para a realidade, transformando a intolerante e perversa lógica que exclui e divide os diversos grupos sociais que ocupam a

cidade.

Se as cidades contemporâneas e a ocupação de seus espaços é ainda atravessada por esta lógica, com um significativo impacto negativo sobre a existência de uma parcela considerável da população que vive e luta pela subsistência de forma a negociar constantemente a ocupação dos espaços, isso não significa que a diversidade de grupos que fazem e refazem a cidade não façam dela emergir novas sensibilidades a fim de reinventar a existência, para criativamente questionar o que está posto, ultrapassando velhas compreensões da realidade.

Atento aqui, a exemplo de outros autores (FURTADO, 2007; ZANELLA, 2004; PELBART, 2003), que ao referenciar a criatividade dos sujeitos deve-se tomar cuidado para não apenas repetir o discurso que atende a lógica mercadológica e capitalista. Esta lógica clama por sujeitos mais competitivos, sensíveis, polivalentes, com iniciativa e aptos a trabalhar em equipe. Porém, conforme pontua Zanella (2004):

Buscamos sujeitos criativos sim, porém comprometidos com uma lógica outra que não essa lógica excludente imperante que divide grupos sociais, coletividades, nações e religiões, que produz e incentiva intolerâncias de diferentes ordens e se cega a diferentes formas de violência. (ZANELLA, 2004, p. 137).

Além disso, apelar para a criatividade também enseja em tomar cuidado para não fazer desta uma solução mágica para os diversos problemas da cidade e dos diferentes grupos que nela habitam e convivem, com suas dissonâncias e especificidades.

Todavia, é oportuno pensar, especialmente no âmbito de uma

reflexão assentada na Psicologia, acerca da existência de múltiplos e intercambiantes sentidos dados para a experiência da cidade e as estratégias articuladas por seus habitantes para dela se apropriarem, especialmente considerando-se os problemas decorrentes de seu crescimento acelerado que traz em seu bojo as questões já discutidas. Partindo-se do pressuposto que produzimos e ressignificamos constantemente os sentidos dados para a cidade e para a existência que nela se articula, infere-se que a produção criativa possibilita a emancipação dos sujeitos de uma realidade apenas reproduzida, articulando-se o passado para projetar o futuro, especialmente se lembrarmos o que afirma Vigotski (2009):

Se a atividade do homem se restringisse a mera reprodução do velho, ele seria um ser voltado somente para o passado [...]. É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando seu presente. (VIGOTSKI, 2009, p. 14)

1.3 A imagem e o olhar

Os olhos não vêem coisas mas figuras de coisas que significam outras coisas.

Ítalo Calvino (2009, p. 17).

Civilização da imagem que nos envolve e nos caracteriza (ALVES, 2004) e sociedade da imagem (ROS, 2006) são algumas possibilidades de se caracterizar o modo contemporâneo de relação com a realidade, isto é, uma realidade que se apresenta atravessada por uma profusão de imagens, sejam estas estáticas ou móveis, apresentadas nos

outdoors, televisão, Internet, revistas, dentre outros, tendo invadido todos os meandros da vida em sociedade. A imagem de tal modo se generalizou e contemporaneamente é a forma por excelência de se comunicar as informações de um mundo em constante movimento e transformação. Assim, prestar atenção às imagens considerando o cenário exposto e visando aguçar o olhar para os signos que a habitam, foi um dos motivos geradores de minha escolha para a realização da pesquisa tendo como eixo justamente a compreensão dos enunciados expostos nas imagens fotográficas, permitindo deste modo que a imagem fotográfica se imiscuisse nesta produção de conhecimento, potencializando a compreensão dos modos de produção da subjetividade contemporânea.

Pensar nesta profusão caótica de imagens que o contemporâneo impõe a todo cidadão é um convite a se pensar na história desta profusão imagética e conseqüentemente, na história da fotografia e os modos pelos quais esta última foi sendo caracterizada desde sua invenção. Com a disseminação das máquinas e da tecnologia de forma acelerada a partir de meados do século XIX, acelerou-se também a transformação nos modos de produção com a industrialização, a urbanização (conforme já discutido) e o comércio internacional.

Resultado do desenvolvimento de uma máquina, a imagem fotográfica está indelevelmente associada ao desenvolvimento da sociedade industrial, posto que surge e é utilizada para atender a necessidade de imagem desta sociedade, investida de valores positivistas da reprodutibilidade, da exatidão e de controle. “A fotografia surgiu, então, como um recurso para ampliar as linhas de visibilidade, como uma forma de exercício do olhar sobre o trabalho e sobre o mundo, onde

este trabalho de realiza, se atualiza, se ritualiza” (TITTONI, 2009b, p. 19).

Segundo discutido por Rouillé (2009), sendo a fotografia uma máquina de ver e tendo surgido quando o olho humano se encontrou desprevenido diante de tantas novidades, complexas e em expansão, vem produzir visibilidades modernas relacionadas aos novos modos de se desenvolver a ciência, a técnica e a indústria. Nos tradicionais modos de se produzir imagens (desenhos e pinturas), estas eram produzidas para a contemplação e admiração e continham em si o que o desenhista conseguisse perceber, o que pode compreender, o que desejou reter em sua obra. Nada mais anti-moderno, nada mais subjetivo. Do contrário, à fotografia foi atribuído o poder de representar o real: captar, registrar, fixar, documentar. Uma evolução do olhar.

Criada, forjada, utilizada por essa sociedade [a sociedade industrial nascente], e incessantemente transformada acompanhando suas evoluções, a fotografia, no decorrer de seu primeiro século, como destino maior conheceu apenas o de servir, de responder às novas necessidades de imagens da nova sociedade. De ser uma ferramenta. Pois, como qualquer outra, esta sociedade tinha necessidade de um sistema de representação adaptado ao seu nível de desenvolvimento, ao seu grau de tecnicidade, aos seus ritmos, aos seus modos de organização sociais e políticos, aos seus valores e, evidentemente, à sua economia (ROUILLÉ, 2009, p. 31).

Da lenta e *sui generis* produção imagética do desenho à transformação química do material fotográfico que resulta na associação do real à imagem, aproxima-se então a fotografia da cada vez mais crescente industrialização, em contraponto ao artesanal do desenho e da

pintura. Mais do que isso, “o olho do especialista não é o olho do pintor. Ver conforme a ciência não é ver conforme a arte” (ROUILLÉ, 2009, p. 41). É assim que a fotografia é tomada de forma utilitária pela ciência enquanto imagem-documento que representa e reproduz o real, para justamente arquivar este real, isto é, produzir inventários sob a forma de álbuns dos mais diversos campos de pesquisa: Arquitetura, Arqueologia, Biologia, Medicina, bem como, outros domínios da vida, como a guerra, os retratos de pessoas célebres, cenas do cotidiano. Organizando as imagens-documentos em álbuns, necessariamente se classifica, redistribui, ordena e organiza o real. “Nesta vasta empreitada, a fotografia-documento e o álbum (ou o arquivo) desempenham papéis opostos e complementares: a fotografia fragmenta, o álbum e o arquivo recompõem os conjuntos. Eles ordenam” (ROUILLÉ, 2009, p. 101).

Destarte, se por um lado a câmera fotográfica é resultado do desenvolvimento da ciência moderna, por sua vez também a fotografia contribuiu para modernizar a ciência, afirmando seu caráter de utilidade e neutralidade e apartando de si todo indício de subjetividade que nela poderia haver, posto que sujeito e objeto não poderiam se confundir entre si: para a fotografia documental negou-se a autoria e a subjetividade do fotógrafo, isto é, negou-se o enunciado presente nas escolhas pelo objeto fotografado, pelo foco, profundidade, enquadramento. Negou-se ainda a relação do fotógrafo com o objeto fotografado, já que a fotografia documental forneceria cópias da realidade, reproduzindo o real.

Todavia, os preceitos da ciência moderna começaram a encontrar resistência e receber críticas. O subjetivo, o contexto, o local e o histórico passaram a ser categorias que se impuseram à ciência, fazendo

com que novos métodos de pesquisa fossem problematizados a fim de se produzir conhecimentos que considerassem a participação do homem na produção da realidade. Acompanhando a transformação da sociedade, a fotografia também passou por novas significações: em meados do século XX, mas principalmente em suas duas últimas décadas à fotografia foi dada a condição de discurso.

O tempo transcorrido desde a invenção da fotografia e sua concepção documental até sua compreensão como discurso que contém as escolhas contextualizadas e históricas do fotógrafo decorre, além do próprio processo de transformação da sociedade industrial à informacional, da relação da imagem fotográfica com a prévia existência das coisas fotografadas, ainda que recusando a singularidade e o contexto.

Vários foram os autores de relevância que corroboraram com a idéia de marca, rastro, índice, reprodução ou aderência do referente à imagem fotográfica, como Peirce (2000), falando da característica indicial da imagem fotográfica; Dubois (2009), ao abordar a implicação da imagem com o objeto fotografado; ou ainda Barthes (1994) que defende a idéia de aderência do referente à imagem fotográfica, já que segundo ele, esta imagem apresenta o “isso-foi”.

Certamente a proposta de todos estes autores confirmava a tradição documental da imagem fotográfica, fazendo com a compreensão da fotografia como enunciado fosse objeto de querela entre os estudiosos da questão. Porém, é necessário pontuar que a compreensão da imagem fotográfica como discurso não exclui dela sua possibilidade documental. O convite, ao contrário, é o de entender a fotografia não apenas como uma representação do real: pode ser

documento, sem dúvida, mas também discurso que traz no seu bojo o enunciado de um sujeito que tem no objeto fotografado a possibilidade de um encontro com um *outro* que toma parte do acontecimento fotografar. Fotografar não seria mais apenas

representar, registrar, captar aparências, mas exprimir situações humanas que ultrapassem amplamente a ordem do visível. A imagem não é mais o produto de um ato pontual, mas resultado de um trabalho que ultrapassa, e muito, o curto momento da filmagem (ROUILLÉ, 2009, p. 183-184).

A fotografia assim pode deixar de estar calcada apenas na concepção de veiculadora da verdade objetiva, mas pode conter em si o processo fotográfico contextualizado, social e histórico. Vale transcrever aqui trecho de Rouillé acerca desta questão, ainda que longo, para elucidar tal ponto:

Na realidade, a fotografia é, ao mesmo tempo e sempre, ciência e arte, registro e enunciado, índice e ícone, referência e composição, aqui e lá, atual e virtual, documento e expressão, função e sensação [...]. Não mais considerar a fotografia como uma máquina abstrata, obedecendo somente a seus mecanismos internos, constantes e universais, mas abordá-la enquanto prática social, plural, perpetuamente variável. Não isolar, de um lado, o ponto de vista material e, de outro, as dimensões sociais, econômicas e naturalmente estéticas; nem separar o dispositivo técnico das práticas, dos usos e das imagens (ROUILLÉ, 2009, p. 197-198).

Portanto, a produção imagética, independente dos contextos em que é produzida ou de seus autores, não é uma produção neutra,

desvinculada deste contexto e da história dos seus produtores. Fundamental destacar, ainda, que não compreendo a fotografia como um dispositivo auxiliar para dizer o mesmo de outro modo. Ao contrário, compreendo como dispositivo subjetivador, que tem a potência de mudar o modo como se olha o mundo: o olhar é outro a partir das imagens. A fotografia, portanto, é uma produção cultural e como tal provoca efeitos de subjetivação agenciados pelos signos nela veiculados, que produzem um modo de ser no mundo e um modo de ver o mundo.

Assim, a fotografia veicula discursos de sujeitos situados historicamente. Sendo discursos, seus significados podem ser lidos, apropriados e ressignificados, seja pelo contemplador da imagem, seja por seu próprio autor (então já também contemplador), sujeitos capazes de estabelecer com esta obra novas relações e que agenciam daí uma constelação de novos sentidos. Explica Bakhtin (2003), ao dizer que o processo de compreensão de um discurso é marcado pela responsividade sógnica, que o signo produzido está respondendo a outro signo em um encadeamento infundável e dinâmico. Assim pode dar-se na contemplação de uma fotografia: um encontro de consciências mediadas pelo signo, uma consciência compreendendo outra, e esta, produzindo novos sentidos a esta compreensão primeira.

Este olhar criador que contempla a realidade e dela retira os elementos para a produção fotográfica, para com seu resultado modificar esta realidade primeira é resultado de uma construção histórica produzida “nas/pelas relações sociais em que pessoas concretas se inserem e das quais ativamente participam” (ZANELLA, 2006). Olhar mediado semioticamente, construído na história das relações, olhar que concebe outros olhares, forja redes urdidas na história dos sujeitos que

se cruzam, que cruzam olhares e palavras, olhar produzido socialmente, olhar possível de ser esteticamente educado.

Pensar nesta educação estética do olhar exige certa reflexão, pois a leitura das imagens é um exercício de compromisso com a experiência racional e sensível de tomada de consciência (JOBIM E SOUZA; LOPES, 2002). Admitindo-se que a fotografia pode propiciar aos sujeitos o estabelecimento de relações estéticas, é necessário elucidar o sentido aqui dado para estética. Para isso, tomo emprestada a abalizada proposta de Sánchez Vázquez que ensina que estética é certa forma de relação com o mundo historicamente construída, isto é, certo modo de apropriação da realidade atravessada pela qualidade do sensível, a partir da produção ou fruição de um objeto estético. Diz ele: “a estética é a ciência de um modo específico de apropriação da realidade, vinculado a outros modos de apropriação humana do mundo e com as condições históricas, sociais e culturais em que ocorre” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1999, p. 47). Também inspirada pelos ensinamentos deste autor, afirma Zanella (2006, p. 36) que é estética a “dimensão sensível, enquanto modo específico de relação com a realidade, pautado por uma sensibilidade que permita reconhecer a polissemia da vida e transcender o caráter prático utilitário da cultura capitalística”.

Partindo dessa concepção, pode-se afirmar que o objeto das relações estéticas está justamente na relação estabelecida entre o sujeito e este objeto, marcada pela história e contexto social deste sujeito contemplador, bem como, pela história deste objeto dentro deste contexto social.

Para se pensar a dimensão estética da imagem fotográfica, há que se buscar aprender a olhar o mundo indo aos detalhes, decompondo

mosaicos, como diz Jobim e Souza (2002), para então melhor enxergar a figura que reina majestosa no todo de uma revelação figurativa. Para que isso seja possível, não se pode separar a imagem da palavra, pois é por esta última que a imagem enriquece e ganha contornos. Decompõem-se as imagens em palavras para então poder devolver ao outro as possíveis interpretações daquilo que é visto. As imagens podem assim se tornar mediadoras de um diálogo entre pessoas que buscam outros modos de narrar sua experiência no discurso (JOBIM E SOUZA, 2002).

Pode-se pensar assim em forjar formas outras de se olhar e reinventar a vida, rompendo-se com o que Zanella (2006) denomina de massificação das sensibilidades, característica da sociedade de consumo. Assim, a imagem fotográfica pode propiciar que se teçam olhares estéticos, olhares outros que possibilitam experiências diferentes nos caminhos já conhecidos.

1.4 Para se compreender o sujeito

Marco Pólo descreve uma ponte, pedra por pedra
 - *Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? - pergunta Kublai Khan.*
 - *A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco*
 - mas pela curva do arco que estas formam.
Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:
 - *Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.*
 Pólo responde:
 - *Sem pedras o arco não existe*

Ítalo Calvino (2009, p. 79).

Pensar na sustentação teórica de uma pesquisa que tem por proposta investigar processos de significação de discursos imagéticos por crianças, focando-se no processo de constituição do sujeito, requer

explicitar o modo como os autores que dão norte a este trabalho compreendem o processo de tornar-se humano.

Inicialmente, há que se demarcar a importante contribuição de Vigotski para a compreensão do processo de constituição social do psiquismo humano. Pautando suas premissas nas formulações marxistas e transpondo o método dialético às análises da Psicologia, este autor, buscando entender a gênese e o desenvolvimento dos processos psicológicos, atribui à mediação semiótica lugar central no desenvolvimento humano. Logo, o enfoque histórico-cultural entende a pessoa como um ser inerentemente social, histórico e cultural.

Cabe, todavia, um olhar um pouco mais atento à temática da consciência: é de fato lugar comum dentro do campo psicológico atual (marcado, como é sabido, pela diversidade de vertentes teóricas) a afirmação da importância dos aspectos *sociais* para a constituição do sujeito. O que fundamentalmente caracteriza e diferencia a compreensão da gênese do psiquismo para o enfoque histórico-cultural em Psicologia é o pressuposto de que os processos psicológicos superiores tem, radicalmente, sua origem da apropriação da significação da vida social.

Cada pessoa que se constitui psiquicamente na alteridade, pelos processos dialéticos de subjetivação/objetivação, nada mais é que a síntese das relações que vivencia. Logo, é a consciência um contato social que o sujeito faz consigo mesmo. Diz ainda Vigotski que a consciência de si mesmo é o resultado do movimento do reconhecimento dos demais: “Temos consciência de nós mesmos porque a temos dos demais e pelo mesmo mecanismo, porque somos em relação a nós mesmos o mesmo que os demais em relação a nós” (VYGOTSKI, 1996, p. 17-18). Radicaliza-se aí uma relação alteritária, portanto.

Alteridade, diga-se de passagem, ainda que termo pouco usado por Vigotski, está constantemente presente em sua teoria, posto que o autor indica a dimensão das relações com um outro em seus escritos, conforme explica Zanella (2005):

Considerar que cada pessoa é um ‘agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo’ [tal como menciona Vygotski] significa afirmar que, ao mesmo tempo há um ‘eu’ e não há. Não há um ‘eu’ originário, deslocado dos outros, da realidade, enfim, do que o constitui como humano e como possibilidade de diferenciação (ZANELLA, 2005, p. 103).

Destarte, essas questões apresentam duas premissas fundamentais para a compreensão da constituição do sujeito segundo o enfoque histórico-cultural em Psicologia: o trabalho (objetivação da vida cultural dos homens) e sua apropriação (subjetivação) pelo homem⁵. O modo como se dá este processo é justamente o desafio que tomou para si Vigotski, que buscou explicitar esta questão e superar as concepções até

5 Neste texto prioriza-se a utilização do termo *apropriação*, de tradição marcadamente marxista, em contraponto ao termo *internalização*, utilizado por Vigotski, ainda que ambos revelem aspectos do mesmo processo dialético de apropriação da realidade pelo *sujeito*, por meio da mediação semiótica. Vale pontuar o tempo histórico no qual viveu Vigotski (início do século XX) e as influências a que estava sujeito, considerando que, como teórico do campo da Psicologia que foi, utilizou-se do léxico disponível naquela época nesta área do conhecimento. A leitura que hoje se faz de seus textos permite compreender que quando este autor utiliza, no desenvolvimento de suas teorias, conceitos como *internalização*, obviamente não se refere a um processo de pura assimilação de conteúdos (que estariam localizados dentro de uma lógica funcionalista). Para Zanella (2007), o conceito *internalização* é questionado no que se refere a sua terminologia, pelo fato de, no léxico contemporâneo da Psicologia, revelar uma suposta dicotomia (interno/externo). Todavia, a autora mesma explica que tal dicotomia “é superada pelo próprio Vygotski em razão da concepção de homem e mundo em que se sustenta.” (ZANELLA, 2007, p. 80). Esta mesma questão lexical está presente quando se escolhe utilizar a expressão *processo psicológico superior*, em vez de *função psicológica superior*, dentre outros exemplos. Neste texto procurei utilizar as palavras que, dentro da língua portuguesa e da tradição psicológica contemporânea, minimizam as dúvidas quanto a seu significado. Todavia, quando é feita alguma citação direta de trechos de textos de Vigotski, não fiz qualquer alteração, respeitando as escolhas dos tradutores.

então existentes no campo psicológico da época.

O ponto crucial do enfoque histórico-cultural em Psicologia para esclarecer este processo de apropriação está justamente no fato de Vigotski, ao realizar pesquisas com crianças, atribuir à linguagem o papel de instrumento psicológico e ao mesmo tempo como constitutiva da subjetividade, isto é, considerar a linguagem aquilo que possibilita a interação social e conseqüente apropriação das relações sociais pelos sujeitos.

Melhor esclarecendo: considerando que toda ação humana destina-se a modificar o meio em que vive e que necessariamente esta atividade modifica também o sujeito, afirma-se que esta relação com o mundo não se dá de forma direta: é mediada pelos instrumentos e pelos signos. Os primeiros são as ferramentas que conformam a ação sobre os objetos do mundo, a efetiva modificação da natureza. Já os segundos implicam na “regulação sobre o psiquismo das pessoas” (PINO, 1991, p. 36), isto é, propiciam a modificação do próprio sujeito que os enuncia e a transformação dos outros, no processo dialógico da interação. Ambos são resultado da condição histórica da humanidade, da constante transformação, apropriação e ressignificação da cultura.

Assim, há que se lançar um olhar para um dos principais pilares da teoria formulada por Vigotski, isto é, o conceito de mediação semiótica. Producente para auxiliar na compreensão sobre o que é mediação neste referencial teórico é o texto escrito por Pino (1991), no qual o autor explica que o termo é “utilizado para designar a função dos sistemas de signos na comunicação entre os homens e na construção de um universo sócio-cultural” (PINO, 1991, p. 33). Continua explicando o autor que são os signos apropriados pela criança que permitem o

desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, estes sociais, ao se ligarem aos processos elementares⁶. Logo, os signos organizam a ação instrumental da criança, possibilitando que sua ação seja pensada em função dos fins planejados. Tem-se aí a explicação de como um novo ser da espécie incorpora aquilo que está posto pela cultura, humanizando-se e incluindo-se no que Pino (1991) nomeia de cultura humana.

Encontra-se aqui a unidade de análise indicada por Vigotski para a compreensão da gênese da consciência: o sentido da palavra (ainda que a mediação semiótica não seja redutível a este). Vejamos:

A consciência é refletida na palavra tal como o Sol se reflete numa gota de água. A palavra está para a consciência assim como o pequeno mundo está para o grande mundo, como a célula viva está para o organismo, como o átomo está para o cosmos. A palavra é o pequeno mundo da consciência. A palavra consciente é o microcosmo da consciência “humana”. (VIGOTSKI, 2001, p. 486).

O autor, nesta passagem, revela a importância do sentido da palavra para ter feito dela o centro de suas investigações. Para ele “o sentido da palavra é a soma de todos os eventos psicológicos evocados em nossa consciência graças à palavra. O significado é só uma dessas zonas do sentido, a mais estável, coerente e precisa” (VYGOTSKI, 1991, p. 333).

⁶ Para Vigotski, os processos psicológicos elementares (percepção, atenção, memória) são de origem biológica e caracterizam-se pelas ações involuntárias e imediatas. Já os processos psicológicos superiores (atenção voluntária, memória lógica, pensamento abstrato) são sociais por origem e resultantes da interação entre os processos psicológicos elementares e a cultura. Segundo ele, a linguagem é que permite a transformação dos processos psicológicos elementares em superiores (WERTSCH, 1988).

Bakhtin favorece a compreensão da idéia de sentido, gerado desta evocação contextualizada, já que este autor voltou-se de forma mais delongada à compreensão do contexto. Para ele,

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico* (BAKHTIN, 1999, p. 32, grifos no original).

Ainda que o Círculo de Bakhtin tenha realizado seus estudos a partir do referencial teórico marxista, o sentido aqui dado para o termo ideológico escapa à compreensão inicial a este termo dada por Marx. Miotello (2008) explica que estes estudiosos entendiam que a produção teórica marxista até aquele momento tinha da questão ideológica uma leitura mecanicista que procurava estabelecer ligações diretas entre os acontecimentos nas estruturas socioeconômicas e suas consequentes repercussões nas superestruturas ideológicas. Para Bakhtin e seu círculo, há que se considerar, além da ideologia oficial, a ideologia do cotidiano, isto é, aquela que está presente nos “encontros casuais e fortuitos, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida” (MIOTELLO, 2008, p. 169). Isto é, é justamente no encontro de enunciados que se dá pelos signos, no cotidiano, que se localiza a ideologia.

Ora, se temos assim que todo signo, ao ser anunciado, carrega o

contexto do qual tomou parte, por conseguinte todo signo será ideológico, visto que em si traz a carga valorativa daquele que o anunciou – que por sua vez contém em si a sociedade da qual faz parte:

Vozes diversas ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente, entre as várias épocas do passado, entre os vários grupos do presente, entre os futuros possíveis e contraditórios. (MIOTELLO, 2008, p. 172).

Considerando ainda que Bakhtin afirma que “*a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos*” (BAKHTIN, 1999, p. 33, grifos no original), temos que este autor não localiza definitivamente o signo na consciência, mas, ao contrário, afirma que “a consciência individual é um fato sócio-ideológico” (BAKHTIN, 1999, p. 35). Destaca ainda que:

todo o fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra qualquer. Neste sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. (BAKHTIN, 1999, p. 33).

Constata-se assim que é pela apropriação dos signos, seus sentidos e significações, que se dá por meio das relações sociais, que cada pessoa se constitui como tal. Ao aprender, o sujeito se apropria destes sentidos, dando então seu próprio tom à cultura. “Afinal, compreender um signo consiste em aproximar um signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma

resposta a um signo por meio de signos (BAKHTIN, 1999, p. 34).

A constituição do sujeito, portanto, se dá no inelutável encontro dos seres, nos quais um é afetado pelo outro, produzindo transformações que são irreversíveis a ambos. Logo, a constituição de um eu só se dá nas e pelas relações sociais. Constituições singulares, certamente, mas indelevelmente marcadas pelo outro.

É neste movimento de subjetivação/objetivação que o sujeito cria sua própria vida e recria a cultura em que está inserido, produzindo novos sentidos, objetivando-os em novos signos, novas ferramentas. Vale destacar que esta atividade criadora é atividade caracteristicamente humana, consistindo-se em tudo que se objetiva em algo novo (VIGOTSKI, 2009).

Posto que nesta pesquisa a criação de imagens fotográficas foi objeto de meu olhar, cabe voltar a reflexão para o modo como se dá o processo de criação, segundo o que Vigotski postula. Para este autor, a criação acontece inicialmente pela reconfiguração imaginativa dos significados já experienciados pelo sujeito criador e objetivados em novos produtos, novos discursos, novos sentidos:

Toda atividade do homem que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência pertence a esse segundo gênero de comportamento criador ou combinatório. O cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento (VIGOTSKI, 2009, 13-14).

É necessário, no entanto, que haja um rompimento das relações

entre os elementos percebidos na realidade, atividade importante para todo o desenvolvimento intelectual do sujeito, sendo base para o pensamento abstrato e a formação dos conceitos. Há uma desconstrução, isto é, uma separação em partes de tudo o que foi percebido e nesta desconstrução os elementos são transformados pela imaginação. Subsequentemente há uma nova recombinação destes elementos transformados. O processo todo culminará na objetivação de um novo produto, na materialização das imagens produzidas.

Pode assim o homem, ao criar, contribuir para modificar seu presente. Além disso, percebe-se pela citação acima a importância que dá Vigotski à questão da imaginação, posto que, conforme já dito, o homem produz sua existência à medida que planeja suas ações conscientemente, projetando para o futuro o resultado de sua atividade, antecipando o que daí resultará.

Vigotski toma como modelo explicativo para o processo criador um movimento circular infundável: os elementos que permitem ao homem criar são apropriados da realidade (importante não esquecer que a apropriação da realidade nunca se dá de forma *pura e completa*: o sujeito sempre se apropria somente daquilo que lhe é significativo); pela imaginação, passam por uma completa reelaboração e finalmente, são objetivados, voltando para a realidade em uma nova forma, capazes de modificar a própria realidade de onde foram originados. Envolvidos neste movimento circular implicam-se fatores intelectuais e emocionais, ambos indispensáveis para a criação (VIGOTSKI, 2009).

Porém, falta compreender em que constituiria o gatilho para o processo de criação, isto é, a motivação do sujeito para embrenhar-se neste processo de reconfiguração da realidade: novamente vou me

apoiar em Vigotski (2001) para elucidar tal questão, lembrando que diz este autor justamente que o pensamento nasce da esfera motivacional de nossa consciência (tal esfera emocional, segundo o autor, contém em si nossas motivações e necessidades, interesses ou impulsos, nossos afetos e emoções): tratam-se dos aspectos afetivo-volitivos. Entramos assim no campo das necessidades e dos interesses.

Diversos são, portanto, os ingredientes necessários para a criação, apontados por Vigotski (2009): a experiência, que traz elementos para a imaginação; a capacidade combinativa destes novos elementos que deve o sujeito exercitar; os conhecimentos técnicos adquiridos; as necessidades; os aspectos afetivo-volitivos. Porém, tão importantes quanto estas características, são as condições sociais em que está o sujeito inserido, que determinam o material com o qual a imaginação conta. Nesta direção também caminham Zanella, Balbinot e Pereira (2000), ao questionarem o que explicaria, além da necessidade, o fato de alguns sujeitos formarem vínculos inesperados e outros reproduzirem o já posto. As autoras entendem que a resposta a esta questão está em que, “no momento em que o sujeito se prende a padrões estéticos, segue regras cristalizadas e socialmente partilhadas, fica sob a égide de normas grupais coercitivas partilhadas pelo seu grupo de referência” (ZANELLA; BALBINOT; PEREIRA, 2000, p. 542), sendo mais difícil romper com o que já está posto. Para libertar-se destas questões, continuam as autoras, depende o sujeito de se enxergar como de fato o sujeito da ação. Quer dizer, entender-se como aquele que pode provocar mudanças no que está posto. No mesmo sentido que acima ressaltai acerca das condições sociais na qual está o sujeito inserido para que haja processos de criação, também as autoras indicam que o sujeito, para

apresentar tal versatilidade, dependerá de seu grupo de referência, posto que tal versatilidade é também produzida socialmente.

Por fim, cabe dizer que nesta objetivação se impõe completamente as marcas subjetivas daquele que cria. Sendo este criador também um produto singular de seu tempo histórico, este processo será marcado pela sua própria história e sentidos dados aos acontecimentos por ele vivenciados. Maheirie (2003) bem ensina que este processo criador nada mais é que uma articulação temporal realizada pela subjetividade que nega a objetividade, almejando modificar esta objetividade numa nova objetividade, sempre determinada pela subjetividade de seu criador.

Assim, este entendimento nos permite supor que não é a criatividade inerente ao sujeito. Dependerá do processo acima descrito e das possibilidades constituídas na história daquele que cria.

2 A PESQUISA COMO ACONTECIMENTO

Existe um momento na vida dos imperadores que se segue ao orgulho pela imensa amplitude dos territórios que conquistamos, à melancolia e ao alívio de saber que em breve desistiremos de conhecê-los e compreendê-los, uma sensação de vazio que surge ao calar da noite com o odor dos elefantes após a chuva e das cinzas de sândalo que se resfriam nos braseiros, uma vertigem que faz estremecer os rios e as montanhas historiadas nos fulvos dorsos dos planisfério [...]. Somente nos relatórios de Marco Polo, Kublai Khan conseguia discernir, através das muralhas e das torres destinadas a desmoronar, a filigrana de um desenho tão fino ao ponto de evitar as mordidas dos cupins.

Ítalo Calvino (2009, p. 9)

A aproximação das crianças que foram convidadas para participar da pesquisa, que aconteceu entre maio a julho de 2009, se deu por meio de uma escola pública municipal localizada na periferia da cidade, o que revela não apenas um interesse científico, mas também um compromisso político na luta contra a exclusão, questão esta que me é significativa. Oportuno mencionar que o bairro em que está localizada esta escola é um contexto em que já havia tido a oportunidade de realizar intervenções profissionais, fato que facilitou desde sua caracterização até minha inclusão neste espaço,

Passo então, neste capítulo, a descrever os procedimentos adotados para a realização da pesquisa e os procedimentos adotados para a realização da análise dos dados.

2.1 Procedimentos para a realização da pesquisa

Há duas maneiras de se alcançar Despina: de navio ou de camelo. A cidade se apresenta de forma diferente para quem chega por terra ou por mar.

Ítalo Calvino (2009, p. 21)

A escolha por me aproximar dos sujeitos de pesquisa por meio da escola se dá porque é esta a instituição que por excelência no Brasil congrega as crianças, inclusive por obrigatoriedade legal. Portanto, um local em que há a reunião de uma significativa quantidade de crianças, com faixas etárias próximas.

Porém apenas os primeiros encontros com as crianças, propiciados pela etapa de observação, foram realizados neste espaço. Isto se deu porque conforme Zanella e Nuernberg (1997), a escola é um contexto em que os sujeitos, implicados no processo ensino/aprendizagem, desenvolvem processos psicológicos e apropriam-se de hábitos e atitudes historicamente produzidos, experienciando diversas possibilidades de se posicionarem em relação aos conhecimentos e aos demais. Portanto, um local repleto de sentidos. Como o objetivo desta pesquisa não alcança os meandros das relações engendradas nos contextos de escolarização formal, elegi como local para sua realização outro espaço público de reunião de pessoas, ainda que soubesse que a escola ocupa um lugar de centralidade na vida das crianças, já que passam pelo menos um turno do dia neste espaço, ao longo de vários anos. As opções eram a Associação de Moradores do bairro em que seria realizada a pesquisa, cuja sede é no mesmo

quarteirão da escola, ou no salão paroquial de uma igreja católica localizada também no mesmo quarteirão.

Em ambos os espaços apresentei a proposta da pesquisa e em ambos fui bem recebida. Todavia, por ocasião do início das atividades o espaço da Associação de Moradores estava emprestado para a Prefeitura Municipal instalar o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS). Assim, emprestei uma ampla sala do prédio anexo à igreja, com algumas mesas e cadeiras. Além disso, estava disponível para as crianças o pátio da instituição, para ser utilizado para brincadeiras que porventura quisessem desenvolver. Necessário ressaltar que participaram da pesquisa crianças de diversas denominações religiosas, conforme pudemos ir percebendo durante os encontros, o que leva a concluir que o fato de a atividade ter sido realizada no salão da congregação católica não interferiu na participação das crianças que não faziam parte desta comunidade. Tomamos conhecimento de que o local é costumeiramente disponibilizado para atividades da escola e de outras instituições do bairro, logo, as crianças tinham familiaridade com o lugar.

Foram convidados a participar desta pesquisa os estudantes do quinto-ano de uma das escolas do bairro Jardim Paraíso, em Joinville, que oferece o ensino fundamental. Esta escola fica estrategicamente localizada no bairro, isto é, em um local de fácil acesso, tanto para quem mora no local quanto para quem vem de outros bairros: para este local converge um ônibus do transporte público do bairro. Além disso, é uma escola que fica próxima à Associação de Moradores, conforme já posto, à escola de ensino médio do bairro, a um centro de educação infantil e a igrejas diversas.

A escolha por estudantes do quinto ano se deu porque a faixa etária média das crianças é de dez a doze anos de idade. O Estatuto da Criança e do Adolescente considera crianças as pessoas com até doze anos incompletos. Todavia, não foi o critério legal o principal norteador de minha escolha, mas o fato de ser esta uma idade em que, comumente, às crianças da periferia é permitido circular nas imediações de suas residências, muitas vezes indo e vindo da escola sozinhas, com os irmãos ou com os colegas de classe. A princípio, pareceu-me que esta maior mobilidade pelo seu entorno propiciaria uma maior liberdade para elas criarem fotografias. Posteriormente se constatou que de fato as crianças participantes da pesquisa têm esta mobilidade garantida, pois comumente vão e voltam da escola sozinhas, ou com os irmãos menores, ou também bastante comum, com os colegas que moram em residências próximas as suas.

A escola em que estudam as crianças possuía três classes de estudantes do quinto-ano em 2009. Após a realização de observações e de ter formado vínculo com a direção da escola, a diretora, após ouvir e acolher a proposta, sugeriu que a pesquisa fosse realizada especificamente com determinada turma, já que o professor desta classe estava tendo alguns problemas relacionados à saúde, precisando se ausentar do trabalho por algum tempo. Segundo a diretora, durante estes períodos de afastamento do professor foram designados diversos outros professores substitutos, conforme disponibilidade de horário destes.

Assim, estive presente na sala de aula das crianças que seriam convidadas a participar da pesquisa, observando o desenrolar da aula, conversando com elas, conforme iam surgindo oportunidades para isso. Nas três tardes que passei com eles, de fato cada período de 50 minutos

havia troca de professores (inclusive a própria diretora precisou assumir algumas destas aulas). Constatei, em um episódio ocorrido, que os estudantes em algumas situações sequer sabiam o nome dos professores substitutos, conforme registro no caderno de anotações:

Talvez por estar sentada há bastante tempo na mesma cadeira, pequena para meu tamanho e o cansaço já estar batendo a minha porta, após me apresentar para a nova professora que adentrava a sala, voltei para meu lugar e acabei distraíndome com a fala das crianças. Quando me voltei para os rascunhos, havia esquecido o nome desta professora. Discretamente (e considerando o imenso tumulto que reinava na sala, com diversas crianças correndo, outras gritando) perguntei ao garoto que estava sentado a minha frente na fila de carteiras como era o nome dela. Espontaneamente o menino levantou seu braço e gritou: “Professora, como é teu nome?”, ao que ela respondeu: “Pra quê tu quer saber?”. Ele não teve dúvidas: “É ela aqui que quer saber!”. Neste instante, dividi-me entre ficar encabulada pela situação e estupefata pelo fato de ele não saber o nome da professora, que já havia estado na sala com eles em outras ocasiões.

Infelizmente até o término das aulas do primeiro semestre, não tive mais a oportunidade de estar na sala de aula das crianças até o retorno do professor regular da classe. Nestes dias que lá estive pude observar então uma sucessão de professores que adentravam a sala e que aparentemente tinham por objetivo fazer com que escoassem os 50 minutos que lhes cabiam, posto que não havia, ao que parecia, um planejamento prévio com uma sequência de conteúdos a serem ministrados. Além disso, eram constantes as reclamações dos professores acerca desta classe: boa parte dos 50 minutos de cada aula

eram dedicadas a fazer com que os estudantes ocupassem suas carteiras, voltassem-se para a frente e deixassem de conversar uns com os outros. Para conseguir isso, os professores acabavam lançando mão de apelos emotivos, gritos ou ameaças.

Durante a investigação, quatro foram os meios para a coleta de informações: 1) observações; 2) o desenvolvimento de uma oficina de fotografia; 3) a realização de entrevistas; 4) as fotografias produzidas pelas crianças. Tive o cuidado de entabular reflexões diversas, especialmente com a orientadora da pesquisa, para organizar o planejamento destes quatro meios de coleta de informações, considerando as especificidades da realização de pesquisas com crianças: há que se ponderar, por exemplo, sobre se nossas escolhas de recursos para a expressão das crianças são adequadas para a faixa etária com a qual se vai trabalhar, bem como, sobre a necessidade de se ter sensibilidade para o ambiente cultural em que estão inseridas. Neste sentido, procurei observar as recomendações de Campos (2008), que lembra que as crianças podem precisar de mais tempo para se envolver com a proposta da pesquisa: encontrar as formas como cada criança melhor se expressa, além de ser algo trabalhoso, toma considerável tempo do pesquisador. Todavia, são procedimentos necessários para a realização de uma pesquisa-intervenção ética e comprometida com a integridade dos sujeitos pesquisados.

Ainda na esteira das considerações éticas da pesquisa com crianças, desde o início diversos dilemas estiveram comigo para a tomada de certas decisões. Dilemas estes fundamentais ao pesquisador, posto que quando se trata do cuidado e proteção garantida à criança,

dobra deve ser a vigilância no que se refere à pesquisa com estes sujeitos do enunciado, também sujeitos de direitos.

Partilhando das preocupações discutidas por Kramer (2002) acerca destas implicações éticas de se pesquisar com crianças, impôs-se que fossem pensadas algumas estratégias de cuidado que atendessem às determinações legais de proteção à criança e não subsumissem sua participação na pesquisa. Refiro-me a três aspectos a serem problematizados: o uso do nome das crianças, o uso de sua imagem e o uso das imagens por elas produzidas.

Mas antes de refletir sobre estes aspectos, descrevo os procedimentos que tomei a fim de atender às determinações legais necessárias para a realização de pesquisas com seres humanos: a) submissão e aprovação do projeto ao Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina; b) esclarecimento dos pais/responsáveis pela criança sobre todas as especificidades envolvidas neste trabalho (objetivos da pesquisa, procedimentos, sigilo, direito de sanar dúvidas, participação voluntária, possibilidade de desistência, dentre outros). c) Solicitação da autorização dos pais das crianças participantes para a utilização das fotografias por elas produzidas para divulgação de fins acadêmicos. d) Solicitação aos pais, a fim de atender ao disposto na Resolução 196/1996, do Conselho Nacional de Saúde, da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (conforme modelo que consta no apêndice A).

Visto que não é apenas atendendo, mecanicamente, aos dispositivos legais impostos que se alcança todos os meandros de um fazer comprometido e ético, as reflexões se constituíram como campo

certamente mais difícil do que elaborar o TCLE e atender às outras determinações legais. Vejamos: se temos como proposta um fazer que entenda a criança como um sujeito do discurso, isto é, que autoriza a ela um lugar simbólico de alguém que detém um conhecimento importante sobre sua própria existência, sobre o modo como é ser criança contemporaneamente e especificamente, no caso das crianças desta pesquisa, sobre o que é ser criança de um bairro de periferia, tradicionalmente marcado pela exclusão, comprometia-me a fazer de sua fala a voz de um sujeito com um nome e um rosto.

Mas por outro lado, não tem definitivamente o autor de uma pesquisa o poder de controlar o que dessa pesquisa será feito depois de publicada. Mau uso das informações prestadas pelas crianças sobre sua vida e sobre as condições de existência de suas famílias poderia colocá-las em risco, caso revelassem críticas à escola em que estudam ou revelassem como inadequadas as condições de vida delas e de suas famílias em decorrência de uma possível má administração pública do bairro (condição esta última que de fato apareceu em várias falas das crianças participantes da pesquisa). Soma-se a isso o fato de que as crianças, ao explicitarem aspectos de sua existência, revelaram vivências em que presenciaram situações de violência, questão esta que apareceu em muitas falas:

Lari: Mataram um homem lá perto da minha casa, sabia? Lá na frente.

Pesq.: Lá na frente?

Lari: Lá na casa da vizinha. Meu, faz tempo, 2007 já. Daí... deram uma machadada na cara do homem. E daí deram um tiro de vez. Falaram que o homem tava mexendo com a mulher e daí dois

homens já tiraram ele. O pai da minha melhor amiga. Daí ela pegou e foi embora (...).

Considerando que há apenas duas escolas públicas de ensino fundamental neste bairro e já que entendo que seria inadequado não referenciar o nome da escola que me acolheu nos agradecimentos desta dissertação, considerei indispensável omitir os nomes verdadeiros das crianças, protegendo sua privacidade e permitindo maior liberdade de expressarem o que de fato sentiam.

Como saída para este impasse metodológico, optei por seguir a sugestão discutida por Kramer (2002, p. 47) para situações semelhantes a esta: “Em alguns contextos, diante do grande envolvimento e da integração entre pesquisador e crianças, decidimos pedir às crianças que escolhessem os nomes com que queriam ter na versão oficial do trabalho”. Assim fizemos: depois de refletir com elas sobre esta necessidade, o processo de escolha de seu nome para a pesquisa passou a ser um momento até divertido, em que puderam optar pelos nomes que dariam a si mesmos, caso pudessem fazê-lo. Curiosamente, não surgiram nomes de personagens famosos, exceto um. Os nomes escolhidos pelas crianças são comuns ao cotidiano de todos nós: foram lembrados nomes de parentes chegados, amigos queridos, pessoas admiradas, dentre outros.

Se o uso do nome das crianças é assunto que se impõe à discussão, também o é o uso de suas imagens. Sabendo da profusão imagética em que se vive contemporaneamente e do conseqüente abuso do uso de imagens de crianças, escolhi dialogar com elas sobre a autorização dada por seus pais para que pudessem ser utilizadas as imagens da cidade por elas produzidas, ressaltando que além desta

autorização, também me interessava sua própria opinião.

Busquei então travar com estas crianças um diálogo sobre seu interesse em ter suas fotografias estudadas e publicadas, buscando problematizar com elas a questão e deixando-as livres para a escolha. Além disso, ainda que durante o desenvolvimento da oficina tenha-se produzido dezenas de fotografias (seja pelas crianças, pelos auxiliares de pesquisa ou por mim mesma), optei por não analisar aquelas em que as crianças pudessem ser identificadas, pelos mesmos motivos já descritos na discussão sobre o uso de seus nomes. Interessante pontuar que ao dialogar com as crianças sobre a proposta da oficina e sobre as fotografias da cidade que estavam sendo convidadas a produzir, uma delas lembrou que alguma pessoa que estivesse pela cidade poderia não gostar de ser fotografada. Aproveitamos para justamente dialogar sobre este ponto: que as pessoas têm o direito de escolherem se querem ou não ser fotografadas, bem como se querem ou não ter sua imagem divulgada. Conjuntamente buscou-se uma solução: procuraríamos ter o cuidado de produzir fotografias em que as pessoas não pudessem ser identificadas ou que anuíssem em ser fotografadas.

Feitas estas considerações, passo agora a descrever os procedimentos utilizados para a coleta de informações:

1) As observações:

O primeiro tipo de fonte de informações buscada, além das próprias experiências profissionais que eu já havia tido naquele bairro, foi a realização de novas observações, realizadas nas imediações da escola, nesta mesma e em outras escolas, nos locais de reunião de

pessoas - Associação de Moradores, CRAS, terminal de ônibus urbano e em caminhadas pelas principais ruas do bairro, a partir de maio de 2009.

Para a realização desta tarefa, baseei-me no que propõe Vianna (2003), que dá algumas indicações metodológicas sobre a observação como método de pesquisa, destacando que anotações cuidadosas e detalhadas constituem os dados brutos destas observações. É importante, segundo este autor, saber ver, identificar e descrever diversos tipos de interações e processos humanos. Assim, das observações foram feitas anotações em um caderno próprio para isso a partir de visitas aos locais acima mencionados, quer dizer, anotações não sistematizadas de situações variadas relevantes para a pesquisa.

Além disso, busquei inspiração para esta andança pelo bairro no texto de Peter Spink (2008), buscando, conforme sugere o autor, não virar as costas para o cotidiano e para os micro lugares que compõem este cotidiano. Para o autor, são os micro lugares produtos e produtores de processos sociais e identitários, isto é, “nós, eles, os temas a serem debatidos, com quem conversamos, como e onde vivemos” (p. 71). O cotidiano é composto por milhares destes micro lugares, construídos por nós em uma tarefa coletiva e ininterrupta. Propor-se a imergir no cotidiano é aceitar uma inserção caótica nas especificidades das ações sociais, parcial e localizada. Diz o autor: “O apelo figurativo para os micro-lugares é um apelo para a importância dos pesquisadores se conectarem com os fluxos constantes de pessoas, falas, espaços, conversas e objetos” (p. 71). Assim busquei fazer, tentando aprender a prestar atenção na negociação de sentidos agenciados do cotidiano, disponibilizando-me a conhecer o outro e deixar-me também conhecer pelo outro, valorizando não só aquelas entrevistas com o roteiro

previamente planejado, mas também as conversas espontâneas que tive a sorte de estabelecer, seja com o presidente da Associação de Moradores, líder comunitário determinado a mudar a imagem que a cidade tem do bairro; seja com a orientadora pedagógica que, ao comentar sobre como naquele lugar é belíssima a paisagem proporcionada pelas belezas naturais, diz que ali se misturam beleza com lixo; ou ainda com a professora de Educação Física que não queria ter sido designada para lecionar naquele bairro, enquanto comenta que determinado aluno tem problemas, *é autista...*

Também nestas andanças tive a oportunidade de receber alguns exemplares do jornal do bairro, editado a partir da assessoria recebida pela Associação de Moradores de um curso de graduação de Jornalismo de uma faculdade da região. Trata-se de um periódico mensal, com oito páginas e tiragem de três mil exemplares, com distribuição gratuita, visando ser um espaço para a expressão dos moradores do local. Ao folhear o jornal, concluí que as reportagens são escritas pela própria comunidade e algumas são escritas pelo estagiário de Jornalismo do curso que assessora a publicação do periódico. Pude encontrar este periódico sendo disponibilizado em diversos pontos de circulação de pessoas no bairro: não apenas na recepção da secretaria da escola, mas também no CRAS, na recepção da igreja católica, dentre outros. Por tratar-se de um periódico com circulação mensal e gratuita, o gasto gerado para sua publicação é mantido por alguns microempresários locais, conforme explica o padre local:

Toda dificuldade estimula a sobressair de nosso conforto e nos coloca na linha de frente de desafios. É assim que queremos iniciar nosso ano

de trabalho. Nosso jornal passou por um período de dificuldades, mas agora temos força redobrada. A organização da equipe, em relação à parte de imagem e organização do jornal, e comprometimento de nossos empresários que nos estimulam a continuar trabalhando pelo nosso bairro. Diante da necessidade, foi feita uma comissão, pelo conselho de bairros, que representasse o Jornal do Paraíso junto aos nossos estabelecimentos comerciais, a fim de lhes pedir que nos ajudassem a manter o jornal circulando. Preferimos representações de dentro do bairro, gente comprometida e que conhece nossa realidade. A que nos colocamos a caminho [...]. (PARCIANELLO, 2009, p. 2).

Percebe-se nas palavras do líder religioso, transcritas no Editorial da edição de abril de 2009, um desejo em manter de forma autônoma a publicação do veículo de comunicação, dependendo apenas da própria comunidade. Mantendo a publicação em dia e com recursos próprios, os líderes comunitários mantêm-se no intuito de mudar a visão que a comunidade tem de seu próprio bairro, bem como mudar a visão que a cidade tem do lugar, considerado por muitos como um bairro violento. Segundo um psicólogo da rede municipal de saúde com quem tive a oportunidade de dialogar sobre o bairro e sobre o jornal, é esta *com certeza a maior expressão de empoderamento político da comunidade a partir de uma ação coletiva de emancipação dos estigmas*.

Intentei, ao retornar das andanças, registrar os acontecimentos não só no papel, mas principalmente, gravar na memória os acontecimentos e as palavras, tal como uma tatuagem na pele, que passa a compor quem sou, assumindo minha parte “numa comunidade moral mais ampla” (SPINK, 2008, p. 74), junto *com* as crianças, que estavam dispostas a fazer deste trabalho algo também delas, junto *com* estudantes

da graduação em Psicologia (auxiliares de pesquisa), estremecidos pelo acontecimento “pesquisar”.

Ao caminhar pelas ruas do bairro, tem-se a impressão que a vida rural esta muito presente ainda, considerando a distância do bairro em relação ao ritmo frenético do centro da cidade, além de não ser difícil ver animais pastando em terrenos baldios. Assim se lê no caderno de anotações realizadas após as primeiras observações do bairro:

Que trajeto longo até lá! O ônibus, lotado de pessoas, dava voltas e mais voltas, sacolejando e levantando poeira por onde passava. Alguns adolescentes voltavam da escola e enquanto o ônibus fazia sua enorme volta, disputavam os lugares que eventualmente ficavam desocupados. Outras pessoas, enquanto esperavam, olhavam a esmo a paisagem que passava, ora de casas, ora imensos vazios urbanos, ocupados por vegetação e rios entrecortando a estrada. Duas mulheres, sentadas no banco a minha frente, encontraram caído no chão do ônibus um par de meias, aparentemente de criança, usada. Disfarçadamente, recolheram na bolsa, comemorando em seguida o achado, que serviria perfeitamente para o sobrinho. Neste momento passamos pelo cemitério do bairro, em que se percebia, pelo aglomerado de pessoas em determinado ponto, que acontecia um funeral. Curiosamente, praticamente todas as pessoas se esgueiraram para o lado da condução em que poderiam melhor ver as pessoas que lá estavam, querendo, com o olhar, mais informações sobre quem seria aquele de quem se despediam as pessoas.

Retornar para o bairro, depois de dois anos sem lá estar, presentificou-me a distância para até lá se chegar e a dificuldade de acesso. Os horários dos ônibus são relativamente escassos, considerando

o tamanho da população que lá habita, além de serem ônibus desgastados pelo uso que são destinados para esta linha. Isso torna o trajeto consideravelmente desconfortável, já que a conservação das estradas em tempo de chuva, por exemplo, é precária. Os solavancos são intensos e é necessário estar atento para não ser arremessado ao chão ou contra as laterais do ônibus. Em tempo de chuva, além disso, transitar a pé pelo bairro inevitavelmente obriga os transeuntes a enlamearem-se:

Hoje quando cheguei em casa, de volta do bairro, tive a impressão que tinha feito uma incursão para a lavoura, pois roupas e tênis estavam completamente embarrados. Isso me incomodou, devo registrar: fiquei pensando sobre as garotas maquiadas e com o cabelo escovado, talvez 15 ou 16 anos, que ao tomarem o mesmo ônibus que eu, vindo em direção ao centro da cidade, talvez para encontrar alguém ou simplesmente para passear no shopping, revelavam sua condição social pelo barro colado em suas sandálias de salto alto. Certamente que sua condição social, sua história, sua origem é revelada seja pela roupa sem marca, seja pelo penteado, ou gestos ou palavras. Meu estremecimento está em saber que este barro colado no salto é resultado de perversidade de um sistema que explora o mercado imobiliário à exaustão. Mas com barro ou não, as meninas vêm para o centro. As meninas aí estão.

As questões que experienciei nos dias que estive no bairro fazendo observações, isto é, a falta de infra-estrutura, a exemplo do que ocorre também em outras regiões afastadas da cidade de Joinville, é a condição vivenciada pelos moradores do bairro e sentida cotidianamente quando precisam se deslocar para outras regiões, seja para trabalhar, seja para ter acessos aos serviços públicos essenciais. Essas inadequadas condições de acessibilidade e de moradia impõem ao poder público local

a necessidade de promover diálogos com a comunidade a fim de efetivar um planejamento urbano que venha a sanar tais problemáticas. Necessário pontuar que para os urbanistas e o poder público uma das maiores preocupações oriundas do crescimento acelerado das cidades pequenas e médias (até 500 mil habitantes) está em que a formação de novos conjuntos habitacionais em regiões distantes inevitavelmente gera gastos aos cofres públicos para o estabelecimento e manutenção de ruas, calçamentos, rede de água e esgoto, eletricidade e outros bens públicos.

Com a preocupação de discutir o planejamento urbano da cidade, em junho de 2010 o poder legislativo realizou, com o apoio de diversas organizações locais, um Fórum de Planejamento Urbano, chamando a comunidade para a discussão sobre o que é o planejamento urbano e como este processo deve ser feito na cidade. Na discussão realizada neste evento, pode-se perceber teóricos defendendo a idéia da importância do adensamento do uso e ocupação do solo urbano de Joinville, buscando assim, controlar a área urbana como meio para justamente diminuir o alto custo da infraestrutura. Os teóricos participantes do evento, em sua maioria arquitetos, urbanistas e engenheiros, propõem a criação de políticas públicas de incentivo à concentração da população nas áreas centrais da cidade.

Todavia, nas últimas décadas, apesar de os urbanistas já estarem indicando que a solução para melhores condições de vida está neste adensamento, não é o que se tem visto. A própria criação do bairro Jardim Paraíso em 1980 e seu posterior crescimento (como adiante será discutido) revelam que, ainda que a intenção seja esta, é nas regiões da periferia que encontram possibilidades de assentarem-se as famílias migrantes que buscam melhor empregabilidade em Joinville, já que é

nestas regiões, ainda não tão exauridas pelo mercado imobiliário, que é possível adquirir um lote para a construção da moradia da família. Certamente que esta aquisição, muitas vezes feita apenas através de negócios concretizados verbalmente, não necessariamente oferece segurança e garantias ao comprador do imóvel, já que considerável quantidade dos terrenos disponibilizados neste e em outros bairros, não possui sua documentação regularizada legalmente.

2) A oficina

Para realizar a pesquisa desenvolvi durante o mês de julho de 2009, com a equipe de auxiliares de pesquisa e com as crianças participantes, uma oficina de fotografia voltada a propiciar espaços para a construção de vínculos entre todos os envolvidos, apreensão de alguns conceitos básicos sobre fotografia e, principalmente, discussões sobre aspectos da cidade, para enfim, propor às crianças a produção de imagens daquilo que chamasse sua atenção na cidade. A última etapa proposta foi a realização de entrevistas com os participantes.

A escolha pela realização de uma oficina, além dos propósitos acima, situa-se no objetivo de, mais do que criar uma situação oportuna para a realização das entrevistas e fotografias que servem à pesquisa, propiciar a realização de uma intervenção que possibilitasse um espaço coletivo para a sustentação de interações:

As oficinas, como instrumento de pesquisa e intervenção, se inserem dentro de uma visão que valoriza a capacidade de reflexão dos sujeitos, sejam eles participantes ou pesquisadores, dentro das atividades da pesquisa. (CASTRO, 2001a, p.

28).

Além disso, tinha como propósito criar uma estratégia que revelasse o cuidado com a realização de investigação com crianças, já que este tipo de pesquisa exige do pesquisador posicionamentos diversos daqueles exigidos com sujeitos de outras faixas etárias.

Vale lembrar, ainda, que a realização de encontros com crianças para discutir aspectos de sua vida, para refletir com elas questões sobre a cidade e, mais, sobre o olhar que lançamos e aprendemos a lançar para a cidade, possibilita a emergência entre elas de aspectos sobre a existência que dificilmente teriam espaços outros para serem discutidos coletivamente. Logo, estes encontros podem revelar diferenças nos olhares, afinidades, dificuldades e soluções em comum.

Assim, ainda no período de observações, após me apresentar às crianças e professores e solicitar sua autorização para assistir algumas aulas, convidei todos os estudantes da classe indicada pela diretora, para participar da oficina de fotografia, explicando do que se tratava a proposta e esclarecendo as dúvidas de todos. Desde o início procurei explicar a elas sobre a importância do consentimento dos respectivos responsáveis para a participação na atividade, bem como, enfatizar o caráter que se tratava de um convite e não uma obrigatoriedade, e que, portanto, poderia por elas ser decidido se seria ou não aceito.

Deste modo, após convidá-las, explicar os objetivos da proposta e tirar eventuais dúvidas, deixei com cada uma das crianças um convite, a ser entregue aos responsáveis, convidando estes para participar de um encontro. A princípio, planejei realizar este encontro em um sábado, objetivando conciliar o horário do encontro com a disponibilidade dos pais das crianças. Todavia, a direção da escola afirmou que o

agendamento em um sábado não traria bons resultados, pois segundo sua experiência, eventos realizados pela escola neste dia da semana não resultavam em quórum significativo. Assim, agendamos o encontro para uma quarta-feira à tarde. Das 28 crianças matriculadas na classe, compareceram cinco pais/responsáveis, com os quais se realizou a reunião.

Durante esta reunião apresentei a proposta da pesquisa, buscando explicar seus objetivos e procedimentos, sanando as dúvidas que surgiam. Importante destacar que os pais demonstraram duas grandes preocupações: a primeira esteve relacionada aos supostos custos que a atividade geraria para as famílias:

Estive apreensiva nestes últimos dias: eu tinha que realizar a reunião com os pais das crianças convidadas para participar da pesquisa, a fim de apresentar a eles a proposta e explicar meus objetivos, para ter seu consentimento para a participações de seus filhos na atividade. Porém, agendar este encontro em uma quarta-feira à tarde, em minha opinião, não permitiria que considerável quantidade de pais pudesse participar, já que é horário em que comumente as pessoas estão em seu local de trabalho. Mas foi esta a sugestão da orientadora pedagógica da escola, que possui experiência na questão, posto que eventualmente realiza também convite aos pais para que venham até a escola tratar de assuntos diversos. Chegada a hora da reunião, tivemos a presença de dois pais, duas mães e uma irmã adulta, das crianças do quinto ano. Fizemos uma roda de conversa no espaço da biblioteca da escola, expondo a eles minha intenção. Roda de conversa, pois de fato o encontro caracterizou-se por um diálogo, já que não se tratou apenas de eu estar falando e eles escutando: uma das primeiras preocupações deles era a de que a atividade teria custo. Queriam compreender como era possível

eu estar propondo uma atividade que disponibilizaria máquinas fotográficas descartáveis para as crianças, cujas fotografias produzidas teriam que ser reveladas, sem haver custo para as famílias.

Pude então perceber que os pais temiam que a proposta apresentada na verdade constituía-se de um curso para as crianças, que geraria custos a eles se anuissem que seus filhos participassem. A outra preocupação manifestada pelos pais presentes foi de saber o que seria feito com o resultado desta pesquisa, conforme a transcrição de um trecho do caderno de anotações das observações:

Outra preocupação exposta pelos pais presentes foi especificamente sobre o que eu, vinda de fora, faria com o que eu tomasse conhecimento acerca das crianças e do bairro: explicaram que seu questionamento se dava porque não queriam mais que pessoas de fora do bairro para lá fossem transitar, conhecer seu modo de vida e o que lá acontece, para depois publicar na mídia fatos que denigrem a imagem do bairro perante a sociedade, imagem esta já tão desgastada. Segundo o que contaram, há cerca de dois anos era comum jornalistas para lá se dirigirem, questionarem a população e depois publicarem reportagens com perspectivas negativas do bairro e da população, caracterizando todo o bairro como violento e perigoso. Continuaram explicando ainda que esta percepção que a sociedade tem do bairro em muito prejudica a população, que passou a não mais conseguir inserção no mercado de trabalho. Segundo eles, há episódios de violência, mas são casos isolados e todos relacionados ao tráfico de drogas, sendo que a maioria da população é “gente digna e honrada, trabalhadores que moram aqui há muito tempo”.

Em 2006, quando desenvolvi atividades no bairro com jovens de uma escola pública de ensino médio e dentre estas atividades tive a oportunidade de realizar um encontro de discussão com eles, um discurso semelhante foi encontrado: ao dialogar com os jovens sobre suas perspectivas de futuro, eles revelam a condição da precarização do trabalho juvenil e o preconceito quando procuram trabalho, pelo fato de serem moradores deste bairro. Relataram naquela ocasião que é comum alterarem seus endereços em seu currículo profissional, colocando o endereço de algum parente ou amigo que reside em outra localidade, pois se mantiverem os seus próprios, sequer serão chamados para participar de processos seletivos. Além disso, naquela ocasião também foram enfáticos ao afirmar: *aqui só morre quem se envolve com droga. Senão, não dá nada.*

Percebe-se que a população local verbaliza uma divisão no que se refere a sua organização espacial. Em seus discursos dividem-se entre aqueles que têm suas casas em trechos de terrenos regularmente documentados e aqueles que constroem suas casas nas regiões de *invasão* – questão adiante discutida. Também em seus discursos dividem a população entre *os de boa família*, de um lado, e *os traficantes* (importante destacar que não há relatos de uma possível correlação entre esta distribuição geográfica e a prática do tráfico de drogas). Estas rupturas nos discursos acerca da população também pode ser percebida nos enunciados dos profissionais que lá trabalham, mas que em sua maioria não reside no bairro, como professores da rede pública de ensino e profissionais de outros serviços prestados pelo estado. No relatório das atividades lá desenvolvidas em 2006, assim se lê:

Percebemos que o discurso da direção, dos ATP's [assistentes técnico-pedagógicos] e de alguns professores apresentou-se muitas vezes contraditório: em muitas falas percebeu-se o excessivo cuidado com o disciplinamento e controle dos estudantes, vendo-os muitas vezes como violentos e perigosos, conforme já relatado. Algumas falas inclusive denotaram medo. Todavia, também falaram que são *peessoas boas, de boas famílias, que só precisam de um pouco de atenção* (PEROVANO et al, 2006, p. 89).

Assim, seja na fala dos pais durante o encontro realizado para obter seu consentimento para a participação de seus filhos na pesquisa, que se caracteriza como contrapalavras àquelas publicadas na imprensa, seja nas palavras do padre no editorial do Jornal do Paraíso, pode-se perceber esta ruptura que busca revelar, com insistência, que a imagem veiculada na mídia não é exclusiva e que resistem a uma classificação fácil: verifica-se aí a polifonia urbana, que cria embates dialógicos entre estas diferentes idéias produzidas pelas interações sociais que se dão ao longo da história do bairro, idéias contraditórias, certamente, a revelar que “[...] *em todo signo ideológico confrontam-se índices sociais*. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (BAKHTIN, 1999, p.46, grifos no original).

Além da fala dos pais, ou do discurso do padre que busca manter o jornal do bairro sendo publicado apenas com recursos locais, há que se considerar ainda as falas dos profissionais e dos jovens que se articulam e são enunciadas individualmente, mas revelam questões significativas para a comunidade, que se organiza e resiste. Nestes múltiplos enunciados enredam-se os discursos que compõem o que é o bairro: multifacetado, multiforme. Em cada uma destas falas há sentidos que as transcendem e que nos remetem a históricas relações sociais, prévias

inclusive à própria formação do bairro, mas que abarcam o modo como esta localidade foi se desenvolvendo: a organização e o crescimento desordenado das cidades, a lógica da ocupação do solo urbano, a exploração imobiliária e o acesso (ou falta dele) dos recursos tecnológicos, urbanos e culturais.

Em todas estas falas, destarte, encontra-se transposta em experiência comunicável a vivência da cidade de cada um dos sujeitos com quem tive contato, mas mais além, encontra-se também as relações sociais não diretamente enunciadas, mas que estão sendo evocadas quando os discursos apontam para esta polifonia urbana que revela as diversas valorações dos significados atribuídos aos acontecimentos sociais.

Dando sequência à descrição dos procedimentos adotados para a realização da oficina de fotografia com as crianças, é necessário salientar que além destes cinco pais/responsáveis com quem pude dialogar em um primeiro momento, posteriormente tive a oportunidade de conversar também com os pais das demais crianças que manifestaram interesse em participar da atividade, pois estes pais vieram trazer os filhos no primeiro encontro da oficina, quando pude então apresentar o TCLE e obter seu consentimento. Também conversei com alguns pais por telefone, explicando os procedimentos da pesquisa e tirando suas dúvidas, solicitando sua autorização para a participação das crianças na pesquisa. Nesta última situação, as crianças levaram o TCLE para os pais e posteriormente o trouxeram de volta devidamente assinado.

Das vinte e oito crianças matriculadas no quinto ano e que foram convidadas, dezesseis compareceram no primeiro encontro. Destas dezesseis crianças do quinto ano, três tinham como condição para a

participação trazerem consigo irmãos mais novos, que estavam sob seus cuidados enquanto os pais trabalhavam (logo, estes irmãos também foram convidados para participar das atividades). Além disso, compareceu neste primeiro dia um garoto que também estudava no quinto ano na mesma escola, mas em outra classe, chamado por uma das meninas do grupo, e foi convidado a participar da pesquisa. Eram vizinhos e amigos e Mai queria que seu amigo Maicon também *tivesse a oportunidade de fazer este curso*. Busquei dialogar com Maicon, para explicar do que se tratava a pesquisa e que eu precisaria que seus pais soubessem e consentissem que ele ali estivesse e participasse das atividades. Na semana seguinte Maicon retornou com sua autorização devidamente assinada pelos pais.

Assim, vinte crianças participaram da oficina, durante o mês de julho de 2009, mês das férias escolares. O desenvolvimento das atividades se deu em cinco encontros, com frequência semanal, no mesmo dia da semana, previamente combinado com os pais e com as próprias crianças, no período matutino. Combinei também com os pais que a duração dos encontros seria de 1h 30min, ainda que algumas vezes este tempo tenha extrapolado em alguns minutos, já que algumas crianças sempre preferiam conversar um pouco mais, pois *em casa ficaria sozinho mesmo*.

Não posso afirmar que a semana que transcorreu entre o último encontro com as crianças na escola e o início efetivo das atividades da oficina tenha sido sem apreensão. Do convite feito até o comparecimento delas no local, data e horário agendados, havia um lapso de tempo propício para preocupações, dúvidas e angústias, sejam geradas pela incerteza do saber-fazer no plano concreto, para além do

planejamento, seja pela dúvida se o convite seria aceito pelos participantes. Certamente a preparação propiciada pela graduação em Psicologia, bem como as experiências profissionais posteriores a esta, favoreceram a preparação do planejamento das atividades. Todavia, precisei tomar cuidado para que esta preparação não se tornasse amarras de meu fazer, pois sabia que seria necessário estar disposta ao inesperado, às surpresas que o encontro com as crianças proporcionaria. Afinal, é isso que nos permite ver o ainda não visto, conhecer o mesmo ou o diferente, mas sempre com outros olhares aos sentidos intercambiantes.

Chegado o dia do *primeiro encontro* (por sinal, um típico dia chuvoso de julho, o que nos deixou apreensivos - eu e os auxiliares de pesquisa -, mais uma vez, sobre o quórum que a atividade alcançaria), chegamos ao local agendado com as crianças, já as vendo de longe: uma correndo aqui, outra vindo de lá, outra ainda dizendo que guarda-chuva é desnecessário. Assim, de um lado pude novamente encontrar algum sinal de tranquilidade, pois os esforços até então despendidos no trabalho de observação já haviam possibilitado algum tipo de vínculo; por outro, a apreensão pela materialização de algo que até então havia sido exaustivamente pensado e repensado se instalou: ali estavam os que antes eu chamada de sujeitos de pesquisa. Agora estes sujeitos tinham um rosto, um nome, uma idade, um sorriso, uma timidez disfarçada, ou um jeito maroto escancarado.

Neste dia propusemos a realização de uma atividade com o intuito de que todos os participantes se apresentassem. Apesar de quase todas as crianças ali presentes já se conhecerem, esta foi a primeira ocasião que os auxiliares de pesquisa, que não haviam participado da

observação em sala de aula, puderam conhecê-las e se tornar conhecidos. Buscamos neste encontro criar/aproximar vínculos, bem como, sensibilizar o grupo para a pesquisa que estava sendo proposta. A atividade foi a realização de uma brincadeira conhecida, seja por crianças ou adultos: o amigo secreto (também chamado de amigo oculto). Nesta atividade, adaptamos a tradicional troca de presentes: aqui, cada participante apresentou aquela pessoa cujo nome sorteou.

Este foi um momento em que pudemos conhecer os grupos de afinidade que havia entre eles: tínhamos como participantes da pesquisa um grupo de meninos que já mantinham uma amizade iniciada na escola desde o primeiro ano; tínhamos também um grupo de meninas que tinha intimidade entre si para trocar confidências; também havia aquelas crianças que não se ligaram a um grupo ou outro, mas que transitavam entre todos os participantes. Também havia os irmãos mais novos das crianças do quinto ano, que estavam conhecendo as demais.

Neste encontro sanamos as dúvidas sobre o que estava sendo proposto, bem como, ouvimos as sugestões das crianças para as atividades. Esta foi uma etapa que tomou bastante tempo, pois procuramos ouvir o que cada uma tinha para falar. Nem todos tinham dúvidas ou questões para colocar, mas de modo geral, a maioria buscava fazer sua voz ser ouvida no grupo. Logo, tivemos que combinar alguns procedimentos para que a palavra não ficasse apenas centralizada com um ou outro.

Além disso, neste primeiro encontro iniciamos os diálogos com as crianças acerca da fotografia enquanto uma possibilidade de discurso, realizando um exercício de prática fotográfica. Neste exercício a máquina fotográfica por mim utilizada para fotografar os espaços

públicos do bairro foi objeto de curiosidade e descoberta por parte delas: habituadas a serem eventualmente fotografadas e não serem os autores da fotografia, neste dia pediram para ser fotografadas, fazendo poses diversas, seja aquelas já tradicionais, seja poses inusitadas. Estas imagens foram, junto com aquelas produzidas pelas próprias crianças, impressas e, ao final dos encontros, a elas devolvidas. Exemplo disso é a imagem da Figura 1, em que se pode ver Hudelson, auxiliar de pesquisa, fazendo sua narrativa visual do encontro, em um momento descontraído, durante o intervalo.

Interessante foi perceber como as crianças relacionaram os adultos outros que não pais ou parentes à figura do professor. Neste encontro e ainda no segundo, em diversas ocasiões que as crianças se dirigiam a mim ou a um dos auxiliares de pesquisa, referiam-se a nós como professora ou professor, ainda que desde o início procurássemos desvincular a atividade proposta da escola, do tipo de atividade lá desenvolvida e do modo como as crianças lá eram percebidas. Assim, durante a oficina foi estabelecendo-se entre os adultos presentes e as crianças um relacionamento amistoso, e principalmente, em que às falas das crianças foi dado espaço, buscando gradativamente que nossa imagem descolasse-se da de professores. Passamos a ser chamados por nossos nomes, assim como também os chamávamos por seus nomes.

Neste primeiro encontro pudemos perceber outras situações em que o modo escolarizado se colocou no grupo: algumas crianças, desde o momento que chegaram até o término do encontro, sentaram-se e permaneceram em seus lugares durante o desenrolar da atividade proposta e dos diálogos travados, pedindo autorização para dirigirem-se ao banheiro, por exemplo, ou para qualquer outra atividade que



Figura 1: Auxiliar de pesquisa fotografando participantes da oficina.
Fonte: Arquivo da pesquisadora. Alana Lazaretti Solvalagem, 01/07/2009.

porventura quisessem fazer. Já outras denotaram justamente querer desafiar este modo escolarizado de organizar encontros de crianças, buscando apresentar comportamentos que na escola seriam caracterizados como indisciplina: levantavam-se a todo instante para circular pela sala, suscitavam outras temáticas para diálogo, diferentes das que estavam sendo propostas (temáticas estas principalmente direcionadas para os adultos presentes – eu e os auxiliares de pesquisa). Os assuntos por mim iniciados (fotografia, pesquisa, nossos encontros, dentre outros) imediatamente fazia-os lembrar de outras experiências, acontecimentos familiares ou escolares, por exemplo, manifestando um claro sentido de contestação ao que estava sendo proposto.

Esta contestação desde o início revelou a necessidade que tínhamos todos de construir novos modos de se relacionar: os modelos que as crianças nesta idade normalmente conhecem é a de filhos ou irmãos, ou é a de alunos de uma escola. Ali estavam elas sendo convidadas a ser sujeitos de uma pesquisa, certamente algo inusitado, já que nenhuma delas havia até então tido qualquer experiência neste sentido. Logo, tratava-se de um tipo de relacionamento ainda desconhecido para elas e que, ao ser construído, tomou por base outras relações já conhecidas. Percebi que quase todo o tempo colocavam-se, na relação que se estabelecia, no lugar de alunos, reproduzindo este modelo já conhecido. Assim, eu e os auxiliares de pesquisa buscávamos a todo instante tensionar este modelo pré-estabelecido, querendo negociar os sentidos primeiros que as posições ocupadas por cada um continha.

Todavia, ainda que a base para a construção desta relação tenha sido outros modos já familiares de se relacionar, o inacabamento do

sujeito possibilitou que estas crianças produzissem-se no instante vivido. Nesta unicidade do ser e irrepitibilidade do acontecimento percebi a expectativa, a curiosidade, o não saber ser sujeito de pesquisa misturado ao saber ser estudante, saber ser amigo, e finalmente, saber ser alguém que deseja ter seu enunciado ouvido e considerado, pois:

[...] o evento único do Ser não é mais algo que é pensado, mas é algo que é, alguma coisa que está sendo real e inescapavelmente completado através de mim e dos outros [...]. A unicidade única ou singularidade não pode ser pensada; ela só pode ser participativamente experimentada ou vivida. (BAKHTIN, 1993, p. 30),

Assim, pude perceber que a proposta de um encontro que já iniciou de modo diferenciado na sua organização espacial (as cadeiras estavam dispostas em círculo e não enfileiradas) causou certo estranhamento às crianças, pois o que se pretendia era um momento em que não necessariamente tinha que se dicotomizar as relações entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças, em que os primeiros teriam as respostas para todas as questões levantadas e aos segundos caberia apenas calar, ou no máximo perguntar. Construir-se sujeito de pesquisa, participante de uma oficina de fotografia para discutir os sentidos dados à vivência na cidade, foi tarefa que ensinou das crianças a atividade criadora de si mesmas, isto é, o trabalho de sujeitos que se (re)produzem a partir de e para receber do olhar do outro seu acabamento estético.

Logo, se transpormos a teoria bakhtiniana para a situação da pesquisa, pode-se afirmar que se estabeleceu entre mim e as crianças pesquisadas uma relação que me permitiu acerca delas ter um excedente de visão em relação ao seu todo, considerando o lugar exotópico que

ocupe. Em consequência, pude apreender a negociação de sentidos que ocorria por ocasião desta produção de si mesmo enquanto um sujeito de pesquisa.

Se me interessava os sentidos dados pelas crianças à cidade e à atividade proposta e queria sua participação neste acontecimento, com elas estava o conhecimento que interessava na relação e não somente o inverso. Logo, a fixação de posições próprias de uma sociedade adultocentrada teve que ser negociada a favor de se propiciar a produção de sujeitos de pesquisa que compreendiam que ocupavam um lugar significativo nesta relação.

O *segundo encontro* do grupo teve por objetivo a apresentação às crianças de técnicas sobre a produção de imagens fotográficas. Esta tinha sido, inicialmente, a proposta planejada para este encontro. Todavia, considerei oportuno negociar este planejamento, já que no primeiro encontro nos deparamos com crianças que nos revelaram que desejavam ter suas palavras (re)conhecidas, quer dizer, que tinham algo para dizer e esperavam encontrar respostas às suas palavras.

Iniciamos o encontro dialogando sobre fotografia, etapa que foi conduzida principalmente por Alana, uma das auxiliares de pesquisa, que além de ser estudante de Psicologia tem considerável experiência na produção de imagens fotográficas e dedica-se a estudar e produzir fotografias. Assim, pode-se neste encontro propiciar uma introdução ao processo de fotografar, já que as crianças puderam realizar exercícios de prática fotográfica, exercitando/testando as dicas dadas por Alana. Nesta ocasião foi utilizada uma máquina fotográfica digital, que permitia às crianças verificar no mesmo momento a qualidade da fotografia produzida, os detalhes apreendidos e os aspectos que poderiam ser

observados com mais atenção nas próximas produções, como, por exemplo, luminosidade, foco, profundidade, enquadramento, dentre outros.

Foi certamente um momento apreciado pelas crianças, pois tomavam conhecimento das dicas que Alana tinha para compartilhar e já as testavam na prática, visando conhecer o resultado do que haviam acabado de aprender. Assim, comemoravam as fotografias produzidas, mostrando para os demais a qualidade que entendiam que sua produção fotográfica continha.

Na segunda parte deste encontro dividimos o grupo em quatro subgrupos, e cada um destes subgrupos, com quantidade aproximada de participantes, ocupou um espaço diferente no entorno da sala em que realizávamos as atividades. Considerando que se tratava este de um dia de inverno com sol, três subgrupos escolheram pegar cadeiras e levar para fora da sala, ocupando espaços diferentes. Assim, eu e os auxiliares de pesquisa nos dividimos entre os subgrupos para disponibilizar a eles o espaço de fala que na semana anterior pudemos perceber que era o que queriam.

As crianças dialogaram sobre questões de seu cotidiano, seu modo de vida, dificuldades e alegrias. Gradativamente pudemos ir percebendo que aqueles mesmos que na semana anterior haviam desafiado o que estava sendo posto, passavam a se revelar como pessoas que tinham questões interessantes para contar e ensinar: exemplo disso foi Bad Boy, que certamente em tamanho ainda era o menor do grupo e o mais jovem, já que recém havia completado dez anos. Na semana anterior sua insistente capacidade de centralizar para si as atenções do grupo havia me deixado apreensiva sobre a viabilidade do

desenvolvimento da pesquisa, posto que em diversos momentos foi necessário esperar que o tumulto por ele criado se dissipasse para voltarmos a dialogar sobre as temáticas à pesquisa atinentes.

Agora, nos pequenos subgrupos e com a atenção voltada exclusivamente para o que os participantes tinham para contar, foi possível me aproximar do cotidiano destas crianças. Assim,

Ao contrário dos métodos planejados em que se delineia *a priori* um roteiro de perguntas sobre um tema previamente acordado e operacionalmente definido, ser um pesquisador no cotidiano se caracteriza frequentemente por conversas espontâneas em encontros situados. (SPINK, 2008, p.72).

Podemos e devemos, quando realizamos pesquisa-intervenção, planejar de antemão nossos encontros com os sujeitos pesquisados. Porém, se me mantivesse na situação planejada em vez de me dispor ao diálogo aberto, talvez outras questões sobre as crianças surgissem, mas não aquelas questões que *elas* escolhiam nos mostrar.

Também nos foi relatado como e com quem vivem, seus dilemas e seus sonhos. Contaram, por exemplo, sobre as dificuldades de ser criança, especialmente ser menina, cuja força física é reduzida, que a deixa em situação de maior vulnerabilidade mediante os riscos que a cidade pode oferecer. A violência, deve-se ressaltar, aparece em alguns relatos sobre acontecimentos entre os adultos no interior de suas casas, quando acontecem cobranças de dívidas ou de outras pendências, utilizando-se os próprios recursos para se fazer aquilo que é compreendido como justiça. Exemplo é o relato de Dado sobre dois episódios: um deles, quando seu tio tentou matar seu pai com um facão;

e o outro, quando um tio jogou um copo de vidro no rosto de outro tio.

Todavia, tais relatos não são a maioria: também tomamos conhecimento de como suas amizades são vivenciadas e como são importantes. Por exemplo, Nycole conta como é importante a amizade que mantém com Guga e que é por muitos colegas confundida como apaixonamento ou namoro. Para Nycole, é muito difícil as pessoas compreenderem que é possível haver apenas amizade entre eles e, por isso são alvo dos colegas que caçoam ou que simplesmente questionam se estão namorando. Guga, por sua vez, conta que na semana anterior a garota com quem namorava enviou recado por uma colega, informando-o que o namoro encerrava-se ali. Mas segundo ele, não gostava mais da menina mesmo.

Mai também foi lembrada pelos colegas, que dizem ser ela “encantada por Natanael” (este último, não participante da pesquisa). Mai ficou neste momento encabulada, mas não negou o sentimento. Mais cedo, neste mesmo encontro, havia contado para Vanessa (auxiliar de pesquisa) sobre o sonho que havia tido com este garoto. Dado também contribuiu para o diálogo, falando que não é mais criança e sim um pré-adolescente e que é legal beijar as meninas atrás da escola, ainda que ele tenha namorada. Lari, por sua vez, destacou que as meninas, na infância, não deveriam querer namorar, mas antes, aproveitar para brincar, pois quando adultas não terão mais tempo para brincadeiras.

Conforme analisa Silva (2002), comumente na sociedade contemporânea pode-se observar que desde cedo as crianças são ensinadas a se comportar a partir de modelos estabelecidos pela sociedade e que, cada vez mais cedo, as crianças pequenas arrumam namoradinhos entre si, inclusive com o incentivo dos pais, situação tida

como normal. Logo, segundo Silva (2002), as crianças aprendem que existe uma categoria diferente e especial de afeto que poderão construir entre eles, que pudemos confirmar neste momento de troca de idéias com os participantes da pesquisa:

Muitos, desde pequenos, têm "namoricos" significativos, coroados por olhares, risadinhas, bilhetinhos, algumas vezes rechaçados pelos que não se interessaram e outras vezes levados adiante, em um processo contínuo de aprendizagem amorosa cada vez maior" (SILVA, 2002, p. 31).

No *terceiro encontro* do grupo o foco de nossas discussões esteve relacionado às questões da cidade: as crianças, conosco, falaram sobre a cidade e suas especificidades, sobre ser criança na cidade de Joinville e sobre como é habitar esta cidade. Foi principalmente neste encontro, além de também na entrevista individual realizada, que denotaram que na maior parte do tempo a cidade se resume ao bairro em que moram, já que poucas conhecem suficientemente bem o centro ou outras regiões. Revelaram desconhecer os lugares que tradicionalmente compõem os cartões postais que divulgam a cidade. As questões do acesso à cidade (e sua falta) serão discutidas adiante.

Ainda neste diálogo as crianças foram revelando que muitos deles são filhos de migrantes ou são eles próprios nascidos em outros lugares e trazidos para cá pelos pais, que vieram para Joinville em busca de melhores condições de trabalho e de vida para os filhos. Contaram sobre os filhos que o pai teve fora do casamento e a dificuldade da mãe para manter a renda familiar vivendo na cidade. Revelaram que buscam auxiliar como podem, muitas vezes cuidando dos irmãos menores ou

limpando a casa. Neste encontro novamente apontaram a violência como o principal problema de seu bairro. Também estas questões serão detalhadas nos próximos capítulos.

Neste encontro foi disponibilizada para cada um dos participantes da pesquisa uma câmara fotográfica descartável de 27 poses para que pudessem criar, ao longo de uma semana, imagens fotográficas do que lhes fosse significativo na/da cidade, isto é, do que lhes chamasse a atenção, sejam lugares, pessoas, construções, paisagens, etc. Tivemos o cuidado de salientar que elas poderiam utilizar todas as 27 poses disponibilizadas por este tipo de câmara, caso o desejassem. Também foram realizados exercícios com as crianças sobre as especificidades do modelo de máquina disponibilizado e os cuidados que deveriam ser tomados para que o filme fosse adequadamente enrolado depois de cada fotografia produzida, bem como, sobre o ligamento/desligamento do *flash*. Tivemos este cuidado, pois, sabendo que fotografias produzidas nestas máquinas fotográficas são passíveis de saírem queimadas⁷ caso não sejam observados alguns cuidados básicos, também sabíamos da expectativa que cada criança tinha sobre a sua produção de imagens.

Já tínhamos observado ou percebido pelas conversas com elas travadas que muitas crianças acabavam saindo juntas em direção a suas casas, devido à proximidade destas. Neste dia pudemos observar que esta característica se acentuou, pois já haviam planejado, segundo o que nos contavam, percorrer alguns espaços do bairro conjuntamente, para produzir as fotografias. Algumas já tinham inclusive planejado um

⁷ Termo comum na época que ainda não se comercializavam câmaras fotográficas digitais. Na câmara com utilização de filme, o manuseio inadequado deste último pode causar a completa perda da imagem, quando se diz que a fotografia queimou, em alusão à exposição demasiada do filme à luz.

roteiro de fotografias possíveis e a possibilidade iminente da concretização deste planejamento gerou uma grande expectativa, que finalmente se concretizava.

Neste dia, o grupo, que estava todo reunido na sala dos encontros, dialogava sobre Joinville e suas experiências com a cidade. Foi um encontro em que percebemos que Dai, mais do que em outros dias, estava enfrentando Bad Boy, provocando-o e çoando de suas falas e fazeres, provocações estas que encontravam eco, já que Bad Boy respondia a tais provocações também com suas próprias provocações. Em dado momento, o grupo pode ouvir o barulho de uma bofetada sendo dada em um rosto, ao que todos riram: Dai em dado momento irritou-se a ponto de agredir fisicamente Bad Boy, que imediatamente se enfureceu e saiu correndo da sala. Preocupados pela responsabilidade que tínhamos pela presença das crianças ali conosco durante o horário da oficina e por sua segurança, decidimos rapidamente que Hudelson (auxiliar de pesquisa) iria ao encontro de Bad Boy para dialogar com ele e convidá-lo para retornar às atividades. Depois de uma corrida e um quarteirão adiante, Hudelson alcançou o garoto, que estava visivelmente humilhado e com muita raiva de Dai. Foi categórico ao afirmar que não voltava e ficaria ao lado de fora, aguardando a saída de todos, pois iria se vingar. Sua convicção, fortalecida pela raiva e humilhação que sentia pelo fato do grupo ter presenciado o acontecimento, motivava-o a querer resolver a situação naquele mesmo dia, de seu próprio jeito. Assim, no retorno para o local do encontro, localizou pedaços de cacos de vidro, com os quais afirmava que machucaria a garota.

Vê-se assim que a necessidade dos adultos (pais, parentes, vizinhos) de resolver entre eles e com seus próprios recursos os

acontecimentos considerados injustos, que pudemos perceber em algumas falas das crianças no encontro anterior, é um modelo observado e aprendido pelas crianças. Por um lado elas criticam a violência que a elas é imposto presenciar, mas por outro, reproduzem este modelo visto e aprendido. Assim vai se dando entre as crianças a apropriação de práticas sociais, ao mesmo tempo em que impõe a si mesmas a necessidade de problematizar estes mesmos modelos de existência, buscando ressignificá-los.

Com bastante diálogo e paciência, Hudelson e Anderson (auxiliar de pesquisa) dissuadiram Bad Boy de seu intento. Por outro lado, Dai percebeu que havia se colocado em uma situação de risco, pois a partir do momento que viu que havia despertado raiva no garoto e que este estava disposto a se vingar, não se afastou mais dos adultos presentes. Sua irmã, por sua vez, exortava-a a pensar no que havia feito e que agora estava em tal situação pois a havia provocado. Ainda no quarto e no quinto encontro tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais Bad Boy e tomar conhecimento de que, se por um lado ele pretendia resolver a situação de humilhação pela vingança, de outro se tratava de um garoto com sensibilidade para compreender os problemas da cidade e da exclusão social, da importância de seus pais e do cuidado com os animais e a natureza. Um garoto que teve o potencial de conquistar a todos os pesquisadores pelo que acabou nos revelando ao longo dos encontros.

O *quarto encontro* do grupo caracterizou-se como o dia em que as máquinas foram devolvidas pelas crianças para que as fotografias pudessem ser reveladas e impressas. Curioso destacar que durante o planejamento do projeto de pesquisa, uma das questões que eu, com a

orientadora da pesquisa, julgávamos que tínhamos que contar, era com a possibilidade de muitas máquinas não serem mais devolvidas devido ao não comparecimento de algumas crianças neste dia. Todavia, o campo nos surpreendeu: apenas uma criança não compareceu neste dia, sendo que avisou a sua amiga mais próxima que tinha compromissos familiares. As demais lá estavam, ansiosas justamente para devolver a máquina, pois esta ação implicaria em que as fotografias fossem reveladas e a elas disponibilizadas definitivamente.

Evidentemente é importante nos deixar surpreender pela vida que a pesquisa enseja, mas, além disso, rigorosas reflexões sobre a ética e o cuidado do pesquisador são necessárias: desde o início da pesquisa sempre busquei propiciar às crianças que sua voz fosse ouvida, seu lugar de sujeito da expressão fosse efetivamente considerado: desde o início buscamos sanar todas suas dúvidas e várias vezes tivemos que reiterá-las que definitivamente elas seriam as autoras das imagens, isto é, que não definiríamos de antemão quais fotografias deveriam produzir. Talvez acostumadas a terem prescrições das atividades que realizam, a autonomia propiciada inicialmente gerou certa angústia sobre como fazer a atividade corretamente. Todavia, a quantidade de encontros planejada permitiu a criação de vínculos de respeito e autonomia, que de algum modo propiciou às crianças que produzissem um discurso direcionado a outro tipo de interlocutores, isto é, que não tinham previamente definido que imagens produzidas pelas crianças seriam as corretas e que imagens estariam erradas.

Sobre o cuidado com a organização da atividade, conforme as crianças foram disponibilizando suas máquinas, fomos adequadamente identificando este material de forma individual, para que fosse feita a

revelação das imagens. Além da impressão das fotografias em papel fotográfico tradicional, em tamanho 10x15 centímetros, todas as imagens foram digitalizadas e numeradas (a impressão para entregar para as crianças e a digitalização para a análise da pesquisa).

Vale ressaltar ainda sobre este encontro que diversas crianças já começaram a se mostrar inquietas com a proximidade do fim da pesquisa. Desde o início já havíamos com elas e com seus responsáveis planejado que a Oficina duraria cinco encontros, mas conforme os laços de vínculo foram sendo intensificados, elas passaram a mobilizar seu repertório de argumentos para nos sensibilizar a dar continuidade ao projeto, de forma a *que não tivesse fim*, segundo Nycole, pois segundo o que estavam nos colocando, era o momento alto da semana.

Inicialmente este encontro havia sido programado para ser mais breve, pois agora nos restava revelar as imagens fotográficas produzidas e desenvolver as atividades daí oriundas (entrevistas e a organização de um painel fotográfico). Assim, neste dia depois de recolher as máquinas fotográficas, conversamos brevemente com as crianças sobre o desenvolvimento de sua produção fotográfica ao longo da semana anterior, para depois conversarmos mais delongadamente, já com as imagens em mãos. Tivemos, portanto, um tempo disponível para brincar livremente, segundo as sugestões delas. Foi um momento rico de experiências, pois pudemos conhecê-las um pouco mais e interagir com elas em um momento de descontração. A brincadeira escolhida por alguns foi o esconde-esconde, enquanto outros preferiram ficar juntos, conversando sobre assuntos variados.

Por fim, chegando o dia do *quinto e último encontro*, encontramos um grupo de crianças ansiosas para conhecer suas produções

fotográficas e apreensivas por ser este o último encontro. Logo, foram momentos intensos tanto no que se refere às atividades e reflexões realizadas, quanto no que se refere a pedidos visando à continuidade dos encontros (o que não possível atender, pois já na semana seguinte as férias escolares terminariam e as crianças voltariam para a escola).

Neste dia as crianças foram convidadas a produzir, coletivamente, cartazes que serviriam de moldura para uma fotografia de cada uma delas, por ela escolhida dentre toda sua produção como a mais significativa. Somados todos estes cartazes, com suas respectivas fotografias (impressas ampliadas para o tamanho 20x30 centímetros) neles colados, teve-se como propósito criar uma exposição fotográfica para circular nos espaços da cidade, especialmente na escola, lugar do encontro das crianças e seus pais. Com esta atividade coletiva tinha-se como proposta ampliar o potencial da oficina, aumentando as possibilidades deste encontro grupal, deste convívio diferenciado do tradicional propiciado pelos locais em que convivem as crianças. Queria eu com isso, ampliando o cuidado que a pesquisa com crianças requer, pensar em um plano coletivo de sustentação das interações que talvez arregimentasse forças de transformação entre elas. Assim, neste momento pudemos ampliar o potencial dos encontros anteriores, nos quais já haviam dialogado sobre as diferenças e similitudes sobre as questões de suas vidas relacionadas a viver neste bairro, viver nesta cidade. Neste último encontro, auxiliaram umas às outras na confecção deste material, dialogaram sobre as fotografias produzidas e sobre a cidade que queriam mostrar neste produto coletivo. Também dialogaram sobre a cidade que não tinham e que desejariam ter. Penso que foi este a culminância de um trabalho que iniciou desde o primeiro encontro, para

coletivamente se buscar uma efetiva educação estética do olhar.

Finalmente, cabe destacar, acerca da realização da oficina, que seus encontros foram filmados, pois sendo crianças os sujeitos da pesquisa precisei considerar que a linguagem oral não é exclusiva: diz Rocha (2008, p. 45) acerca da pesquisa que “quando o outro é criança, a linguagem oral não é central nem única, mas fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais”.

Para realizar estas filmagens, alguns cuidados foram observados, seguindo pontuações de Nuernberg (1999) ao compartilhar sua experiência de pesquisa realizada com crianças também da quarta-série. O primeiro deles, conforme o autor, é o domínio, por parte do pesquisador, de um mínimo de técnicas de registro em vídeo e de manuseio do equipamento disponível. Ainda observando os cuidados ensinados por Nuernberg (1999), buscou-se definir uma posição estratégica no grupo, de modo que a filmagem não interferisse no bom andamento da atividade. Uma posição que permitisse uma visão ampla do contexto, buscando centrar o foco nas relações que se apresentavam. Além disso, no primeiro encontro permitimos às crianças mesmas observarem e manusearem a máquina que faria as filmagens, permitindo a elas o período necessário para que se acostumassem com a presença deste equipamento.

3) As entrevistas.

Além das atividades já descritas e que foram realizadas no último encontro, também neste dia realizamos entrevistas individuais com as crianças para que, além do momento coletivo de produção, também

houvesse a oportunidade de cada uma falar de sua produção e sobre sua vida na cidade. A escolha pela realização de entrevista individual, portanto, pautou-se pela necessidade de um contraponto em relação a todos os demais encontros da pesquisa, que se deram no plano coletivo. Havia então, de minha parte, o interesse em propiciar este espaço para o encontro com cada criança.

Das dezenove crianças que trouxeram suas máquinas fotográficas para que as imagens fossem reveladas, não puderam comparecer neste último encontro e, portanto, não foram entrevistados, Ágata, Maia, Michael (este último na semana anterior já havia avisado que faria uma viagem), Rosana (cuja irmã, Hadassa, que também participava da pesquisa, avisou que estava adoentada). Não quis tomar parte nesta atividade Clarice, de oito anos de idade, irmã que acompanhava Dado. Por fim, Pati também não foi entrevistada, pois neste dia estava bastante adoentada e logo teve que retornar para casa.

Assim, foram realizadas treze entrevistas, com duração aproximada de 40 minutos cada (não pretendia delongar muito este momento para que não se tornasse aborrecido para as crianças, ainda que algumas demorassem mais tempo) que foram gravadas em equipamentos de áudio para posteriormente serem transcritas. Todas aconteceram no mesmo espaço em que foi realizada a Oficina, isto é, um local de reunião de pessoas, dentro do bairro mesmo em que moram as crianças. A maioria destas entrevistas aconteceu ao ar livre e entrevistador/entrevistados permaneciam sentados em cadeiras retiradas da sala disponibilizada para o desenvolvimento da atividade. Criou-se assim um espaço de diálogo sem a formalidade própria que uma sala de reuniões carrega. Além disso, o fato de ser ao ar livre incentivou que em

diversos momentos as crianças utilizassem recursos gestuais para apontar a direção ou mostrar os lugares fotografados/experenciados, propiciando assim falas mais situadas.

O encontro deste dia não durou apenas uma hora e trinta minutos, como os demais: além de realizar as entrevistas e a confecção dos cartazes do painel de fotografias, as crianças foram permanecendo conosco enquanto puderam, durante a manhã, retardando o momento da despedida. Conseguimos realizar todas as entrevistas neste mesmo dia: enquanto um dos pesquisadores coordenava a confecção do painel de fotografias, os demais conduziam as entrevistas que, portanto, foram sendo realizadas concomitantemente. Para isso, realizamos previamente encontros para diálogos teóricos sobre o modo de fazer pesquisa e mais especificamente, sobre o modo de conduzir a entrevista.

Para planejar e conduzir a entrevista buscamos inspiração principalmente em Szymanski (2000), que lembra que a entrevista é como o espaço de uma arena de conflitos e contradições, quer dizer, é o momento de uma interação social cuja qualidade influenciará seu curso. Sendo este momento da entrevista um espaço de organização de idéias, como esta autora aponta, com vistas à criação de um discurso do entrevistado para o entrevistador, é um espaço também de produção de sentidos, já que o momento da entrevista pode suscitar a elaboração verbal de conteúdos nunca antes verbalizados, ou pelo menos, não do modo que é feito por ocasião da entrevista.

A entrevista, convém lembrar, pode ser um lugar de encontro entre sujeitos que detém diferentes níveis de poder nesta relação. Lembra Szymanski (2000), por exemplo, que esta é uma situação provocada por um pesquisador interessado em saber algo de outrem.

Assim, há este sujeito pesquisado que se conhece sabedor de algo que interessa a outra pessoa saber, no caso, o pesquisador. Então, se por um lado o sujeito pesquisado aceita se submeter às perguntas do outro, detém algo que é importante: o saber sobre si mesmo. Assim, é oportuno buscar estabelecer, segundo a autora, relações entre sujeitos que afetam um ao outro e não o encontro de um sujeito com um objeto de pesquisa emudecido pelo lugar que ocupa nesta relação. Tal esforço é necessário para se produzir um conhecimento em ciências humanas que é resultado do encontro entre duas consciências produtoras de um discurso, isto é, um encontro dialógico, tal como exortado por Bakhtin (2003) e discutido no primeiro capítulo.

Na situação específica desta pesquisa, alguns cuidados adicionais tiveram que ser observados, seja durante o planejamento do roteiro norteador da entrevista (apêndice B), seja durante a realização desta etapa da pesquisa, pois considerando que crianças não necessariamente centralizam sua comunicação na linguagem oral, não se desejava em momento algum caracterizar este encontro como tendo o fim exclusivo de servir à pesquisa, gerando nelas desconfortos desnecessários. Por isso mesmo a entrevista foi a última tarefa planejada, quando já se teria construído relações o mais próximas possíveis, caracterizando esta atividade como uma conversa entre duas pessoas sobre as condições de existência de uma delas.

Para que isso fosse possível, tivemos que ao longo dos encontros ir superando o modo escolarizado de interação social, no qual da criança espera-se respostas certas sobre perguntas previamente formuladas pelos adultos, modo este que já tinham se apropriado (lembrando que eram, na ocasião da realização da pesquisa, estudantes do quinto ano do ensino

fundamental). Foi necessário sempre estimulá-las a expressarem-se, o que inicialmente causou entre elas certo estranhamento: afinal, estava se instalando ali uma relação entre crianças e adultos diferente daquelas vivenciadas em casa ou na escola, ambiente por elas conhecido. Como o propósito era superar a lógica adultocentrada vigente na sociedade e estabelecer relações solidárias entre alguém que desejava deles saber algo com aqueles que poderiam desejar realizar encontros para debater questões a todos comuns ou diferentes sobre a cidade em que habitam, estes encontros tiveram que ser por todos os envolvidos construído, já que a todos era desconhecido. Assim, busquei na elaboração do roteiro utilizado pensar em questões que provocassem narrativas, em vez de suscitar respostas que fizessem com as crianças tentassem localizar a *resposta certa*.

Se a oficina foi este lugar do encontro para o estabelecimento de relações entre sujeitos do enunciado para compartilhar experiências de vida, a entrevista, pensada como um diálogo, foi um encontro de um tipo diferente: ali foi o espaço do reconhecimento delas como alguém que tem algo a dizer: algo importante, definitivamente. Ora, se importante, é porque estas vozes teriam algo diferente a dizer do já sabido sobre a criança contemporânea. Mas ponderemos com Rocha (2008):

O que as crianças fazem, sentem e pensam sobre a sua vida e o mundo, ou seja, as culturas infantis, não tem sentido absoluto e autônomo ou independente em relação às configurações estruturais e simbólicas do mundo adulto e tampouco são mera reprodução. As crianças não só reproduzem, mas produzem significações acerca de sua própria vida e das possibilidades de

construção da sua existência. (ROCHA, 2008, p. 46).

Assim, não se buscou nestas vozes encontrar o já sabido sobre as crianças, mas antes, desejava-se saber o que poderia ser com elas trocado, já que pesquisadores e pesquisados ocupam diferentes lugares, seja social, seja geracional. Destes encontros, sabia eu de antemão que todos sairíamos transformados: nós pesquisadores e elas, as crianças.

A questão desencadeadora da entrevista girou sobre suas relações com a cidade. Assim, indicou-se em cada entrevista que as crianças escolhessem, das imagens por elas produzidas, as fotografias que para ela fossem as mais significativas (aqui, tivemos o cuidado para de fato solicitar que fossem escolhidas pelas crianças as imagens mais significativas e não as imagens mais bonitas), e as colocassem em ordem de importância, dialogando sobre os motivos desta escolha, bem como, o significado da fotografia dentro da proposta da pesquisa. Conforme já posto, as entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro norteador produzido especificamente para este fim. Todavia, em diversos momentos este roteiro foi adaptado visando atender ao curso espontâneo do discurso da criança.

Depois de concluídos os trabalhos de campo, iniciei os procedimentos para realizar a transposição do registro oral para o escrito dos arquivos digitais das gravações das entrevistas. Escolhi realizar este trabalho pessoalmente para não correr o risco de perder a oportunidade de já iniciar neste momento a interpretação de resultados, isto é, desde então começar a me embrenhar no infundável campo da responsividade sógnica própria dos encontros dialógicos. Além disso, ouvir as entrevistas fez lembrar as características de cada um dos participantes,

seus gestos, os olhares, a intensidade das falas, isto é, busquei estar atenta aos presumidos evocados pelo encadeamento entoativo das palavras ditas. Assim, idéias de possíveis interpretações já puderam ser rascunhadas, ainda que a análise tenha sido empreendida após a conclusão desta etapa, quando me debrucei com tempo sobre o material coletado.

Concomitante a transcrição das entrevistas, realizei a ampliação das imagens fotográficas escolhidas pelas crianças para compor o painel de fotografias⁸ a ser exposto em pontos de circulação de pessoas, no bairro e na cidade. Tive a oportunidade de expor este painel na escola em que elas estudavam, ainda no mesmo ano letivo da produção da pesquisa (2009). No dia em que lá retornei, com os auxiliares de pesquisa, para organizar o material em um espaço disponibilizado pela direção, pudemos novamente estar com elas e ver a reação diante do material por elas produzido e que foi exposto aos olhares diversos. Posso afirmar que foi um acontecimento intenso e rico, seja para as próprias crianças pesquisadas, reconhecendo-se autoras daquela produção, seja para os demais estudantes da escola, que perscrutavam as imagens buscando os lugares conhecidos de seu bairro.

Assim, pudemos estar novamente com as crianças naquele dia, durante o horário do intervalo das aulas, quando pudemos conversar com elas. Nycole sugeriu: *agora que já fizemos a Oficina de Fotografia, por que não fazemos uma Oficina de Vídeo no ano que vem? Esta é a minha sugestão*. Os rumos profissionais posteriormente transcorridos não me oportunizaram estar outra vez com elas. Todavia, no ano letivo de 2010 sua escola recebeu um grupo de estagiários do último ano de

⁸ Aqui não é apresentada nenhuma fotografia deste painel exposto, pois em todas as imagens produzidas pode-se identificar diversas crianças, que observam o trabalho.

graduação de Psicologia, estudantes da faculdade em que desempenho atividades docentes, para trabalhar demandas diversas. Uma das demandas trabalhadas foi justamente direcionada ao sexto ano, classe então das crianças participantes da pesquisa. Assim, apesar de não ter tido mais contato pessoal com elas, indiretamente meu trabalho continuou as alcançando por meio dos estudantes de Psicologia.

2.2 A análise dos dados

*De todas as mudanças de língua que o viajante deve enfrentar em terras longínquas, nenhuma se compara à que o espera na cidade de Ipásia, porque não se refere às palavras mas às coisas (...). Sem dúvida também em Ipásia chegará o dia em que o meu único desejo será partir. Sei que não devo descer até o porto mas subir o pináculo mais elevado da cidadela e aguardar a passagem de um navio lá em cima. Algum dia ele passará?
Não existe linguagem sem engano.*

Ítalo Calvino (2009, p. 47-48)

Conforme posto nos capítulos anteriores, pesquisador e pesquisados são dotados de historicidade e materialidade, sendo mutuamente constitutivos. Além disso, depreende-se, a partir do referencial teórico do enfoque histórico-cultural em Psicologia, que também a ciência e a forma de se fazer pesquisa são frutos das condições materiais de um determinado momento histórico.

Afirmar tais questões já me compromete, destarte, a certo modo de pensar a Ciência e a buscar produzir certos conhecimentos: trata-se de buscar localizar no objeto de meus estudos, o sujeito que enuncia. Considerando isso e lembrando que Bakhtin afirma que “o objeto das ciências humanas é *expressivo e falante*” (2003, p. 395), na realização

desta pesquisa esforcei-me para sempre garantir ao meu objeto de pesquisa o lugar de sujeito de uma relação e, nesta condição, entender que está ele em constante não-coincidência consigo próprio, posto que em constante reconfiguração da própria existência.

Aparece aí então um desafio: produzir um conhecimento que requer exatidão, questão que implica em “coincidência da coisa consigo mesma” (BAKHTIN, 2003, p. 395), algo inexistente nos estudos das ciências humanas. Para superar tal desafio e ainda assim manter-me no intento de encontrar nas crianças pesquisadas sujeitos do enunciado, isto é, consciências em encontro com a minha própria consciência, é necessário sempre ressaltar que as análises feitas de tudo o que no campo se viu e ouviu é indubitavelmente apenas uma das leituras possíveis do discurso enunciado, é a exatidão que se impõe para servir àquilo que Bakhtin (2003) nomeia de assimilação prática (e que é necessária para avançarmos na compreensão dos sujeitos). Esta exatidão que se busca só é passível de ser encontrada neste instante de encontro entre sujeitos que só se realizaram em virtude justamente deste encontro. Então, aí congelei o instante, tal como uma fotografia congela o que já não é mais: instante congelado para servir às análises. Não pretendia, todavia, encontrar neste instante congelado a unidade teórica, sob risco de já não permitir aos sujeitos este lugar de sujeito que fala, isto é, não podia meu texto emudecê-los:

Quanto mais próximos estamos da unidade teórica (constância com relação ao conteúdo ou identidade recorrente), mais pobre e mais universal é a unicidade real; tudo se reduz à unidade de conteúdo, e a unidade última acaba por ser um conteúdo possível vazio e auto-idêntico. (BAKHTIN, 1993, p. 57).

Para empreender a análise dos discursos produzidos nos encontros com as crianças pesquisadas, fiz uma escolha: orientar-me pelo proposto pelo Círculo de Bakhtin acerca dos discursos. Conforme consenso entre os estudiosos dos textos do Círculo, estes autores de fato nunca propuseram uma teoria para realização de análise do discurso. Não há, portanto, um conjunto de preceitos analíticos sistematizados. O que se tem, todavia, é um conjunto de obras que propiciou o desenvolvimento de uma teoria dialógica do discurso que vem influenciando os estudos linguísticos e literários, bem como, as Ciências Humanas (BRAIT, 2008). Assim, no estudo aqui empreendido, é esta a compreensão dialógica que busquei, o que implica em se ponderar acerca de algumas questões. Vejamos:

Se para Bakhtin (2003) a produção de conhecimentos sempre ensejará um encontro entre consciências diferentes que gerará um diálogo produzido entre ambas, dirá o autor que:

Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico* (BAKHTIN, 2003, p. 400, grifo no original).

Sendo dialógico, o caráter dos discursos construídos necessariamente será determinado pela relação destes com outros discursos, com ditos e não ditos, presentes e ausentes. Plurais, portanto. Isso significa dizer que nem meu texto (a voz da pesquisadora), nem o

texto dos sujeitos pesquisados poderiam submergir um ao outro, pois esta coexistência é que pode justamente revelar os pontos de tensão entre eles e também entre várias outras vozes sociais que se apresentam no discurso. Só assim se pode revelar este campo de embate que há no encontro de diferentes discursos, condição de possibilidade que se presentifica à medida que não se comete o erro de compreender dialogismo como a relação direta com outro, pois esta é apenas a face mais externa da dialogia, mas antes, prestar atenção a este encontro polifônico das múltiplas vozes que podem ser ouvidas em um único texto:

O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas este regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que manifestem com autonomia e revelem no homem um outro “eu para si” infinito e inacabável (BEZERRA, 2008, p. 194).

Ter por empreendimento a realização de análises de discursos nesta perspectiva implica em saber que não há predefinido um caminho seguro, um método acabado que indica os passos a serem dados. A pesquisa nesta perspectiva enseja a vida, que nem sempre confirma a teoria. É ético, como diz Sobral (2008a), o pesquisador suscitar revisões destas teorias, se necessário for. Afirma ainda este autor que não se trata esta de uma ética abstrata, mas antes, de um proceder ético que implica no pesquisador sempre renegociar seus posicionamentos. Implica em não negar suas especificidades de ser concreto e também contextualizado, mas também não utilizar isso como saída fácil para

comportamentos indignos. O objeto de estudos é, certamente, refratado pelo olhar de pesquisador, mas deverá, com efeito, ser refletido no próprio objeto pesquisado.

Havia diante de mim, portanto, uma tarefa nada fácil: analisar enunciados que são “ato singular, irrepetível, concretamente situado e emergindo de uma atitude ativamente responsiva, isto é, uma atitude valorativa em relação a um determinado estado-de-coisas” (FARACO, 2006, p. 24), o que implicaria em tentar superar o dualismo existente entre dois mundos que Bakhtin mesmo diz que são impenetráveis: o mundo da cultura e o mundo da vida. O primeiro, para Bakhtin (1993), é aquele em que se objetifica os atos concretos da atividade cotidiana com vistas à elaboração teórica; já o segundo, e o que nos interessa em um primeiro momento, é o mundo em que se dão os atos irrepetíveis da existência dos sujeitos, onde temos a “unicidade irrepetível da vida realmente vivida e experimentada” (BAKHTIN, 1993, p. 20).

Tentar encontrar o caminho para expressar os atos vividos, seja durante a realização da oficina com os sujeitos da pesquisa, seja durante a entrevista, é tarefa que encontra eco na solução pensada por Bakhtin, que passa pelo caminho da busca pela palavra em sua inteireza: seu aspecto de conteúdo (o significado, segundo a perspectiva vigotskiniana), seu aspecto palpável-expressivo e por fim, seu aspecto emocional-volitivo da palavra (esta última, apreendida na entoação daquele que enuncia) (BAKHTIN, 1993).

Todavia, se Bakhtin por um lado afirma que a linguagem, mesmo que tenha se desenvolvido historicamente para os atos realizados, pode servir também aos pensamentos abstratos, o autor mesmo lembra que expressar o mundo da vida no plano do mundo da cultura é tarefa difícil

de completar, já que é sempre aquilo que é *para ser* alcançado (BAKHTIN, 1993, p. 49, grifos no original). Neste sentido que afirmei anteriormente ser a análise aqui realizada uma das possíveis, pois analisar e expressar o vivido é processo inacabável.

Posto que as análises, portanto, partem da proposta de assumir o lugar participativo (BAKHTIN, 1993) de um sujeito que não deseja construir conceitos definitivos, mas voltar-se ao mundo da vida (já que também eu, pesquisadora, participo de um acontecimento que é do mundo da vida), impõe-se também para mim a necessidade de me posicionar frente à unicidade que as atividades da pesquisa ensejam: o não *álibi* do Ser também para mim se presentifica em minhas ações e além de situadas histórica e socialmente, requerem responsabilidade.

Por outro lado, se indubitavelmente não me confundo com os sujeitos de pesquisa (dada a unicidade do Ser), buscar analisar seu discurso é possível à medida que, realizada as atividades da oficina e entrevistas, deles me afasto, seja espacial, temporal ou valorativamente, para olhá-los de fora: trata-se do necessário movimento de exotopia (conceito-chave da arquitetura bakhtiniana, que reafirma a condição alteritária da existência humana) que dá o acabamento necessário para a completude do outro. É pelo movimento exotópico, que segundo Amorim (2008, p. 96), passa a idéia de “um lugar exterior, fundamental ao trabalho de criação e de objetivação”, que o pesquisador pode enformar o outro, entender seu ponto de vista, dar o necessário acabamento à compreensão da existência do outro - algo que ele nunca poderá realizar sobre si mesmo, posto que ninguém tem uma visão completa de si próprio. É este excedente de visão que me autoriza a, responsivamente, fazer uma leitura do conjunto de acontecimentos e do

contexto dos sujeitos pesquisados, dando a eles o acabamento estético necessário à sintetização do que vi.

A escolha aqui feita, de articular a compreensão entre o discurso imagético, objetivado nas fotografias produzidas pelas crianças, e o discurso verbal, produzido em vários encontros e em uma entrevista realizada no momento em que as crianças conheceram o resultado de seu trabalho, se dá a partir do entendimento de que o processo de compreensão é marcado por uma responsividade sógnica em que um signo é seguido por outro signo, em um processo semiótico flexível, aberto e dinâmico.

Diz Bakhtin (1999) que é ilusório pensar na possibilidade de transparência do discurso de si e do outro nos contextos e nos textos produzidos cientificamente. Para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, isto é, sempre expressará um posicionamento social valorativo. Antes de um enunciado, há os enunciados dos outros, conforme já posto. Por sua vez, qualquer enunciado ensinará, do mesmo modo, enunciados-respostas dos outros. Com isso vemos que a noção de enunciação, para o Círculo, implica em um sujeito histórico. Esta noção é necessariamente social, histórica, ligada às enunciações anteriores e posteriores. Há aí um autor e um auditório (conceitos-chave da arquitetura bakhtiniana) a quem seu enunciado está destinado. São múltiplas as vozes que constituem um único enunciado, são múltiplos os sentidos criados nas relações engendradas no cotidiano.

Em uma pesquisa que pressupõe tal concepção de sujeito (e de linguagem), é necessário conceber o conhecimento a ser produzido levando em consideração seu contexto e a história que o atravessa. O

mesmo vale para o pesquisador em ciências humanas, também atravessado por particularidades discursivas que implicam em determinada ética. Na pesquisa, há que se analisar os discursos, buscar esclarecer seus presumidos, seu auditório. É preciso saber que vozes sociais interagem no discurso. Explica Amorim que, em Bakhtin,

o caráter de alteridade do discurso se radicaliza: desdobrando-se os lugares enunciativos ao infinito, seu enunciado dialógico merece bem ser chamado de polifônico, pois uma multiplicidade de vozes pode ser ouvida no mesmo lugar. (AMORIM, 2002, p. 8).

Por fim, há que se pontuar que por meio da compreensão de narrativas imagéticas enunciadas por crianças, pode-se ampliar a própria compreensão do que é ser criança em contextos da periferia das cidades contemporâneas, a partir de seus próprios olhares sobre a realidade em que vivem. Com esta compreensão podemos, ao fim e ao cabo, talvez ressignificar nosso próprio papel profissional de intervenção junto a esta população, deslocando a centralidade do saber sobre a infância para as crianças, ou ao menos provocar a tensão entre diferentes saberes, de modo que novos possíveis possam ser enunciados e reconhecidos.

3 JOINVILLE, CIDADE DOS PRÍNCIPES, DAS FLORES, DA DANÇA, DA BICICLETA E TANTAS OUTRAS

*– De agora em diante, começarei a descrever as cidades –
dissera Khan.*

*– Nas suas viagens, você verificará se elas existem.
Mas as cidades visitadas por Marco Polo eram sempre
diferentes
das imaginadas pelo imperador.*

Ítalo Calvino (2009, p. 67).

Para iniciar a apresentação do contexto da pesquisa, busquei orientação sobre como deveria ser este proceder na proposta feita por Milton Santos (1985) ao problematizar a análise do pesquisador quando se volta a compreender a organização espacial de um determinado local. Segundo este teórico, para se proceder a adequada contextualização do local, há que se observar a forma, a função, a estrutura e os processos desenvolvidos no local tomado por análise. Por forma, entende este autor “o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo” (SANTOS, 1985, p. 50). Já a função, “de acordo com o Dicionário Webster, sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa” (SANTOS, 1985, p. 50). Por fim, diz o autor que a estrutura e o processo referem-se respectivamente a “inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção”, e “uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e

mudança” (SANTOS, 1985, p. 50).

Para Santos (1985) estas quatro categorias permitem que se chegue próximo a uma interpretação clara sobre o lugar a ser estudado, desde que estas quatro categorias não sejam tomadas individualmente, pois

representam apenas realidades parciais do mundo. Considerados em conjunto, porém, e relacionadas entre si, eles constroem uma base teórica e metodológica a partir do qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade. (SANTOS, 1985, p. 52).

Assim busquei fazer e neste sentido, contextualizo a cidade de Joinville, onde se realizou a pesquisa, buscando destacar os aspectos relevantes para as análises que se encontram no quarto capítulo.

3.1 O contexto da pesquisa

Partindo dali e caminhando por três dias em direção ao levante, encontra-se Diomira, cidade com sessenta cúpulas de prata, estátuas de bronze de todos os deuses, ruas lajeadas de estanho, um teatro de cristal, um galo de ouro que canta todas as manhãs no alto de uma torre. Todas essas belezas o viajante já conhece por tê-las visto em outras cidades.

Ítalo Calvino (2009, p. 11).

Segundo a historiadora Valdete Daufemback Niehues (2006), a pesquisa histórica da cidade de Joinville realizada pelas instituições de ensino tem recebido um ínfimo incentivo, deixando a tarefa de financiar tais estudos às empresas do lugar, o que veio a possibilitar a constituição

e divulgação de uma história oficial que atende a interesses de uma minoria, buscando imprimir à população um “caráter de 'nobreza vocacionada' ao trabalho” (NIEHUES, 2006, s/p), expressão utilizada pela autora que fica fácil de compreender a partir da leitura dos parágrafos seguintes.

Joinville, localizada na microrregião nordeste do estado de Santa Catarina (Figura 2), em 2009 possuía 497.331 habitantes, estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009). É por muitos considerada a mais próspera cidade de Santa Catarina, devido a seu acentuado desenvolvimento industrial.

Localizada em uma região de terrenos cristalinos da Serra do Mar e em uma área de sedimentação costeira (Figura 3), possui alguns patrimônios ambientais com fortes características tropicais: localiza-se no município principalmente os ecossistemas da Floresta Atlântica e manguezais. Possui um clima do tipo úmido a superúmido, mesotérmico, sem estação seca, com temperaturas médias anuais de 22,05 °C.

Voltemos o olhar para meados do século XIX para compreender o processo de formação da cidade, que a levou a tal número populacional desde sua fundação, quando esta região possuía apenas um aglomerado de poucas casas de colonizadores de descendência européia: juntamente com os municípios de São Bento do Sul, Guaramirim, Jaraguá do Sul, Corupá e Garuva, a região forma a área de terras que fizeram parte do dote de Francisca Carolina, irmã do Imperador Dom Pedro II, ofertado por ocasião de seu casamento com François Ferdinand Philippe, príncipe de Joinville, na França. Vejamos:



Figura 2: Joinville no Estado de Santa Catarina em relação ao Brasil e América do Sul.

Fonte: IPPUJ (2009, p. 13).



Figura 3: O bairro Boa Vista e a Baía da Babitonga.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Joinville>. Acesso em 03 de janeiro de 2010.

No dia 1 de maio de 1843, a princesa Dona Francisca Carolina, filha de Dom Pedro I, casou-se com o príncipe de Joinville, cidade francesa do departamento de Haute-Marne, François Ferdinand, e recebeu como dote de casamento um pedaço de terra próximo à colônia de São Francisco, hoje a cidade de São Francisco do Sul. Em 1846, o engenheiro Jerônimo Coelho viajou ao local para fazer a demarcação das terras. Em 1848, o rei da França Luís Felipe é destronado e seu filho François se refugia em Hamburgo. Ao começar a sofrer dificuldades financeiras, vende ao então dono da Sociedade Colonizadora Hamburguesa, o senador alemão Christian Mathias Schroeder, oito das 25 léguas recebidas como dote (...). Em 1852, foi decidido que, em homenagem ao príncipe François, a cidade passaria a se chamar Joinville. Uma residência de verão foi construída para abrigar o príncipe e a princesa de Joinville, com um caminho de palmeiras em frente à casa. Entretanto, nenhum dos dois chegou a conhecer a cidade. A casa que foi construída para os príncipes atualmente é o "Museu Nacional de Imigração e Colonização - Palácio dos Príncipes de Joinville", e a via à sua frente tornou-se a Rua das Palmeiras, hoje ponto turístico da cidade (IBGE CIDADES, s/p, s/d). [Figura 4]

No trecho citado toma-se conhecimento da venda das terras para a Sociedade Colonizadora Hamburguesa, o que por si só revela as dificuldades que uma retomada histórica enseja, posto que se trata esta da história de uma cidade cujo início da colonização se deu em terras de um príncipe de nacionalidade francesa, realizada por uma empresa alemã (FICKER, 1965). Joinville, em virtude de suas terras terem pertencido à realeza, recebeu o título de *Cidade dos Príncipes*.

É conhecida a situação da Europa do século XIX, que culminou na maior imigração intercontinental já ocorrida na história: a conquista e



Figura 4: Alameda das Palmeiras, um dos cartões postais da cidade
Fonte: arquivo da pesquisadora. Gisele Schwede, 18/04/2010.

ocupação dos territórios das Américas.

Se para a Europa a primeira metade do século XIX representou o fim do absolutismo, com a erradicação dos últimos ranços do feudalismo, para o Brasil o mesmo período teve igual importância histórica, tornando viável esta Nação-continente, até então, e já por trezentos anos, integralmente anestesiada (TERNES, 1981, p. 39).

Naquele século aconteceram as revoluções liberais, que transformaram o cenário político e social da Europa. A Revolução Industrial, ao iniciar a radical mudança das condições de trabalho dos camponeses e dos artesãos, propiciou o acelerado processo de urbanização e crescimento dos grandes centros, causando excedente de mão-de-obra e más condições de vida. No Brasil algumas transformações também ocorriam: o poder econômico passou a ser transferido da região Nordeste para a região Sudeste, a partir da valorização da produção cafeeicultora; a vinda da Família Real impôs a urgente modernização da colônia; o uso da mão-de-obra de origem escravagista encontrava-se em franco declínio, especialmente por pressões internacionais. Tinha-se assim o cenário propício para receber os imigrantes europeus desejosos de novas condições de existência.

De modo geral, os imigrantes que permaneceram na região Sudeste do país foram alocados principalmente nas plantações monocultoras e aqueles que se deslocaram para o Sul do Brasil passaram a ocupar terras a serem ainda desbravadas, adquirindo pequenos lotes para neles instalar a residência familiar e iniciar plantações de subsistência.

Este é o caso da ocupação das terras que vieram a formar a

Colônia Dona Francisca, posteriormente nomeada Joinville, bem como, é o cenário histórico de centenas de cidades do Sul do Brasil que foram iniciadas por colonizadores, seja de origem alemã, seja de origem italiana, principais etnias que povoaram a região, somados a portugueses, os nativos indígenas e os povos afro-descendentes. Especificamente sobre Joinville, ainda que seja incomum encontrar referências na historiografia oficial, havia algumas famílias portuguesas instaladas na região, antes mesmo da chegada dos colonizadores alemães, bem como, habitavam também a região populações Carijós, da família Tupi-Guarani.

Após a venda destas terras para a sociedade colonizadora, diversas embarcações chegaram até a Colônia, a partir de 1851, trazendo os imigrantes que iniciaram o povoado, sendo que totalizaram do período de 1851 até 1888, 17.408 alemães. A maioria eram agricultores protestantes com poucos recursos, quiçá sem nenhum.

A intenção da Sociedade Colonizadora, formada por banqueiros, empresários e comerciantes era, entretanto, auferir grandes lucros com a "exportação" dessa "carga humana" e estabelecer uma colônia "alemã", vinculada aos interesses comerciais alemães. O governo imperial brasileiro por sua vez incentivava a imigração visando substituir a mão-de-obra escrava por colonos "livres", ocupar os vazios demográficos e também "branquear" a população brasileira (THOMSEN, 2005, p. 38).

A partir de então, sucederam-se diversas etapas no desenvolvimento da localidade: fundação do primeiro jornal (Kolonie Zeitung), a organização da administração do povoado feita por um Conselho Comunal, aos moldes anglo-saxônicos (instituição

democrática, cujos membros eram escolhidos pela comunidade para dirigi-la), abertura de estradas de acesso à região oeste (Estrada da Serra Dona Francisca, que dá acesso à região de Rio Negro) e norte (Estrada da Serra), a chegada da linha telegráfica em 1879 e o desenvolvimento do comércio. Após 50 anos de sua fundação, em 1901, segundo Ternes (1993), Joinville já havia se transformado na mais progressista e importante colônia fundada em torno da metade do século XIX, com cerca de 18 mil habitantes:

Em Santa Catarina, as colônias agrícolas surgidas em decorrência do novo surto emigratório da Europa ao longo do século XIX, rapidamente vão conhecer as transformações da revolução industrial que se acelera no velho continente, fazendo com que nas modestas colônias, que se instalaram sob a perspectiva de se limitarem a destinos apenas agrícolas, irrompam iniciativas tipicamente industrializantes e de cunho eminentemente urbano (TERNES, 1993, p. 116).

Joinville assumiu de forma contundente este perfil industrial e urbano a partir do início do século XX. Ainda no século anterior, em 1881, foi fundada a primeira fábrica de tecidos na cidade, nicho industrial até hoje explorado e um dos pilares da economia da região. Em 1906 a energia elétrica passou a ser disponibilizada na região, o que definitivamente impulsionou o desenvolvimento industrial. Neste ano também foi inaugurada a estrada de ferro que liga a cidade aos principais centros do país.

Porém, foi a partir da eclosão da Primeira Guerra Mundial que a cidade teve a oportunidade de desenvolver seu potencial produtivo, a partir da interrupção das importações nacionais de produtos

estrangeiros. Uma série de empresas passou a existir ou teve seus negócios ampliados neste período, dando origem a muitas das indústrias que até hoje existem e mantêm em movimento a economia local. Este fato repetiu-se novamente por ocasião da Segunda Guerra Mundial, quando novamente o salto no desenvolvimento industrial teve lugar na região. Tal desenvolvimento transformou Joinville em um pólo industrial de considerável importância, o que levou a cidade a receber o título de Manchester Catarinense, em alusão à industrializada cidade inglesa de mesmo nome.

Em 1926, como se nota, já era respeitável a diversificação industrial de Joinville. Em 75 anos, Joinville evoluíra realmente, se atentarmos que este período de 1861 a 1926, não marca nada de especial na evolução material do Brasil, que, até há bem pouco, ainda se constituía num país agrícola (TERNES, 1981, p. 216).

Vê-se assim um pequeno vilarejo constituído por imigrantes europeus se transformar em um pólo industrial de considerável expressividade, que exige mão-de-obra para atender todas as emergentes indústrias que passavam a disponibilizar seus produtos não só ao mercado nacional, mas também no internacional. Tal fato fez com que a cidade tivesse, desde então, uma média de crescimento populacional maior do que a média nacional, urbanizando-se cada vez mais.

Althoff (2008) assim explica as consequências deste grande crescimento, especificamente dado pela crescente industrialização:

Esta atividade contribuiu para o rápido crescimento urbano, que trouxe consigo todas as mazelas colaterais, como substituição da

arquitetura urbana do período inicial da colônia, poluição de córregos e rios como aconteceu com o Rio Cachoeira, a ocupação de áreas impróprias para assentamentos humanos como mangues, ameaçando igualmente este ecossistema frágil. Atualmente possui mais de 1700 indústrias e é o terceiro pólo industrial da Região Sul, ficando atrás somente de Porto Alegre e Curitiba. Os setores que mais se destacam na Indústria são: metal mecânico, têxtil, plástico, metalúrgico, químico e farmacêutico. (ALTHOFF, 2008, p. 106).

Para ilustrar o crescimento urbano de Joinville, apresento os números divulgados pelo IBGE ao longo dos censos demográficos acontecidos em 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e estimativa de 2001 a 2006, disponibilizados pela Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável de Joinville – IPPUJ e organizados e disponibilizados por Althoff (2008, p. 107):

Tabela 1: Crescimento populacional em Joinville – 1960/2006.

ANOS	TAXAS MÉDIAS	INICIO DA DÉCADA	FINAL DA DÉCADA
1950 a1960	6,07	43.334	69.677
1960 a1970	6,04	69.677	126.095
1970 a1980	6,45	126.095	235.812
1980 a1991	32,54	235.812	347.151
1991 a 2000	22,21	347.151	429.604
2000 a 2006	1,89	429.604	496.051

Verifica-se na tabela que o crescimento populacional se intensificou especialmente a partir da década de 1960 até 1980. Nesta época vieram para a cidade “contingentes do interior do estado e do Sudoeste do Paraná, chegando a superar em mais do dobro as taxas verificadas em Santa Catarina e no país” (ALTHOFF, 2008, p. 107).

Oportuno é destacar, também, o que diz o professor e historiador Dilney Fermino Cunha, posto que este texto está disponível em caráter oficial, publicado na página eletrônica do IPPUJ:

Entre as décadas de 50 e 80, Joinville viveu outro surto de crescimento [...]. O perfil da população modificou-se radicalmente com a chegada de imigrantes vindos de várias partes do país, em busca de melhores condições de vida. Aos descendentes dos imigrantes que colonizaram a região, somam-se hoje pessoas das mais diferentes origens étnicas, formando uma população de cerca de 500 mil habitantes. Joinville vive o dilema de uma cidade que pretende preservar sua história e inserir-se na “modernidade” (IPPUJ, 2008, p. 16).

Ao longo deste substancial crescimento a partir da década de 1960, concomitantemente foram sendo realizadas práticas de modernização que acompanhassem tal crescimento, pois nesta época,

A cidade passou a ser pensada e construída como um sistema racional, possível de ser pensada como um objeto passível de planificação, apreendido em sua totalidade. Higienistas, médicos e engenheiros são os sujeitos dessa construção. Treinam o olhar, esquadrinham a cidade e visibilizam os corpos dos cidadãos para ter sobre eles o controle sobre sua saúde, sua moradia, seus passos pela cidade, seu trabalho, seu lazer e sua sociabilidade, suas organizações sociais e políticas, seu consumo. Assim, a cidade racionalizada, disciplinada, é ela própria pensada como uma cidade-corpo, objeto de detalhadíssimo olhar do médico e do engenheiro, objetivando construir uma cidade estetizada (pela arquitetura), ou uma cidade reformada (pelas obras de engenharia e topografia), ou uma cidade saneada (pela intervenção do médico) (FLORES; CAMPOS, 2007, p. 269).

Em 1965 a cidade teve seu primeiro planejamento urbano, o Plano Básico de Urbanismo, visando estabelecer diretrizes para um futuro Plano Diretor. Em 1972 foi desenvolvido o Plano do Sistema de Transportes Urbanos. Vale destacar que é desta época que advém um dos títulos de Joinville: *Cidade das Bicicletas*. Segundo estimativa, na época havia cerca de uma bicicleta para cada habitante da cidade, que eram usadas como meio de transporte dos operários das fábricas (atualmente há cerca de uma bicicleta para cada quatro habitantes e a malha de ciclovias disponibilizadas à população da Cidade das Bicicletas é esparsa). Em 1973 foi pensado um novo Plano Diretor, que “caracteriza-se por uma tendência modernista de planejamento, de setorização de atividades em áreas específicas da cidade, além de consolidar a hierarquização viária do plano diretor” (ALTHOFF, 2008, p. 109).

Desde então, diversos dispositivos legais foram decretados para instituir o regime urbanístico de uso e ocupação do solo da cidade, até que finalmente em 2008 foi instituída a Lei 261, que estabeleceu o novo Plano Diretor e que propôs a alteração da lei de uso do solo. Tal alteração ainda não foi concluída e tem, desde então, provocado intensos debates entre o poder público, o mercado imobiliário e as lideranças comunitárias, sendo que especialmente esta última frequentemente convoca a população para a discussão engajada acerca das determinações legais que estão sendo pensadas.

Atualmente Joinville tem o Produto Interno Bruto *per capita* em torno de R\$ 23.561,00/ano. É município pólo da microrregião nordeste do Estado de Santa Catarina e maior cidade catarinense, responsável por cerca de 20% das exportações catarinenses. Conforme o IPPUJ:

Joinville figura entre os quinze maiores arrecadadores de tributos e taxas municipais, estaduais e federais. A cidade concentra grande parte da atividade econômica na indústria - que gera um faturamento de US\$ 14,8 bilhões por ano - com destaque para os setores metalmeccânico, têxtil, plástico, metalúrgico, químico e farmacêutico. O Produto Interno Bruto per capita de Joinville também é um dos maiores do país, em torno de US\$ 8.456 por ano (IPPUJ, 2008, p. 14).

Esclarece o IBGE (2003) que “Joinville faz parte do pólo metalmeccânico catarinense e é o maior PIB do estado. Tem como principal atividade econômica a indústria (fabricação de máquinas e equipamentos)”.

Dentre os problemas próprios de cidades médias/grandes que existem em Joinville, pode-se citar a precariedade das condições de moradia da população que habita a periferia (deficit habitacional, falta de saneamento básico, luz e água, dentre outros), bem como a má distribuição de renda (informações disponíveis na página eletrônica do IBGE: www.ibge.gov.br). Além disso, segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), baseado no censo de 2000, realizado pelo IBGE, 4,2% das pessoas residentes em Joinville estão entre a linha da pobreza e a linha da indigência e 6,9% vivem abaixo da linha da indigência (do mesmo censo tem-se a informação de que 30,25% da população brasileira vive entre a linha da pobreza e a linha da indigência e 10,23% vive abaixo a linha da indigência). Segundo o Atlas, em Joinville, de 1991 a 2000, houve redução da pobreza em 9,0%. Já o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH -

medida utilizada pelas Nações Unidas para a avaliação do bem-estar de uma população) da cidade de Joinville é de 0,857, considerado alto pelo PNUD (a título de comparação, o IDH do Brasil é 0,813). Ocupa assim a 13^a colocação dentre os municípios brasileiros (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2003).

Destarte, a Colônia Dona Francisca, posteriormente Joinville, com seu intenso crescimento populacional, financeiro e urbanístico, surgiu com o objetivo inicial de modernização do Império brasileiro, que se propunha a substituir a mão-de-obra escrava pela do imigrante livre, colonizador, dentro da política de integração e controle dos vastos territórios que formavam o estado brasileiro: um projeto moderno, portanto, de criação e ampliação das cidades. Joinville atendeu a este propósito e, mais do que isso,

A valorização do setor industrial no contexto nacional e o incentivo de investimentos financeiros subsidiados pelo governo dentro da política do Estado de Bem Estar Social, projetou Joinville ao status de cidade modelo de desenvolvimento. (NIEHUES, 2006, s/p).

Para Silva (2004), na historiografia oficial da cidade há uma espécie de mito fundador⁹, frequentemente reiterado, que busca valorizar os primeiros acontecimentos da fundação da Colônia, exacerbando os feitos e a bravura dos imigrantes, especialmente dos alemães. Tal mito fundador e sua consequente reafirmação podem ser percebidos, por exemplo, em campanhas publicitárias, seja de órgãos

9 Conceito proposto pela filósofa Marilena Chauí, que afirma que “*Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.*” (CHAUÍ, 2000, p. 5, grifos no original).

públicos ou privados, que veiculam chamadas na mídia lembrando os encantos da cidade dos príncipes¹⁰. Também é oportuno mencionar os rituais organizados pelo poder público local por ocasião das comemorações de aniversário da cidade:

A todo 9 de Março, a “vida heróica dos desbravadores é relembada, costumeiramente realizam-se homenagens aos “pioneiros” no Cemitério do Imigrante e depositam-se flores no Monumento ao Imigrante, como que seguindo uma prescrição do “tempo do Centenário”. Naquele momento, as imagens das filmagens das comemorações revelam, no último dia do evento, crianças colocando flores no Monumento”¹¹ (SILVA, 2004, p. 259). [Figura 5 e 6]

Exemplo dos rituais citados por Silva (2004) acerca das comemorações realizadas no dia do aniversário do município pode-se verificar nas figuras 4 e 5. No Monumento ao Imigrante, obra do artista plástico alemão radicado em Joinville, Fritz Alt, são depositadas flores

10 Além de Cidade dos Príncipes, das Bicicletas, Manchester Catarinense, a cidade também detém o título de *Cidade das Flores*, que teve origem em 1906, quando o então presidente da República, Afonso Pena, visitou Joinville e se encantou com seus jardins. A tradição de embelezar as casas com belos jardins é usualmente creditada aos imigrantes alemães, que trouxeram tal hábito de sua terra natal. Assim, em 1936 aconteceu em Joinville a primeira Exposição de Flores e Artes Domiciliares (EFA). A partir de 1970 esta exposição passou a se chamar Festa das Flores e, em 2008, tornou-se um evento internacional. No ano de 2009 a festa comemorou os 180 anos de imigração alemã em Santa Catarina, tendo recebido um público de aproximadamente 200 mil pessoas ao longo de seis dias de duração (mais informações podem ser encontradas na página eletrônica oficial da festa: www.festadasflores.com.br). Além disso, nos últimos anos Joinville também passou a ser chamada de Cidade da Dança, em virtude de sediar anualmente o maior festival de dança do mundo e possuir a Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, única filial da Escola do Teatro Bolshoi fora da Rússia.

11 Nesta passagem Silva (2004) refere-se a alguns pontos que merecem esclarecimento: o Cemitério do Imigrante, onde estão sepultados os primeiros imigrantes que colonizaram a região, hoje é patrimônio público; ao se referir a Tempo do Centenário, remete o leitor às comemorações ocorridas por ocasião do centenário da cidade, quando esta prática teve lugar pela primeira vez; por fim, ao se referir a Monumento, está a mencionar o Monumento ao Imigrante, localizado na Praça da Bandeira, no centro da cidade.



Figura 5: Monumento ao Imigrante, localizado na Praça da Bandeira. 09/03/2001. Acervo de Arselle de Andrade da Fontoura.

Fonte: Silva, 2004, p. 260.



Figura 6: Monumento ao Imigrante, localizado na Praça da Bandeira. 09/03/2001. Acervo de Arselle de Andrade da Fontoura.

Fonte: Silva, 2004, p. 260

em “Homenagem aos imigrantes durante as comemorações do sesquicentenário de Joinville” (SILVA, 2004, p. 260).

No intenso crescimento da cidade, a vinda de migrantes de outras regiões do país fez surgir um sentimento de nostalgia pela identidade germânica posta em risco, conforme afirma Apolinário Ternes:

Nas décadas de 1970 e 1980 Joinville sofre de uma singular perda de identidade, desfigurando-se de suas características históricas. Trata-se, então, do ápice de um processo de desintegração cultural, que se inicia há 30 anos, a partir da acelerada industrialização e da urbanização descontrolada. As carências da periferia, a escassez de recursos, a explosão demográfica, imobilizam as administrações, não permitindo que os planos de urbanismo controlado e científico sejam implementados, como é o caso, então flagrante, de Joinville (TERNES, 1993, p. 188).

Nas palavras do autor, a identidade de tradicional cidade ordeira, que foi construída pela “cultura do trabalho” (TERNES, 1986, p. 164) está em risco, pois “Esta ruptura definitiva com a estrutura colonial e tipicamente européia que mantinha ainda ao completar 100 anos em 1951, provocou um novo e total dimensionamento a Joinville” (TERNES, 1986, p. 149) e “Inapelavelmente, repetir-se-ão daqui para frente os casos de invasões, de ocupações desordenadas, de favelização das periferias e notadamente das áreas de mangue (TERNES, 1993, p.189). Todavia, mesmo assumindo este quadro, o autor reitera seu posicionamento acerca do mito da bravura e empreendedorismo do imigrante alemão, ao afirmar que:

[...] é fácil concluir, Joinville continuará tendo um desenvolvimento econômico acelerado, já que sua personalidade de cidade industrial está definida e comprovada a qualidade da mão-de-obra que possui, como provado está, igualmente, o espírito empresarial da nossa gente, legítima herança da cultura germânica que absorvemos, assimilamos e que por muitas décadas ainda influenciará no processo histórico de Joinville. (TERNES, 1981, p. 218, 219).

A complexidade do caos urbano característico da contemporaneidade, revelada pela polifonia da cidade, impõe resistência à categorização da Joinville do século XXI, pois se por um lado o historiador, mesmo deparando-se com a radical existência do diferente, caracterizado por ele como a “favelização da periferia” ou as “ocupações desordenadas”, continua a afirmar a tradição da cidade de trabalhadores, por outro, a cidade oferece ferrenha resistência a classificações válidas outrora (tal como a cidade dos Príncipes, das Bicicletas, das Flores), posto que os modelos de antes já não são adequados para apreender completamente a cidade. Conforme Canevacci (1993),

a sociedade atual está mudando tão rapidamente que se tornam obsoletos os paradigmas interpretativos ligados a um contexto que já se dissolveu. [...] A competição internacional entre as cidades produziu uma mutação das tradicionais cidades industriais em cidades de arte ou de cultura. (CANEVACCI, 1993, p. 37-38).

Destarte, Joinville continua realizando suas tradicionais comemorações (Festa das Flores, Festa das Tradições, Festa do Bandeon, Festa do Pato, diferentes festas do Colono, encontros

folclóricos), buscando resistir ao dissolvimento da identidade cultural produzida nas primeiras décadas de sua existência como cidade:

O capitalismo globalizante trouxe em sua esteira, e busca, em sua maior parte, uma invocação por uma identidade regional ou local, como forma de fugir das grandes homogeneidades e manter o caráter de singularidade no grande mercado mundial, para que possa aparecer como mais ‘um’ concorrente. (FLORES; CAMPOS, 2007, p. 271).

Todavia, aquilo mesmo que seria produzido para manter sólidas as heranças de tempos idos, mantendo aceso o saudosismo de um período agora poluído pelo estranho, tal como as águas poluídas do Rio Cachoeira que cortam a cidade, está completamente entranhado por uma lógica contemporânea de existência das cidades: o local é produzido para ser visto globalmente. Talvez não por acaso em maio de 2010 a edição seguinte da Festa das Flores teve seu lançamento nacional realizado durante o 5º Salão Brasileiro de Turismo, no Centro de Exposições Anhembi, em São Paulo. A Festa das Flores, que busca proteger certa herança cultural, é divulgada em um grande evento de cunho comercial, para os demais estados da federação, buscando estimular a comercialização de pacotes turísticos para a cidade e para a festa. Atende, assim, a mais contemporânea das necessidades das cidades: (re)criar sua cultura continuamente, para então vendê-la no contínuo jogo globalizado da lógica capitalística.

Interessante analisar ainda, sobre esta (re)produção do que é do local, a completa participação do que é global, pois esta afirmação da tradição é feita incorporando-se a ela recursos tecnológicos os mais diversos: basta passear pelas páginas eletrônicas que divulgam as

belezas das cidades¹², para se verificar o global atravessando o local e vice-versa. Tem-se assim que

Nas cidades contemporâneas, onde os fluxos são intensos, para além de um 'próprio' do lugar, 'o aqui e o lá' ficam embaçados e a idéia fixa de enraizamento é estremecida. (...). A fixidez que a tradição atribui aos lugares em muito já vazou para outros tantos. Existe a fluidez do contemporâneo. (FLORES; CAMPOS, 2007, p. 272).

Em Joinville, vê-se nas ruas da cidade a coexistência do tradicional e do novo: enquanto os urbanistas e arquitetos lutam pela manutenção do patrimônio histórico¹³, disputam o olhar dos transeuntes prédios de linhas retas, encimentados e envidraçados, funcionais, margeados por ruas de trânsito intenso e rápido, com poucas possibilidades de paradas, no mesmo ritmo frenético de uma existência achatada pela velocidade.

Enquanto em algumas esquinas pode-se escutar senhoras idosas descendentes de alemães dialogando umas com as outras sobre seu cotidiano na língua de seus ascendentes, em outras o caminhante se deparará com intervenções urbanas de grande brilhantismo estético que impactariam aquelas mesmas senhoras germânicas. Outro exemplo deste hibridismo pode ser encontrado nas diversas denominações religiosas que convivem (ou pelo menos, lutam para conviver) na cidade, desde as

12 A título de ilustração, sugiro estas três páginas eletrônicas: <http://www.festadasflores.com.br/>; <http://www.turjoinville.com.br> ; <http://www.festivaldedanca.com.br>.

13 Por exemplo, busca-se preservar a tradicional arquitetura enxaimel, técnica de construção criada ainda na Idade Média e trazida para a região pelos imigrantes. Atualmente, há 11 destas casas tombadas pelo patrimônio histórico, mas a estimativa é que existam ainda cerca de 200, predominantemente na área rural de Joinville (Figura 7).



Figura 7: Casa construída em técnica enxaimel, localizada na zona urbana de Joinville.
Fonte: Arquivo da pesquisadora. Gisele Schwede, 25/07/2010.

tradicionais comunidades luteranas às religiões afro-descendentes, ainda que:

Sendo Joinville uma cidade profundamente marcada pelo ethos do trabalho e pelo mito do empreendedorismo alemão, a presença religiosa afro-brasileira neste cenário apresenta-se de forma problemática, tendo em vista o reconhecimento e o autoreconhecimento dos seus membros” (MACHADO, 2009, p. 2).

Assim, nesta cidade polifônica, em que o sincretismo¹⁴ se presentifica nos cenários repletos de intervenções urbanas localizados em tradicionais prédios, revelam-se novos modos de se compreender e produzir a cidade. Estas novas configurações agenciam novos modos de vida para os habitantes da cidade, impondo modos de subjetivação e práticas sociais *sui generis*. Neste sentido, na figura 8 pode-se ver um exemplo de uma intervenção urbana localizada no centro da cidade. Esta intervenção foi desenvolvida nas paredes do prédio que abriga o Museu do Sambaqui, que contém um vasto acervo arqueológico de materiais remanescentes de populações pré-coloniais. A intervenção aí produzida é resultado de um dos projetos ganhadores de um edital de seleção de propostas de intervenções urbanas, promovido pela Fundação Cultural de Joinville. Este edital teve por temática a transformação do meio, tendo como linguagem o graffiti. Esta intervenção é de autoria de Jan Oliveira e Rafael Busmayer e apresenta alguns dos títulos da cidade de

14 Tomo aqui emprestado o conceito de Canevacci (1996, p. 13): “Assumimos aqui o sincretismo como termo-chave para a compreensão da transformação que está se dando naquele processo de globalização e localização que envolve, transforma e arrasta os modos tradicionais de produção de cultura, consumo, comunicação”.



Figura 8: Intervenção urbana produzida sobre paredes do prédio que abriga o Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville. Fonte: arquivo da pesquisadora. Gisele Schwede, 06/06/2010.

Joinville: o príncipe, a bicicleta, a tradição germânica e a dança¹⁵.

3.2 Na Cidade dos Príncipes, o Paraíso

Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Ítalo Calvino (2009, p. 150).

É nessa cidade polifônica que encontramos um bairro chamado Jardim Paraíso (Figura 9), região eleita para a realização desta pesquisa por possuir algumas peculiaridades em relação a outras regiões da cidade. Esta região, antes de possuir a atual denominação, era conhecida por Cubatão, em virtude de um rio de mesmo nome que atravessa esta região. É um bairro afastado, localizado na zona norte da cidade, a 10,16 km do centro. Segundo o IPPUJ (2009), consta que o nome do bairro deriva da denominação dada pela imobiliária responsável pelos loteamentos desta região. Trata-se de loteamentos, denominados de Jardim Paraíso I, II, III e IV existentes desde 1980 (ainda que tenha recebido energia elétrica somente a partir de 1984) e que até abril de 1992 pertenciam ao município de São Francisco do Sul. Ainda segundo o IPPUJ (2009), é um bairro populoso, com 15.831 habitantes distribuídos por 3,27km². Em seu território estão localizadas 0,74% da atividade econômica do município, sendo, portanto, um bairro prioritariamente residencial. Oportuno lembrar que o fato de o bairro ser

15 O processo de criação da obra pode ser conhecido assistindo-se ao vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=NV0DQJ6Vmco>.



Figura 9: Rua de acesso ao bairro Jardim Paraíso, em Joinville.
Fonte: arquivo da pesquisadora. Gisele Schwede, 18/07/2009.

um contexto em que eu já havia tido a oportunidade de realizar intervenções profissionais, conforme já posto, facilitou sua caracterização e minha inclusão neste espaço urbano¹⁶.

Nesta localidade há 969 famílias vivendo em áreas de ocupação, isto é, locais em que as pessoas têm posse dos terrenos por estarem vivendo há muitos anos neles, porém, não foram adquiridos legalmente¹⁷. Sendo assim, segundo a caracterização dos próprios habitantes de lá, há dois tipos de moradores no bairro: aqueles que residem nas áreas de ocupação, por eles chamada de “invasão”, e aqueles que moram em terrenos legalizados, conforme já descrito. Por ser um bairro da periferia da cidade, migrantes com baixa escolaridade que vêm para Joinville em busca de emprego e melhores condições de vida o procuram para morar, haja vista os bairros mais periféricos terem menor custo de vida.

Verifica-se sobre este bairro considerável estigma criado pela sociedade joinvilense, fomentado pela propaganda negativa veiculada pela mídia, que acaba marcando-o como um local violento, onde prolifera a pobreza. Esse é o discurso que se ouve acerca do bairro e, conseqüentemente, acerca das pessoas que lá habitam e constroem suas vidas. A título de ilustração desta afirmação, cito um trecho do projeto de extensão que foi desenvolvido por um curso de graduação de uma

16 As informações aqui contidas sobre o bairro que não estão referenciadas foram obtidas durante intervenção profissional que lá realizei, com adolescentes da escola pública de ensino médio do bairro, no ano de 2006, com os colegas que comigo realizavam estágio curricular em Psicologia Escolar nesta localidade: Caroline Perovano, Jaqueline Jablonski, Luciana Laube e Nasser Haidar Barbosa. Aos colegas agradeço pela constante troca de idéias que pudemos realizar naquela ocasião. Mais informações sobre esta atividade podem ser encontradas em Perovano, Caroline et al. (2006).

17 Em Joinville, no ano de 2009, havia 3670 famílias vivendo em áreas de ocupação, dos quais 26,4% estão localizadas no Bairro Jardim Paraíso, o bairro com maior percentual de moradias nesta situação. (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE, 2009).

faculdade de Jornalismo da cidade, a partir do pedido de líderes comunitários do bairro Jardim Paraíso. Estes líderes pretendiam criar o jornal produzido pelos e voltado para os moradores do bairro, já mencionado no capítulo anterior:

O Bairro Jardim Paraíso sofre continuamente com a fama de Bairro mais violento de Joinville, esta fama se propaga devido o ataque contínuo da mídia que age com parcialidade vendo apenas a violência, que de fato tem assustado muito gente, porém, violência não é a única coisa que acontece por aqui, quem mora aqui, sabe que apenas uma minoria da população desocupada e envolvida com o tráfico é responsável por esta fama (NOERNBERG; LACERDA, 2008, p. 3).

É possível citar algumas necessidades mencionadas pela população que lá reside: não há locais para o lazer¹⁸; o saneamento básico começou a ser feito em meados de 2006 e ainda não foi concluído. Além disso, o comércio é incipiente: as pessoas precisam se locomover para outros bairros a fim de realizar algumas atividades, como, por exemplo, serviços bancários, que são inexistentes na região, exceto pela presença de uma agência lotérica, recentemente inaugurada.

Torna-se importante aqui citar alguns números em relação aos serviços públicos encontrados neste bairro. De acordo com o IPPUJ (2006), o Jardim Paraíso possui somente uma área de lazer (até a

18 Na semana que iniciamos esta pesquisa-intervenção, a Prefeitura Municipal inaugurou em uma praça localizada no bairro um espaço com equipamentos para a realização de atividades físicas. Trata-se de um projeto desenvolvido pela Prefeitura que tem como meta incentivar a prática de atividades físicas, a inclusão social, a auto-estima e a saúde. Tal como as crianças da pesquisa relataram, o projeto tem como público alvo a população da terceira idade, monitorados por profissionais especializados em horários pré-determinados. Até o final de 2009 havia em Joinville 18 Academias da Terceira Idade (como são chamadas), instaladas em diversos bairros. Há a previsão de instalar mais 38 no ano de 2010.

inauguração da academia da melhor idade, já citada, esta área não era entendida pela população como de lazer, já que se caracterizava por ser um espaço aberto e sem infra-estrutura). Estão disponíveis à comunidade quatro postos de saúde (um em cada região do bairro) e ainda um Módulo Odontológico localizado em uma escola municipal.

Em relação à educação, possui duas escolas municipais e uma estadual de Ensino Médio. Há ainda duas associações de moradores, três clubes de mães, um clube de idosos e várias entidades sociais/de classe/religiosas. Ainda de acordo com o IPPUJ (2006), 99% do bairro possui água e luz elétrica. Informações acerca de esgoto domiciliar especificamente sobre este bairro não estão disponíveis¹⁹.

É este o contexto urbano em que vivem as crianças participantes da pesquisa. Busquei então os enunciados destas crianças sobre a cidade, enunciados que dialogam com a cultura em que estão inseridos e que as constitui, buscando com isso conhecer suas experiências e os sentidos que produzem sobre a realidade que vivem.

19 Segundo informações do IPPUJ, apenas 16,60% da população da cidade é atendida em suas residências pela rede de (coleta) de esgoto, sendo, portanto, um total de 81.670 pessoas em 18.920 residências.

4 AS CRIANÇAS E AS IMAGENS DA CIDADE

Ninguém sabe melhor que tu, sábio Kublai, que nunca se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve. E contudo entre eles há uma relação.

Ítalo Calvino (2009, p. 59).

Concebendo que a constituição psíquica do sujeito é resultante do processo de apropriação de aspectos significativos da realidade e, portanto, resultado de uma produção singular e ao mesmo tempo social e histórica, realizar uma análise a partir da perspectiva do enfoque histórico cultural em Psicologia enseja em se buscar conhecer, “como a realidade social é recombinaada e objetivada em cada pessoa que se apresenta, assim, como expressão e ao mesmo tempo fundamento desta mesma realidade” (ZANELLA et al., 2007, p. 28).

Entendendo que os sentidos atribuídos por crianças à cidade, aqui objetivados em linguagem verbal e imagética, são socialmente construídos, estes sentidos são impossíveis de serem entendidos descontextualizados das histórias e contextos em que vivem as crianças que participaram da pesquisa, pois estas crianças encontram-se, desde seu nascimento, inseridas em um espaço repleto de significações produzidas culturalmente que são por elas apropriadas e ressignificadas. Neste sentido, inicio agora a descrição/apresentação das crianças que participaram da pesquisa, pois além de ser esta uma parte importante da investigação, a realização desta descrição também contribui para a busca das categorias de análise que emergem da fala dos sujeitos participantes e que permitirão a compreensão teórica do processo de recombinação e objetivação da realidade social em cada sujeito, buscando-se com isso

“[...] mostrar na esfera do problema que nos interessa como se manifesta o grande no pequeno [...]” (VYGOTSKI, 1995, p. 64).

4.1 As crianças

*- Onde esta o sábio? - O fumador apontou para o lado de fora da janela. Era um jardim com brinquedos para crianças: os pinos, a gangorra, o pião. O filósofo estava sentado na grama. Disse:
- Os símbolos formam uma língua, mas não aquela que você imagina conhecer.*

Compreendi que devia me liberar das imagens que ate ali haviam anunciado as coisas que procurava: só então seria capaz de entender a linguagem de Ipasia.

Ítalo Calvino (2009, p.48)

Conforme descrito no 2º capítulo, participaram da oficina de fotografia dezessete crianças de dez a doze anos, estudantes do quinto ano, e mais três crianças mais jovens, irmãs de crianças do quinto ano, que precisavam trazê-las também para a oficina, já que estavam sob seus cuidados no período matutino. Todas estas crianças receberam uma câmera fotográfica descartável para fotografar aspectos da cidade que lhes fossem significativos. Destas, dezenove devolveram as câmeras para a revelação das imagens. Destas dezenove crianças, treze participaram da entrevista realizada durante o último encontro, também conforme já descrito no capítulo anterior. Embora a participação de todos tenha sido significativa, optei por analisar as entrevistas e imagens das treze crianças que participaram de todo o processo, que passo a apresentar a seguir.

a) *Carol* tem dez anos de idade. Mora com sua mãe e com seu

irmão de dezoito anos, que trabalham fora durante o dia. Tem também uma irmã de dezesseis anos, que mora com pai em outra cidade. Carol não conhece o pai, apenas a irmã que eventualmente vem passar alguns dias com a família em Joinville.

Sua rotina é planejada, de modo que não precisa ficar sozinha em casa: no período da manhã Carol frequenta um projeto social disponibilizado por uma Organização Não Governamental onde brinca, desenha, e *faz um monte de coisa legal*. Ao meio dia almoça em uma cozinha comunitária, também localizada no bairro, e a tarde vai para a escola. Carol desloca-se sozinha entre estes lugares, cumprindo a agenda planejada pela mãe para esta ficar tranquila enquanto trabalha em uma empresa que presta serviços de limpeza para outras empresas.

O sonho de Carol é estudar e fazer faculdade. Para alcançar seu objetivo, relata saber que precisa estudar e se dedicar muito, pois entende que não será fácil chegar lá. Todavia, diz que só assim alcançará seu sonho e terá um futuro melhor.

Carol expressa, no conjunto de sua produção fotográfica, a estrutura que a cidade propicia para a existência dos moradores: produz imagens da farmácia do bairro (figura 10); do posto médico, da academia para a terceira idade, pois praticar exercícios garante a saúde; do ônibus, que segundo ela é o meio de transporte para se ter acesso a consultas médicas. Assim, a estrutura por ela valorizada e apresentada nas imagens é aquela que garante a saúde.

b) *Bad Boy*, conforme já mencionado no segundo capítulo, era a menor criança do grupo. Recém havia completado dez anos de idade, e apesar de seu tamanho, destacava-se no grupo por sua capacidade de



Figura 10: A farmácia do bairro fotografada por Carol.
Fonte: arquivo da pesquisadora.

mobilizar as atenções para si (não apenas dos pesquisadores, mas também das demais crianças): no primeiro encontro sua presença no grupo não passou despercebida, ora pelas brincadeiras que fazia com os demais, ora caçoando de seus colegas, ora desafiando os pesquisadores. Todavia, já no segundo encontro pudemos ir conhecendo outras características de Bad Boy. Neste dia, ao final do encontro, veio até o carro para o qual estávamos nos dirigindo, para se despedir de cada um e avisar que estaria nos esperando na próxima semana.

No terceiro encontro, vale lembrar, ocorreu o episódio descrito no segundo capítulo entre Bad Boy e Dai, a irmã menor que acompanhava Lari para que esta pudesse participar da oficina. Neste episódio Bad Boy denotou sua indignação pela humilhação sofrida diante das outras crianças, quando Dai conferiu-lhe uma bofetada no rosto. Neste mesmo dia, enquanto o grupo dialogava sobre a cidade de Joinville, Bad Boy auxiliou com dedicação o irmão pequeno de outra participante do grupo a produzir um desenho com que este se ocupava, enquanto ele mesmo desenhava em uma folha A4 o presídio de Joinville, revelando que queria na cidade *uma cadeia bem grande para prender todos os maconheiros*.

Toda produção fotográfica de Bad Boy foi feita em sua casa ou na rua em que mora, pois buscou mostrar a cidade a que tem acesso. Além disso, das dezesseis imagens que produziu, em seis procurou mostrar sua família²⁰:

Pesq.: O que você quis mostrar nesta foto?

Bad Boy: Eu quis mostrar meu... minha mãe e

²⁰

A fim de garantir a privacidade da família de Bad Boy, não serão apresentadas estas imagens.

meu padrasto.

Pesq.: Esta é a tua mãe e este o teu padrasto? Estavam tomando chimarrão²¹?

Bad Boy: Ahã. Os pais são muito importante, por que assim, se eles, porque os pais é que fazem a gente e não o Deus. O Deus faz os pais nossos e os pais nossos, nós.

Paranaense, Bad Boy foi trazido ainda pequeno para Joinville, quando os pais procuravam melhores condições de vida para a família. Mora com sua mãe, padrasto e o irmão mais novo perto da igreja em que as atividades da oficina aconteciam. Seu irmão mais velho estava detido no presídio de Joinville. Este último detalhe foi mencionado por outra garota do grupo durante o diálogo em pequenos subgrupos, durante o segundo encontro da oficina, ao que Bad Boy replicou: *se é filho só do meu pai, daí não é como se fosse irmão meu.*

Bad Boy também apresenta em sua produção fotográfica, como a segunda imagem mais significativa dentre todas por ele produzidas, aquela que mostra seu cão (Figura 11). Diz ele:

Bad Boy: Eu tenho um cachorro. Daí quando, daí tem pi lazada²² que fica inticando ele, daí estes dias ele arrebtou o arame, daí ele quase mordeu uma criança.

Pesq.: E tem muitas pessoas que ficam inticando com o cachorro?

Bad Boy: Tem.

Pesq.: E por que você escolheu fazer esta fotografia?

Bad Boy: É porque mostra que os animais também têm que ser respeitados. Porque se for para judiar dos animais, nem adianta ter.

Pesq.: Você só tem estes ou tem mais cachorros?

²¹ Bebida amarga característica do Sul do Brasil, preparada a partir do mate.

²² Piazada é uma gíria utilizada na região Sul do Brasil para designar um grupo de piás (meninos).



Figura 11: O cão de Bad Boy.
Fonte: arquivo da pesquisadora.

Bad Boy: Só este e uma cadelinha pequeninha.

Bad Boy foi revelando, ao longo dos encontros, seu senso de justiça e sua noção de direitos, seja dos animais, seja das pessoas. Afirma que *o passarinho na verdade não pode ficar preso em gaiola. Eles têm que ficar solto, porque é o direito deles. Cada animal tem o seu direito. Como o humano também tem. Os animais, os passarinhos têm que ser solto, tem que ficar em liberdade, não fica só em gaiola, preso.* Por outro lado, ele afirma que na cidade deveria haver *uma cadeia bem grande para prender todos os maconheiro.* Na análise que seguirá esta questão voltará a ser abordada.

c) *Dado* tem doze anos de idade. Para participar dos encontros da pesquisa, precisou trazer também sua irmã de oito anos de idade, já que é o responsável por seu cuidado. Durante as manhãs *Dado* é o responsável também por deixar a casa arrumada e varrida, pois sua mãe trabalha durante o turno noturno e precisa dormir durante a parte da manhã. Contou que já reprovou duas vezes na escola e que não é mais criança e sim um pré-adolescente.

Dado começou a estudar na atual escola há pouco tempo, isto é, no início do quinto ano, pois os pais resolveram matriculá-lo em uma escola mais perto de casa, especialmente considerando que já havia reprovado duas vezes na primeira escola. Assim, *Dado* quis mostrar nas imagens por ele produzidas a antiga escola (figura 12), pois é lá que estavam seus amigos:

Pesq.: Onde é isso?

Dado: É ali onde eu estudava antes, daí eu vim para esta escola aqui. Antes também era muito legal ir também, eu tinha um monte de amigos,



Figura 12: A antiga escola de Dado.
Fonte: arquivo da pesquisadora.

daí eu vim para cá e não tem nenhum. Tinha uma quadra onde a gente jogava bola. Isso lembra a amizade que acabou. Eu tinha mais amigos e daí eu tive que mudar para aí... até eu pegar novos amigos aqui... É uma paisagem bonita. Lembro de vários amigos de antes. Eu ficava brincando aqui.

d) *Maicon* não estuda na mesma classe que os demais participantes da pesquisa: foi convidado por Mai, pois além de serem vizinhos, são amigos. Com dez anos de idade, *Maicon* desde o início mostrou-se um garoto tímido, mas, além disso, simpático e gentil. Mora com os pais e o irmão mais novo. Seu irmão mais velho mora com a mãe, em outro bairro da cidade.

O conjunto de sua produção fotográfica divide-se em duas categorias: aquela que expressa o entorno de sua casa, isto é, o bairro onde mora, e a que procura apresentar um passeio a um lugar por ele considerado bonito em Joinville: uma vila de pescadores localizada em uma região chamada Vigorelli, banhada pela baía da Babitonga, que dá acesso ao mar (Figura 13). Para *Maicon* produzir estas últimas imagens, sua família (pais, irmão e tios) fez uma visita ao local durante o fim de semana em que *Maicon* esteve com a câmera fotográfica. Segundo ele, os pais estão contentes por ele estar participando da oficina: *Minha mãe diz que é bom eu participar.*



Figura 13: Praia da Vigorelli registrada por Maicon.
Fonte: arquivo da pesquisadora.

Nas imagens produzidas de seu bairro, Maicon apresenta o que acha ruim:

Maicon: Aqui eu quis mostrar que, aqui já caiu um monte de gente nesta valeta [enquanto falava, Maicon apontava para a imagem da Figura 14].

Pesq.: Já caiu um monte de gente?

Maicon: E aqui que, é desse terreno ali. Tem o terreno baldio e a valeta na frente.

Pesq.: E isso é aqui no bairro mesmo?

Maicon: É. É na frente da minha casa.

Pesq.: Você quis mostrar a valeta em frente a tua casa?

Maicon: Na frente da minha casa tem um terreno baldio, tem uma valeta e atrás da minha casa tem um, do lado tem a... Atrás tem uma valeta, uma baita de uma valeta, assim bem grandona e mais uma, um terreno.

Pesq.: E por que você escolheu registrar esta imagem, Maicon?

Maicon: Por que aqui dá a coisa ruim, né? Sem asfalto, sem tubulação...

Pesq.: Sem tubulação de esgoto?

Maicon: É.

[...]

Maicon: É porque tem muita sujeira... tem muito... muitas coisa ruins aqui, né?

Pesq.: Então você quis mostrar nas fotos as coisas ruins que tem na cidade onde tu mora?

Pesq.: Aqui nem precisa tirar foto de coisa, bastante coisa ruim, que aqui já diz tudo, né?

Como Bad Boy, Maicon também apresenta a precariedade da estrutura do entorno de sua casa, apontando que na valeta apresentada na figura 14 muitas pessoas já caíram. Esta falta de estrutura expressa por Maicon será analisada ainda neste capítulo, em uma das categorias definidas para análise.



Figura 14: A valeta em frente à casa de Maicon.
Fonte: arquivo da pesquisadora.

Após apresentar suas imagens durante a entrevista, Maicon lamenta não ter podido produzir também imagens da área rural de Joinville, onde mora um tio, pois não tinha como ir até lá. Lamenta ainda não ter fotografado os lugares em que moram os parentes de quem tem saudades: aqueles que ficaram no Paraná, como, por exemplo, sua prima, de quem não consegue mais nem lembrar a idade.

e) Com dez anos de idade, a característica mais marcante de Guga é sua gentileza. Expressões como *por favor*, *muito obrigado* fazem parte constante de seu vocabulário. Mora com os pais e o irmão mais novo, por quem é responsável pelo cuidado e é o melhor amigo de Nycole, que também participou da pesquisa. Segundo ele, gosta de desenhar e de arte. Trouxe diversos desenhos feitos por ele para mostrar para o grupo, bem como, desenhou alguns.

Ao fotografar, procurou mostrar os recursos e os problemas da cidade, isto é, apresentou tanto os pontos que considera problemáticos, como o trânsito e a violência, quanto os recursos existentes para a educação e o cuidado das crianças, como um Centro de Educação Infantil (Figura 15).

Todavia, ele não deixa de lembrar que, além destes recursos importantes e necessários, o bairro também tem problemas:

Guga: Olha, eu não gosto muito é da violência, porque eu tava uma vez na minha casa com o meu pai e a minha mãe. A minha mãe não estava grávida ainda, aí, escutei uns barulhos... Daí nós baixamos a TV para ver o que era. De repente começou a vir muita polícia. Daí a gente foi lá para ver o que era. Eles... o motoqueiro matou um homem que tava passando e tava devendo



Figura 15: O Centro de Educação Infantil fotografado por Guga.
Fonte: arquivo da pesquisadora.

para ele, né? Da droga... Daí eu só não gosto da violência aqui.

Pesq.: Isso foi perto da tua casa?

Guga: Foi bem atrás, na rua.

f) *Indi*, de dez anos de idade, foi uma das garotas mais tímidas do grupo. Preferia prestar atenção ao que os colegas falavam a tomar a palavra. Mora com os pais e irmãos e foi com um dos irmãos que saiu para uma caminhada pelo bairro, durante o fim de semana em que esteve com a câmera fotográfica, para produzir suas imagens.

Nestas imagens, *Indi* apresentou principalmente a estrutura oferecida pelo bairro: a escola e a academia da melhor idade, recém inaugurada. Para *Indi*, a escola é a solução para a violência e a criminalidade:

Pesq.: E como é ser criança nesta cidade de Joinville, Indi?

Indi: Ah, é legal, as vezes é ruim porque tem muita, tem crime.

Pesq.: Tem crime? Esta é a parte ruim?

Indi: É. De bom é quase tudo.

[Indi mostra a imagem da escola, figura 16]

Indi: É a escola.

Pesq.: E por que você escolheu mostrar a escola?

Indi: Para eles estudar, não fazer o crime.

Pesq.: Para eles?

Pesq.: As crianças, as pessoas...

g) *Hadassa* tem dez anos de idade e é a mais velha de três irmãos. Seu irmão mais novo ainda é bebê e sua mãe, além de cuidar dele, também cuida de mais dois outros bebês, filhos de vizinhas, visando a incrementar a renda familiar. Deste modo, as atividades de cuidado da casa são divididas entre *Hadassa* e sua irmã de oito anos de idade,



Figura 16: A escola fotografada por Indi.
Fonte: arquivo da pesquisadora.

Rosana, para a mãe poder se ocupar do cuidado dos bebês. Além disso, Hadassa conta que gosta muito de ler e contar histórias.

Durante os encontros da oficina e também na entrevista, Hadassa revelou diversas informações sobre como é ser criança em um bairro de periferia, assim como revelou como é ser a filha mais velha de uma família de pais trabalhadores: compartilha quais são as suas responsabilidades e o sentido que dá às exigências que o cotidiano lhe impõe. Revela, por exemplo, que a falta de privacidade e tempo para cuidar de si mesma é algo que a incomoda muito.

Hadassa também mostra sua preocupação com o pai quando reclama das condições do bairro em que vive:

Hadassa: Bom, é a lama [apontando para a imagem da figura 17]. Muita lama. Eu aproveitei que tava chovendo naquele dia. É a foto da lama, muita lama tem aí, muita lama. Eu não costumo andar por aí para ver, mas a minha rua é, pra mim, a pior, principalmente por ser a que eu moro, que daí fica difícil a passagem. Meu pai vai agora trabalhar de moto, complica, ele reclama porque não pode andar muito rápido, senão cai e não pode andar devagar porque senão também cai, daí tem que manter numa velocidade média, daí fica complicado. Vai que acontece um acidente. Daí complica. Outra coisa que é ruim é quando dá sol. Chovendo ou sol é tudo a mesma porcaria. Chovendo é uma lama que não acaba mais e com sol é uma poeira enorme, enorme, depende da quantidade de sol. Mas fica muita poeira, é horrível. Tinha que melhorar as ruas. Mais pra frente lá tem o asfalto, porque aqui não pode ter asfalto também? Se lá tem, aqui passa linha de ônibus... Tem muita coisa ruim no nosso bairro, tem bastante coisa ruim no bairro, como a rua, por exemplo.



Figura 17: A rua fotografada por Hadassa.
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Hadassa também menciona que a violência é comum no bairro, mas aponta uma possível solução: a educação das crianças. Fotografa Centros de Educação Infantil do bairro e afirma que as crianças deveriam se ocupar brincando e não brigando. Além de seu próprio bairro, Hadassa gostaria de ter produzido imagens também de outros lugares da cidade, mas por falta de tempo e pela dificuldade de acesso para além do bairro em que mora, isso não foi possível.

h) *Mariana* tem onze anos de idade e em todos os encontros realizados sempre se mostrou tímida, ainda que participativa. Mora com seus avós, a quem chama de mãe e pai. Mora ainda com dois tios e uma tia, com sua irmã e seu cunhado, e com uma amiga de sua avó. A família está aguardando a chegada de mais dois moradores: um primo e uma prima de Mariana, que virão para Joinville de outra cidade para procurar emprego.

Sua mãe biológica, segundo ela, a deixou para ser cuidada pela avó:

Marina: Minha mãe mora aqui [Marina refere-se ao bairro Jardim Paraíso]. Agora ela está morando ali no quatro com meu tio [Marina, ao mencionar quatro, está se referindo a um dos segmentos do bairro, Jardim Paraíso IV]. Ela me abandonou e deixou eu na frente da casa da minha vó. Daí agora eu não trato ela como mãe. Eu trato a minha vó como mãe, porque foi a minha vó que me criou.

Pesq.: E as suas irmãs?

Mariana: Ela deixou a Maria, que tem 12 anos. Só um pouco lá. Depois veio buscar ela e fugiu para Porto Alegre. Daí agora ela deixou a Joana, que tem 18 anos, para a minha mãe cuidar, que é a minha vó. Daí a minha vó (que é a minha mãe)

está cuidando de mim e dela. Só que ela já ta casada.
Pesq.: A tua irmã?
Mariana: Ahã.

Mariana decidiu caminhar até o aeroporto para produzir uma imagem dos aviões. Conta que foi até lá caminhando com sua irmã (aproximadamente cinco quilômetros), pois só tinha dinheiro para ir de ônibus até o centro da cidade. A irmã também a acompanhou até o centro, onde Mariana pode produzir outras imagens (figura 18).

i) *Lari* mora com sua mãe e sua irmã mais nova, *Dai*. Seus pais são separados e eventualmente ela e a irmã vão para a casa do pai, onde podem brincar com suas primas, já que estas moram perto da casa dele. *Lari* sente saudades de outras primas e dos avós, que ficaram no Paraná, enquanto sua família mudou para Joinville. Mas apesar da saudade dos parentes, afirma que se ela pudesse escolher entre morar em Joinville e morar no Paraná, optaria por Joinville mesmo, pois aqui estão agora suas amigas e a escola que gosta tanto. Com entusiasmo *Lari* conta quais são as brincadeiras que tem com as amigas, seja em casa, seja na escola. Também relata que aprende muitos conteúdos na escola (ainda que não tenha detalhado o que aprende) e sobre seu esforço para auxiliar a irmã menor a aprender as lições passadas pela professora. Como *Carol*, *Lari* também deposita na escola a expectativa de um futuro com melhor qualidade de vida. Sonha em ser veterinária (figura 19).



Figura 18: O Monumento do Imigrante fotografado por Mariana.
Fonte: Arquivo da pesquisadora



Figura 19: A escola fotografada por Lari.
Fonte: Arquivo da pesquisadora

j) *Mai*, durante todos os encontros, foi uma garota desinibida, falante e participativa: desde o início, ficou amiga de Hudelson (auxiliar de pesquisa) e queria fazer todas as atividades com ele. Contando sobre sua vida, faz lembrar a infância que muitos adultos tiveram e que entendem que não existe mais, isto é, *Mai* mostra que ainda há a infância para se subir na goiabeira:

Pesq.: E o que tu faz quando tu estás em casa?

Mai: Subo no pé de goiaba! Ou no pé de ingá. Já comeu?

Pesq.: Não. É bom?

Mai: É doce, tem uma casquinha branca por cima e por dentro tem uma baguinha branca, a semente, assim, daí tu só come a parte branca.

[...]

Eu ajudo a minha mãe também. A única coisa que eu faço lá em casa é arrumar o quarto, que o resto a minha mãe faz.

Mai mora com a mãe e três irmãos mais velhos. Seus pais são separados e ela vê seu pai eventualmente. Sua mãe é vendedora ambulante de um título de capitalização popular bem conhecido no estado de Santa Catarina e que proporciona aos compradores a participação em sorteios de prêmios como carros e motocicletas. O fato de sua mãe ter esta atividade foi motivo para os garotos participantes da pesquisa, em diversos momentos, caçoarem de *Mai*, imitando sua mãe anunciando verbalmente a venda do título quando está circulando pelo bairro.

Do conjunto de imagens produzidas por *Mai*, além da escola e das condições das casas e ruas do bairro, ela apresentou o trabalho na cidade: buscou fotografar trabalhadores que ela conhece e que admira por algum motivo. Fotografou um local de reciclagem de materiais

descartados, um tear, uma oficina de conserto de bicicletas, posto de combustíveis, uma farmácia e um mercado, destacando em cada imagem as especificidades do trabalho e as características dos trabalhadores:

Mai: Achei legal esta foto porque é interessante [referindo-se à imagem da Figura 20], porque ali ó, ele fica no meio daquele pó, sentado só neste banquinho, isso aqui é um banquinho. Ele fica aqui no meio deste banquinho, catando fio por fio, limpando para fazer um tapete. Ele já fez tapete para a minha mãe. É a coisa mais bonita. Faz tapete de tudo quando é cor. Daí eu me interessei. Daí eu tirei assim, porque aqui, tudo aqui, tipo aqui, dentro da casa dele é só pacote. Aqui é a área da casa dele. Daí aqui... já pensou se ele pega uma doença ainda por causa do pó... Tem a máquina dele também, que ajuda bastante. Eu até pensei que ele não tinha máquina, que ele fazia no dedo o tapete (risos). Os pequeninhos ele faz no dedo, ele aprendeu com a máquina (risos).

Mai gostaria também de ter fotografado o centro da cidade, mas não pode, seja por depender da mãe para levá-la, seja porque o custo do transporte é alto.

k) *Eduarda* tem onze anos de idade e mora com os pais e um irmão mais novo. Inibida, foi gradativa a aproximação dos pesquisadores com ela. Para produzir suas imagens, aproveitou o fim de semana que esteve com a câmera fotográfica e convidou seu pai para passearem pela cidade. Queria fotografar a área urbana e também a área rural de Joinville. Só não conseguiu fotografar o centro da cidade, pois seu pai não quis levá-la até lá, já que é longe do bairro em que vivem. Assim, procurou mostrar como são as coisas em Joinville, especialmente as ruas, as casas e as escolas:



Figura 20: O tear do homem trabalhador fotografado por Mai.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Eduarda: Este daqui é aqui antes do parquinho. Eu queria mostrar que antes do parquinho era muito feio, assim, sabe, tudo quebrado, daí... e para os idosos assim, eles... ele não tem o que fazer, daí eles vão lá e podem ficar fazendo estas coisas aqui. Quis mostrar na foto como mudou as coisas [indicando a imagem da Figura 21]

Pesq.: Isso faz pouco tempo que tem aqui?

Eduarda: Faz. Faz uma semana, uma, duas.

Pesq.: Ah está, isso é bem recente então.

Eduarda: Teve umas crianças lá, uns guri que já queriam quebrar isso daqui. Isso daqui nem vai durar muito tempo.

1) *Thais*, de onze anos de idade, mora com os pais e mais cinco irmãos (três mais velhos do que ela e dois mais novos), sendo que é a única menina dentre os irmãos. É pernambucana e veio com os pais para Joinville há cerca de dois anos, pois já havia uma tia morando aqui e isso facilitaria a instalação da família. Aqui os pais buscaram encontrar trabalho e melhores condições para os filhos estudarem. Assim, logo que chegaram ficaram hospedados na casa desta tia, enquanto seu pai, com o auxílio de seu tio, construía uma casa para a família em uma área de ocupação do bairro. No momento sua mãe não está trabalhando fora: está cuidando dos filhos em casa, enquanto o pai de *Thais* trabalha comprando e revendendo papelão, material reciclável. Durante a semana costumeiramente almoça, junto com um irmão, em uma cozinha comunitária, para depois já se dirigir para a escola.

Thais produziu uma série de imagens de sua família e do interior de sua casa, ressaltando o quanto gosta de seus pais e de seus irmãos. Ao ver a fotografia de seus pais, comenta que sente saudades da avó e do avô, que ficaram em Pernambuco e não mais os viu depois da vinda para Joinville. Produziu duas imagens de pacotes de comidas que estavam dentro de uma geladeira desligada, em sua casa, mas não quis comentar



Figura 21: O parquinho fotografado por Eduarda.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

estas imagens. Produziu também imagens do mercado e da farmácia do bairro, *porque quando uma pessoa está doente daí o pai, ou o filho pode vir comprar remédio* (figura 22).

m) *Nycole* tem dez anos de idade, mora com os pais, que trabalham fora e com o irmão mais velho, de quinze anos de idade, que está procurando emprego. Tem ainda dois irmãos mais velhos que moram no interior do Paraná, de onde veio sua mãe. Relata que seu bairro é conhecido como sendo o mais violento da cidade e isso faz com que às vezes seja ruim morar nesta região.

Mostra em sua produção fotográfica os benefícios e os problemas que a cidade apresenta. Além das imagens que fez no entorno de sua casa, também aproveitou a ocasião da realização de uma consulta médica no hospital infantil da cidade, e conseqüentemente, a saída do bairro, para levar a câmera fotográfica e produzir algumas imagens em algumas outras regiões da cidade. Mostra nas imagens o hospital em que é atendida, a secretaria de saúde e o posto médico da região, reclamando da qualidade do serviço prestado pelo serviço público de saúde.

Porém, não apenas o serviço público de saúde é um dos pontos criticados por *Nycole*: também o esquecimento a que seu bairro é sujeito e que, segundo ela, é consequência do descaso de quem está à frente da administração pública, pois *o prefeito só quer voto e depois ele não arruma nada, do que ele promete fazer, ele não arruma. [...] Daí esta foto [indicando a imagem da Figura 23] aqui eu quis transmitir que o prefeito descuidou do nosso bairro. É o voto, daí, pronto, acabou, não*



Figura 22: A farmácia fotografada por Thais.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.



Figura 23: Rua esquecida do bairro, fotografada por Nycole.
Fonte: Arquivo da pesquisadora

existe mais bairro. Nycole mostra também a escola, importante benefício para a comunidade, segundo ela.

Ao fim da apresentação das crianças e tomando por premissa o fato de que toda produção de conhecimento é resultado do encontro de múltiplas vozes, o processo de escrita da análise, que ora toma corpo, buscará promover o encontro entre as vozes que se cruzaram durante a trajetória da construção desta pesquisa: os teóricos, que vêm indicar os caminhos possíveis para a compreensão dos sentidos; a pesquisadora, com sua historicidade e lugar exotópico em relação aos sujeitos da pesquisa e por fim, a voz e as imagens produzidas pelas crianças, que vivenciam e falam sobre a cidade. Mantendo-se a necessária tensão entre estas vozes, a fim de se impregnar o trabalho da escrita da perspectiva dialógica presente nas ressonâncias e dissonâncias de todos estes enunciados, busco então tornar minha escrita contra-palavras aos enunciados das crianças. Estas contra-palavras serão novas palavras apresentadas aos leitores, em um processo coletivo e infundável de recriação da realidade.

4.2 A (im)possibilidade de acesso à cidade

Em Cloe, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se vêem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas [...]. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outras olhares, não se fixam.

Ítalo Calvino (2009, p. 51)

A exemplo de tantas outras cidades brasileiras de mesmo porte, Joinville possui substancial parcela de sua população constituída por

migrantes. O fluxo migratório vindo de diversas regiões do país passou a se dar principalmente a partir da década de 1970, em sua maioria constituído de agricultores expulsos da área rural pela modernização do campo e motivados pela atração que a cidade exercia em termos de acesso a emprego e consequente acesso a bens de consumo, melhor conforto, dentre outras facilidades. Além disso, a crescente urbanização, principalmente a partir do crescimento de metalúrgicas, ensejava a contratação de mão-de-obra em significativos números, que faltava na cidade. Ocupando postos nas fundições das metalúrgicas, ou desenvolvendo trabalho braçal em outros tipos de indústria, a migração passou a ter um fluxo contínuo, após deixarem para trás sua terra e sua cultura.

Em sua maioria, aqueles que aportaram a Joinville são originários do interior de Santa Catarina ou do Paraná (mas não exclusivamente destas regiões) e vieram para esta cidade a partir das campanhas publicitárias realizadas pelas indústrias locais, dentre as quais a Fundação Tupy, uma das maiores do mundo em seu ramo. Estas campanhas foram realizadas no final da década de 1970 e início da década de 1980, visando a atrair trabalhadores para manter constante a reserva da mão-de-obra e não diminuir o ritmo de sua produção. As campanhas mantidas pela Tupy tornaram Joinville conhecida, fazendo com que agricultores exauridos pelos prejuízos acumulados no campo buscassem a cidade como alternativa, pois já tinham ouvido falar da cidade por intermédio de algum parente que por aqui já havia aportado. (NIEHUES, 2000). Neste sentido aponta Niehues:

A influência de pessoas conhecidas, que moravam em Joinville, ajudava na tomada de decisão para

trocar o trabalho da roça pelo da fábrica. É possível inferir que o deslocamento dos agricultores para a cidade foi motivado, em parte, pelo conhecimento da existência de outras atividades como forma de sobrevivência. As famílias ou os jovens optaram pelo espaço urbano porque acreditaram na possibilidade de melhorar de vida. Os reclames publicitários foram, em grande medida, responsáveis pela migração que garantiu às fábricas mão-de-obra disponível para acompanhar o ritmo do crescimento industrial do país (NIEHUES, 2000, p. 213).

Consequência de tal quadro foi que quantidade significativa destes migrantes começaram a adquirir terrenos em situação irregular. Muitas regiões em que estão localizados estes terrenos, adquiridos de especuladores imobiliários, são áreas de manguezais que deveriam estar sob proteção permanente, já que se trata de um ecossistema costeiro de transição entre o ambiente terrestre e o marinho. Logo, são regiões inadequadas para a ocupação humana. Além disso, estes loteamentos irregulares que foram sendo fundados não possuíam a mínima infraestrutura, o que muitas vezes tornava justamente estes os únicos terrenos acessíveis para aquisição.

Estas questões estão presentes nas falas e imagens de várias crianças que participaram da pesquisa. Filhos destes migrantes e pertencentes a etnias diversas, as crianças revelam a saudade que ficou do lugar que deixaram para trás, mas principalmente, dos familiares, que raramente tem a oportunidade de visitar ou isso definitivamente não acontece mais. Thais, de onze anos, revela como foi o processo da mudança do Nordeste para Joinville:

Thais: É uma coisa que me lembra da minha vó e do meu vô, que eles moram em Pernambuco, onde que a gente morava.

Pesq.: E eles ainda moram lá?

Thais: Sim, eu vim com acho que foi oito ou nove. Só o pequenininho, o de dois anos, que nasceu aqui.

Pesq.: E tu lembra da viagem, como foi?

Thais: Chorei bastante quando a minha vó, quando a gente veio embora.

Pesq.: Daí vocês já vieram morar aqui ou foram para outro lugar e depois vieram para cá?

Thais: Para o Iririu [Iririu é o nome de outro bairro de Joinville, relativamente próximo ao bairro Jardim Paraíso], para a casa de uma tia, do lado. Daí a gente veio embora para cá. Meu pai começou a construir, com o meu tio, a minha casa, daí a gente veio embora para cá.

Como tantos migrantes, a família de Thais já possuía parentes morando em Joinville, o que facilitou o processo de reconstrução de referências de pertencimento a algum grupo social, posto que o familiar ou o amigo que já está na cidade que recebe o migrante faz a mediação dos recém-chegados às especificidades do lugar:

O desaparecimento do antigo modo de vida causa muito sofrimento ao migrante. [...] A solidão, o medo de andar nas ruas, de perder-se, de ser enganado, de ser roubado o acompanha; uma angústia permanente para quem não estava acostumado com um ambiente de movimentação constante. (NIEHUES, 2000, p. 174).

Começa assim um processo de adaptação do migrante a nova cidade. Todavia, mais do que precisar se adaptar à nova territorialidade, as famílias precisam também se apropriar da cultura do local para onde migraram, o que no caso do migrante da área rural para a urbana implica em ter que construir um modo de vida completamente novo, agora

ajustado ao rigor do relógio, ao ritmo veloz do trânsito, às intensas cobranças por produtividade que as empresas impõem aos trabalhadores. É preciso também aprender a conviver com o anonimato que a cidade enseja.

Além disso, é preciso adquirir o sonhado lote de terreno e nele construir a residência familiar, ou pelo menos, alugar a casa para a morada. Conforme já posto, considerando a precariedade da infraestrutura de algumas regiões, é para elas que muitas famílias precisam se dirigir, já que é onde o valor dos imóveis é mais acessível, apesar de desejarem viver em outras regiões, conforme explica Carol:

Carol: Ah, esta aqui é lá da frente de casa [Carol indica a imagem da figura 24]. É a coisa mais ruim do mundo, porque tem muito mato.

Pesq.: Tem muito mato?

Carol: É porque tem muito mato, daí entra cobra, bicho, o esgoto é aberto. Eu não consegui tirar do esgoto, pegou só esta parte aqui. O esgoto é aberto.

Pesq.: E não tem casa neste terreno?

Carol: Não, é porque eu moro em um terreno invadido.

Observando-se a figura 24, tem-se a impressão de estar olhando para a fotografia de uma paisagem rural. Quando convidada a fotografar aquilo que é significativo da cidade em que mora, Carol impõe para o olhar do observador de sua imagem o ermo: um espaço vazio que em nada lembra as cidades contemporâneas. Carol mostra o que vê a partir de sua casa: o manguezal, o mato, a cidade que herdou de uma sociedade tradicionalmente marcada pela exclusão e garantia e respeito aos direitos de apenas alguns. É necessário lembrar que a aquisição ou o



Figura 24: Vista a partir da porta da casa de Carol.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

pagamento do aluguel de uma residência para a família requer possibilidades econômicas que nem todo operário das fábricas pode arcar, pois:

[...] morar não é fracionável. Não se pode morar um dia, e outro não morar. [...] A moradia não é fracionável em partes que possam ser vendidas ao longo do dia, da semana ou mesmo do mês. [...] Para morar é necessário ter capacidade de pagar por esta mercadoria não fracionável, que compreende a terra e a edificação, cujo preço depende também da localização [...] (RODRIGUES, 1990, p. 14).

A forma de ocupação dos espaços da cidade, presentes na produção imagética e na fala de Carol, revela o reflexo das desigualdades presentes no desenvolvimento das cidades e, mais do que isso, propicia às crianças uma determinada aprendizagem da cidade e das práticas sociais comuns na sociedade contemporânea. Quer dizer, se por um lado a mobilidade urbana das crianças é limitada, seja por não estar autorizada a transitar por todos os espaços da cidade, seja pelo custo do transporte, isso não significa que não tenha oportunidades de aprender e interpretar o modo como a cidade se organiza, organização esta da qual ela também passa a tomar parte ao ter que habitar em moradias precárias, em regiões também precárias. Bad Boy explica ainda mais como é para a criança habitar nestas regiões.

Bad Boy: Eu quis mostrar [indicando a imagem da figura 25] que quando chove, lá na minha casa, que daí fica muita lama, daí não dá de passar. Porque quando a gente quer fazer



Figura 25: A rua a partir da casa de Bad Boy.
Fonte: Arquivo da pesquisadora

*pedido*²³, quando não tem alguma coisa, ou quando a gente quer ir para a escola, e daí vai para sair e daí se suja tudo. Nesta foto dá de ver que lá, que quando chove enche, vai água demais em tudo, em todos os lugares, todas as casas. [...] Eu quis mostrar a minha rua, como que é. Ela é ruim, porque quando chove, daí a gente vai para ir brincar com amigos e a lama começa a respingar na roupa. [...] Eu quis mostrar que tem casa que... aqui ó, tem casa que o homem não tem muito dinheiro, daí ele não pode passar veneno e daí o mato começa a vim, né? Daí tem um formigueiro que as formigas começam a vir dentro da casa, para comer...

Como Carol, Bad Boy não fotografa sua casa a partir da rua, mas fotografa a rua a partir da porta de sua casa: vê a rua de saibro, com água empoçada da chuva. O garoto mostra ao observador de sua imagem a experiência de rua que precisa continuamente vivenciar para alcançar o outro (a escola, os amigos). Pode-se refletir com Castro (2004, p. 40) acerca desta necessidade de adentrar e ultrapassar a rua para a aprendizagem da cidade e das relações sociais: “Atravessamos os umbrais de casa para ganhar o mundo e a cidade. A rua é o meio. Através da rua entra-se em contato com o que é desconhecido e não-familiar. A rua começa logo ali... na porta da casa”. Para Bad Boy, encontrar os outros significa já chegar com as roupas respingadas de lama. A exclusão verifica-se assim na organização do espaço da cidade, que implica nas roupas respingadas deste menino, pois é fácil constatar que a imagem produzida por Bad Boy revela segregação e afastamento que o impedem de ter acesso a certos bens e recursos. “a gente vai para ir brincar com amigos e a lama começa a respingar na roupa”.

²³ *Fazer pedido* é uma expressão local que significa fazer as compras básicas do mês, no mercado.

Prestando atenção ao que está presumido no enunciado de Bad Boy e que não foi explicitado em sua fala, pode-se conhecer o lugar social desvalorizado que resta aos moradores das áreas de ocupação irregular, submetidos ao sofrimento psicossocial.

Porém, a família de Bad Boy resiste e criativamente adapta o que era um salão de festas para fazer deste lugar uma casa, a morada família:

Pesq.: E aqui é dentro da tua casa?²⁴; Bad Boy: Ahã. Por que aqui nesta casa aqui na verdade é um salão de festa, daí aqui nestes lugares aqui, nós toquemo de dividi. [...] Porque as casas são importantes, porque sem as casas nós não... nós morava na rua.

Pode-se assim afirmar que resolver criativamente as situações que o processo desigual de produção do espaço da cidade impõe às famílias cotidianamente possibilita a ocorrência de transformações subjetivas que fazem frente aos modos padronizados de se lidar com as dificuldades.

Na imagem fotográfica da figura 25, apesar da precariedade da rua e das residências, indicados por Bad Boy, também se pode verificar a existência de rede de energia elétrica e um ponto de recolhimento de lixo. Acerca deste último, segundo o Censo Demográfico de 2000 (IBGE, 2003), 0,58% dos domicílios particulares do bairro Jardim Paraíso não são atendidos pelo serviço público. Já nas informações disponibilizadas pela assessoria de imprensa da Prefeitura Municipal de Joinville na página eletrônica do município, acessadas em 2010, há coleta domiciliar regular executada por setores, de forma periódica, atendendo a 100% da área urbana do município. No que se refere à

24 Nesta imagem também é possível identificar os pais de Bad Boy. Assim, conforme já posto, a fim de garantir sua privacidade esta imagem também não será apresentada.

instalação da rede elétrica, 99% das residências do bairro estão atendidas. Por outro lado, conforme Bad Boy menciona e expressa nas imagens produzidas, as valetas a céu aberto são uma realidade no bairro. Os órgãos públicos não mencionam informações referentes à quantidade de domicílios atendidos pela rede de esgotos. Consta apenas que não há tais informações. Já no que se refere à pavimentação das ruas, apenas 19,24% possui asfaltamento. O restante da extensão das ruas do bairro é de saibro, que causa os problemas mencionados por Bad Boy.

Alguns serviços públicos chegam até as regiões de ocupação irregular, pois no Brasil as empresas concessionárias destes serviços, como o de fornecimento de energia elétrica, preferem oficializar o fornecimento ao invés de combater ligações clandestinas que acabam sendo estabelecidos. Isso ocorre porque todo novo assentamento urbano necessariamente vai buscar energia elétrica e água. Se o fornecimento regular do serviço não existe, os moradores costumam perfurar novos poços para obter água e realizar ligações clandestinas à rede de energia. Estas opções ocasionam uma série de riscos: o perfuramento de poços na área urbana pode promover a contaminação das águas subterrâneas. As ligações clandestinas, além de onerar o custo da energia elétrica para todos os usuários regulares, já que a concessionárias distribuem o prejuízo ao aumentar a tarifa, podem causar uma série de acidentes graves. Assim, para minimizar estes riscos, acaba-se fornecendo de modo regularizado estes serviços à população (PINTO, 2006).

As consequências destas práticas, além de definitivamente consolidar o assentamento irregular, também são apresentadas por Hadassa em suas imagens e enunciados:



Figura 26: A valeta que, segundo Hadassa, oferece riscos à população.
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Hadassa: A prefeitura tá ficando relaxada de deixar esgoto a céu aberto deste jeito. É a mesma coisa daquela foto da rua... [neste ponto Hadassa indica a imagem da figura 26]. É muito ruim, falta de saneamento. Lembra que precisa melhor, lembra que é o nosso bairro ainda por cima, porque se não fosse o nosso bairro, a gente ia querer mudança, mas do mesmo jeito que a gente, mesmo não morando no nosso bairro, mas morando no nosso bairro, a gente quer muito, muito mais porque é o nosso bairro, se não fosse de outro bairro, ia querer mudança, só que não ia querer tanto, não é o seu bairro, não é onde você vive, entende, daí complica, é bem complicado. Já pensou... vai que cai uma criança aí dentro, sei que não vai dar muito dano, mas deve ser horrível, né? Ou acontece um acidente, se cai um caminhão ou um carro?

A imagem fotográfica permite ver a valeta fotografada por Hadassa que, segundo ela, é resultante da falta de cuidado da prefeitura. Pode-se verificar na imagem uma valeta que circunda um terreno, bem como, um pneu também jogado neste esgoto. Segundo Pinto (2006), de fato é comum no Brasil, no que se refere ao saneamento, que se faça a ligação de água. Já em relação ao esgoto isso não acontece, criando o *esgoto a céu aberto*, foco de transmissão de doenças. Apenas lembrando: segundo o IPPUJ, apenas 16,60% de toda a população de Joinville é atendida em suas residências pela rede de esgoto. Ainda segundo este autor:

Não há uma regra clara quanto à possibilidade ou não de ligação dos assentamentos ilegais às redes de energia elétrica, água, esgoto e telecomunicações. Na verdade, o Poder Público têm até estimulado a consolidação de loteamentos clandestinos, ao estabelecer para as concessionárias obrigações de atendimento a

qualquer usuário e de universalização do acesso aos serviços. Tais ligações, no entanto, são atualmente o principal fator de estímulo à expansão irregular do tecido urbano (PINTO, 2006, p. 8).

Logo, são garantidos alguns direitos importantes e necessários aos moradores destas áreas, tais como o fornecimento de água, luz e o recolhimento de lixo, mas que podem ser compreendidos como paliativos, pois mascaram uma série de problemas sociais decorrentes da perversidade de um sistema econômico que ocasiona má-distribuição de renda e que, conseqüentemente, leva estas famílias a buscar escapar do ônus de pesados custos de imóveis localizados em regiões regulares e providas de todos os serviços básicos. Acabam adquirindo terrenos de grileiros, de “pessoas inescrupulosas [que] vendem terrenos alheios como se lhes pertencessem” (PINTO, 2006, p. 2), e construindo, com o auxílio de parentes, a residência familiar, evitando o recolhimento dos impostos devidos ao poder público e a fiscalização decorrente da construção da habitação.

Considerando os serviços públicos disponibilizados pelo estado, um ponto a ser analisado é a leitura que fazem as crianças sobre a qualidade deste serviço. Vejamos o que afirma Nycole, ao apontar para a figura 27:

Nycole: Esta aqui é a secretaria municipal da saúde, de Joinville. Isso aqui é uma coisa assim, vamos dizer que é só prédio, porque se entra lá e as pessoas não atendem, tipo, é uma brincadeira lá dentro. Ficam entrando em Orkut, estas coisas assim nos computador que era para fazer coisa para a saúde. [...] Eu vou fazer um raio X de medição, já fiz muito raio X, desde outubro de



Figura 27: A Secretaria Municipal de Saúde fotografada por Nycole.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

2008 que foi descoberto esta doença e eu estou em acompanhamento médico [...]. Daí eu precisei ir na secretaria da saúde, não adiantou nada, para conseguir uma consulta com ele, entendeu? Um encaixe assim, e não, não aconteceu nada e assim, eu tinha ficado muito tempo, eu tinha ficado muito tempo, tinha marcado consulta para três meses, eu acho que eu fiquei oito meses sem o acompanhamento, porque até eles não ligaram para a minha casa, porque eles não ligaram para a minha casa, eles não ligaram, e a gente foi lá e não conseguiu resolver o problema. Eles estavam no computador mexendo no Orkut, coisa de internet e queimando um ou outro que tava até atendendo as pessoas assim.

Pode-se afirmar, a partir da iniciativa de Nycole de produzir uma imagem fotográfica da Secretaria de Saúde do município, somado a seu enunciado verbal, que por um lado ela se apropriou e repete um discurso social corriqueiro que enseja a desqualificação dos serviços prestados pelos servidores públicos no Brasil. Por outro lado, Nycole não admite e não se conforma: em seu enunciado revela que é inadequado uma criança aguardar durante oito meses por uma consulta médica quando apresenta uma doença crônica que pode deixar sequelas se não tratada²⁵. Em seu enunciado está contida a crítica de que os direitos civis não podem ser confundidos como ajuda ou favor prestado pelo governo por meio de seus servidores.

Porém, se as crianças percebem e apontam as deficiências de seu bairro e da cidade no oferecimento de infra-estrutura e padrões mínimos da habitação que garantam a saúde e qualidade de vida, conforme exemplos acima discutidos, elas também entendem que o bairro oferece uma série de benefícios para seus moradores e valorizam estes

²⁵

Visando garantir a privacidade de Nycole, a doença não será citada.

benefícios. Praticamente em todas as entrevistas, por exemplo, as crianças mencionaram a inauguração da Academia da Melhor Idade como algo importante e bom para o bairro, assim como várias também procuraram fotografar esta área de lazer.

Eduarda: É uma diversão a mais [referindo-se à academia e indicando a imagem da figura 28] e eu tenho problema de colesterol alto e aí eu já fui na pediatra e na endocrinologista e eu preciso fazer muito exercício físico e não tinha lugar para fazer [...]. O bairro assim, ele é assim, não que seja pobre, mas tem pessoas assim, bem de vida, mas tem pessoas também bem pobres. Aí tem estas coisas assim, que quando surgem de repente, vai todo mundo e final de semana tava lotado [...]. É como um benefício para a comunidade inteira do Paraíso, porque é lá no começo, lá no posto policial, aí todo mundo vai para lá. Eu acho que isso daqui melhora muito a saúde assim, porque neste bairro não tem espaço para fazer exercício físico.

Quando foram realizadas as entrevistas, a inauguração da academia havia ocorrido apenas há cerca de duas semanas. Todavia, além desta novidade no bairro, as crianças também destacaram outros benefícios para os moradores, como o posto de saúde e centros de educação infantil localizados no bairro, serviços disponibilizados pelo estado. Além disso, também consideraram como benefícios a existência de farmácia, mercado e transporte público, conforme enuncia Carol ao olhar as imagens por ela produzidas:

Carol: A farmácia!

Pesq.: Qual é a fotografia?

Carol: Esta aqui [indicando a imagem da figura 29]



Figura 28: A Academia da Melhor Idade fotografada por Eduarda.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.



Figura 29: A farmácia, indicada por Carol como um dos benefícios do bairro.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Carol: [...] quando a gente precisa de alguma coisa, remédio, estas coisas, tem na farmácia. E os ônibus [indicando a imagem da figura 30]. Por que quando a gente precisa ir alguma emergência, a gente tem o ônibus para ir.

Pesq.: Você anda bastante de ônibus?

Carol: Não, ando pouco, mas quando a gente fica doente, a gente pega o ônibus para ir no médico. Para passear a gente pega o ônibus.

O que é compreendido por Carol como benefício que o bairro possui, enunciado no discurso imagético e no verbal, é o atendimento de algumas necessidades básicas importantes para a garantia da saúde, como a farmácia, em que se pode adquirir o medicamento (desde que se tenha recursos para isso) ou o transporte público, que precisa estar disponível para alguma situação de emergência, já que a família não possui carro próprio.

O enunciado de Carol requer uma análise um pouco mais detalhada, posto o sentido nele contido revelar alguns valores compartilhados por ela com uma comunidade maior. Vejamos: cerca de metade da população que hoje mora em Joinville é constituída por migrantes oriundos da área rural do interior de Santa Catarina e do Paraná e seus descendentes, vindos para cá a partir da década de 1970, conforme discutido. Estas pessoas, atendendo às campanhas publicitárias das empresas locais e desesperançosas do campo em virtude da tecnologia do trabalho rural, vieram para a cidade em busca de melhores condições de sobrevivência e melhoria da qualidade de vida, acesso a bens e recursos, acesso à saúde e principalmente, à educação para os filhos, questões não disponíveis se permanecessem em seus locais de origem. A promessa de um trabalho assalariado e com carteira assinada gera, certamente, a expectativa de um futuro melhor.



Figura 30: O terminal de ônibus fotografado por Carol.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Na cidade, a escola, o posto de saúde, a farmácia, o hospital, dentre outros equipamentos que podem tornar mais amena a sua própria vida e a dos filhos, estão próximos se comparados com as grandes distâncias que os separam de tais recursos em seus locais de origem.

Assim, percebe-se que Carol apropriou-se de um sentido dado por esta população migrante (de que ela também é parte) acerca da vida na cidade, atribuindo seus próprios sentidos a utilização dos equipamentos urbanos. Na pesquisa realizada por Niehues (2000), em que a autora entrevista migrantes instalados na cidade, apesar de todas as dificuldades para se adaptar ao ambiente e cultura da cidade, ao trabalho duro dentro das fábricas e suas consequências para a saúde, “[...] a maioria dos migrantes reconhece a “superioridade” da cidade, porque no sítio não teriam o padrão de consumo de produtos industrializados, por mais ínfimo que seja” (NIEHUES, 2000, p. 216).

Talvez muitos sonhos de toda esta população que desembarca na cidade grande não necessariamente tenham se realizado, já que o mesmo fenômeno ocorrido no campo também aconteceu na cidade: as mudanças nas relações de trabalho causadas pelo uso da tecnologia e das especializações também adentraram a fábrica e a mão-de-obra precisou cada vez mais ser qualificada para encontrar postos de trabalho disponíveis. Em Joinville, no início dos anos 1990 os postos de trabalho que não exigiam qualificação já estavam saturados e desta vez foi o setor público que realizou nova campanha, agora com o objetivo de devolver aos locais de origem os migrantes que não haviam encontrado emprego. Ofereceram a estes o custeio das passagens e do caminhão da mudança para o retorno. Também realizou uma campanha visando divulgar as profissões em falta na cidade, agora de alta qualificação:

médicos, odontólogos, engenheiros. “A divulgação da campanha que pretendia mandar embora o excedente de migrantes não obteve muito êxito. A maioria dos migrantes ficou na cidade. Como retornar sem ter para onde ir?” (NIEHUES, 2000, p. 206).

Ficando na cidade, a estas pessoas só restou o já exposto: ocupar as regiões de loteamentos irregulares, desenvolver atividades informais ou que não exigem tanta qualificação, mas garantir a educação dos filhos, o acesso à saúde, dentre outros, isto é, um mínimo de direitos que não encontrariam mais no lugar que deixaram. Segundo Wanderley (1999), estes grupos fazem parte das

[...] camadas da população consideradas aptas ao trabalho e adaptadas à sociedade moderna, porém, vítimas da conjuntura econômica e da crise de emprego. Assim, os excluídos na terminologia dos anos 90, não são residuais nem temporários, mas contingentes populacionais crescentes que não encontram lugar no mercado (WANDERLEY, 1999, p.19).

Outro item compreendido pelas crianças como um benefício são as instituições educacionais e vários são os motivos apontados por elas para entenderem a escola como importante, conforme alguns trechos de entrevistas:

Nycole: Este aqui eu tenho uma história para contar deste jardim [indicando a imagem da figura 31]. Porque eu... eu brinquei muito aqui, sabe... eu aprendi muito aqui com os professores. Até nesta época ali que tava uma troca de professores, eu tinha uma professora que me deu aula aqui neste jardim. Agora é um CEI, mas era um jardim. Eu gostei muito também de tirar esta foto, que é um lugar para os pais poderem ter um



Figura 31: CEI Paraíso da Criança, fotografado por Nycle.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

lugar seguro para poder deixar as crianças, assim como este aqui do lado [referindo-se ao CEI que ficava ao lado do salão da igreja em que acontecia a entrevista].

Em seu enunciado Nycole faz a inter-relação de alguns pontos a serem pensados: inicialmente, ela caracteriza a escola com um lugar em que aprendeu muito (ainda que não relate especificamente sobre o que aprendeu). Neste sentido, há em seu discurso uma valorização da escola como o lugar que propicia a educação necessária às crianças, quer dizer, a instituição em que se tem a possibilidade de enriquecimento cultural e a consequente expectativa de melhoria de vida daí decorrente. Segundo ela, a escola em que estudou é gratuita e disponibilizada pelo estado, logo, um benefício para os moradores, um direito a que têm acesso. Hadassa também entende a escola como um patrimônio público, conforme se verifica:

Hadassa: É a foto... da escola [indicando a imagem da figura 32].

Pesq.: E o que você vê nela?

Hadassa: Que... Bom... Eu quis mostrar o patrimônio público, quando eu coloquei aqui a escola, quando eu coloquei a escola, porque é bom o patrimônio público, é obra da prefeitura, daí é isso esta parte, que podemos ver nestas fotos. O bem da escola, faz bem ela, a educação.

Já o enunciado de Lari explicita esta relação da escola com a perspectiva de futuro. Relaciona a aprendizagem dos conteúdos escolares à possibilidade de emancipação e independência. Tem como exemplo a não ser seguido uma tia que não estudou e não sabe ler, consequentemente, tem dificuldade para realizar atividades básicas no espaço da cidade, como o de tomar um ônibus:



Figura 32: A escola em que estudam as crianças pesquisadas, fotografada por Hadassa.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Lari: [...] melhor estudar do que ficar burra, né, não aprender a ler, porque não aprender a ler, assim, como que tu vai pegar um ônibus, pra ir no centro, e procurar trabalho, se não aprender a ler, né? Igual a minha tia, ela não lê e ela não trabalha também, o marido dela que só trabalha e assim, quando ela se separa do marido, ela vai ficar com as crianças, vai ter que passar fome, porque ela não sabe ler, não sabe pegar nem um ônibus e pegar serviço. Eu acho que assim, quando ela era criança, ela não queria estudar, ela achava que estudar assim, era chato, aprender ler é chato assim, mas eu não acho chato. Tem vez que aprender é mais melhor, que virar burra, não saber pegar um ônibus para ir trabalhar, que não sabe ler. E eu acho que é obrigado assim aprender a ler, se na vida quiser aprender a ler e procurar um serviço.

Diferente de Lari, que entende que a escola é o que possibilita maior liberdade e independência para conseguir uma inserção no mercado de trabalho, Carol associa a escola ao acesso ao curso superior:

Pesq.: Por que você resolveu fazer esta foto [figura 10]?

Carol: Por que o colégio é importante para a gente estudar, quando crescer ir para a faculdade.

Pesq.: É? E você quer fazer faculdade?

Carol: De medicina.

Pesq: Você quer ser médica?

Carol: Ahã.

Todos os enunciados, associados às imagens produzidas pelas crianças buscando apresentar a escola, exigem um olhar a mais: a escola é por elas significada como um lugar que garante o futuro e que, portanto, permitirá realizar seu sonho. A realização dos sonhos, seja o de conseguir um emprego ou cursar o ensino superior, representa

expectativa de ascensão social, isto é, a melhoria das condições de vida. Tal compreensão não é exclusiva das crianças: trata-se de uma compreensão disseminada na sociedade contemporânea, que compreende que está no mérito pessoal a possibilidade de ascensão social, conforme pontua Santos:

Dessa forma a escola passa a ser vista como a instituição que irá promover a igualdade e uma sociedade democrática [...]. Passa a existir a perspectiva de que seria esta instituição um meio de alcançar a ascensão social e a cidadania, de acordo com os princípios liberais de igualdade de oportunidades [...], sem nenhum vínculo com a necessidade de desenvolvimento social e econômico, reforçando a tese da escolarização como instrumento de afirmação de classe (SANTOS, 2006, s/p).

Assim, esta compreensão das crianças acerca da escola está assentada no compartilhamento social e histórico da significação que é dada a esta instituição, posto que estas crianças compartilham este julgamento de valor com o grupo social do qual fazem parte, isto é, uma classe que almeja ascensão social pelo trabalho, dedicação e mérito. Na entoação do discurso de Carol, “*que está na fronteira do verbal com o não-verbal, do dito com o não-dito*” (BAKHTIN, 1993, p. 7, grifos no original), surge a valorização da escola e a contribuição desta para seu crescimento. Porém, para que de fato o discurso das crianças torne-se “a arena onde se desenvolve a luta de classes” (BAKHTIN, 1999, p. 46), e não apenas reprodutor de um discurso monológico, precisará ser sustentado por práticas coletivas que a elas propiciem o preparo para a acirrada concorrência do mercado de trabalho e para uma discussão crítica acerca das condições sociais e suas possibilidades.

Deste modo, concluo esta parte da análise destacando que se por um lado as crianças indicam as deficiências da cidade, que dificultam seu cotidiano e acesso a alguns direitos básicos, mostrando isso ao fotografarem o que é significativo na cidade, não deixam de indicar o que gostam e valorizam em seu bairro, mostrando aquilo a que têm acesso e reconhecem como um benefício propiciado pela cidade.

4.3 A violência na cidade

Se não desejo que o seu olhar colha uma imagem deformada, devo atrair a sua atenção para uma qualidade intrínseca dessa cidade injusta que germina em segredo na secreta cidade justa: trata-se do possível despertar – como um violento abrir de janelas - de um amor latente pela justiça, ainda não submetido a regras, capaz de compor uma cidade mais justa do que era antes de se tornar recipiente de injustiça.

Ítalo Calvino (2009, p. 147)

A complexidade das relações sociais entretecidas nos espaços de uma cidade como Joinville, constituída inicialmente por imigrantes europeus que procuraram imprimir a esta cidade características de ordem e trabalho, e posteriormente, construída pela força do trabalho do migrante agricultor que se tornou operário assalariado, com o passar das décadas ensejou em uma série de questões próprias dos espaços urbanos contemporâneos: habitação e infra-estrutura, alta exigência em termos de qualificação profissional, ocupação irregular das regiões que deveriam ser áreas de preservação permanente, pontos estes já discutidos, bem como graves problemas ambientais decorrentes do lançamento de efluentes industriais e de esgoto nos rios que banham a área urbana.

Além disso, a exemplo de outras cidades de mesmo porte, desde meados da década de 1980 a mídia local começou a veicular reportagens relatando episódios de violência e falta de segurança pública no perímetro urbano (EXTRA, 1984), período também demarcado por Zaluar (1996) como de grande crescimento no Brasil do índice de crimes violentos, tais como o homicídio. Por sua vez, Cardia, Adorno e Poletto (2003), ao referirem-se ao cenário brasileiro, situam na década de 1960 o início deste crescimento:

A violência tem crescido no Brasil desde o início dos anos de 1960. Não é apenas o resultado de profundas mudanças na sociedade, uma consequência inesperada da transição de um governo autoritário para um democrático, mas a persistência, na vigência do regime democrático, de problemas não resolvidos há muito tempo (CARDIA, ADORNO, POLETO, 2003, p. 44).

Nesta curta passagem os autores já sinalizam a multiplicidade de temáticas que estariam relacionadas ao aumento nos índices de ocorrência de crimes violentos, questão que gera, além da ampla discussão realizada por estudiosos como antropólogos, sociólogos e psicólogos e pela própria sociedade (visto a temática ser explorada fortemente pela mídia), também uma ampla gama de interpretações para este fenômeno social e suas consequências. Há assim autores como Arendt (1990), Marx e Engels (1972), Freud (1980), dentre outros, que buscam caracterizar e compreender, cada um a partir de sua própria leitura, a violência como um problema social e histórico, teorias estas que passam a ser relidas para se buscar compreender o fenômeno na contemporaneidade. (MINAYO, SOUZA, 1999).

As crianças entrevistadas nesta pesquisa, em sua grande maioria, revelam em seus discursos os episódios de violência que já presenciaram ou tomaram conhecimento, o que ensaja, portanto, em uma reflexão sobre a temática. Antes, porém, devo ressaltar que a violência surgiu principalmente em seus discursos verbais e não na sua produção de imagens. Elam falou da violência, mas não buscaram fotografá-la. Maicon é uma destas crianças e revela:

Maicon: Bom no bairro é que a gente mora aqui, né? Vive aqui. Mas é ruim é que tem essas... matança aqui.

Pesq.: Tem matança aqui?

Maicon: Sim, morre bastante gente. Ixx, precisa muita coisa para ter paz!

Pesq.: Precisa? O que, por exemplo?

Maicon: Precisa acabar estas matanças, assim né, estas coisas. Isso é ruim.

O menino gosta de seu bairro, mas preferia que não acontecessem tantos assassinatos. *Morre bastante gente*. De quem Maicon fala? Seu discurso verbal não enuncia. Maicon cala, compartilhando comigo na situação de entrevista aquele momento silente, pois no silêncio estava o complemento extraverbal que completa o sentido da frase verbalizada. Ao dividir este instante comigo, seu olhar triste e cabisbaixo revela sua inquietação e medo gerados por aqueles que promovem a matança: “Ser habitante da cidade é estar ao mesmo tempo protegido e reprimido por suas muralhas” (ROLNIK, 1987, p. 24).

Levando em consideração a enorme complexidade que ensaja a compreensão deste problema social, conforme já apontado, devo salientar que no trabalho de análise aqui realizado busco alinhar minha compreensão de violência a de autores como Minayo e Souza

(1997/1998; 1999), Chesnais (1981) e Burke (1995). Segundo estes últimos, não é possível estudar a violência como um fenômeno descolado da sociedade que a produz, posto que este problema origina-se dos fatos políticos, econômicos e culturais da sociedade. Logo, se estes fatos são construídos pela sociedade, sob determinadas circunstâncias, também podem ser superados. Por sua vez, Minayo e Souza (1997/1998) afirmam que a violência passou a ser compreendida como o conjunto de:

ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual. Na verdade, só se pode falar de violências, pois se trata de uma realidade plural, diferenciada, cujas especificidades necessitam ser conhecidas. (MINAYO, 1997/199, p. 514)

Comecei a prestar atenção à *matança* sobre a qual Maicon refere-se em finais de 2005, quando me preparava para iniciar um estágio curricular em uma das escolas do bairro Jardim Paraíso. Desde então, acompanhando a veiculação de notícias na mídia local, verifiquei a construção social de um conhecimento que vem caracterizando este bairro como um dos mais, se não o mais violento da cidade. Evidentemente, ao afirmar que há uma construção social de um saber com a contribuição da mídia, não nego que a violência neste bairro e em outros não seja real, como mostram os números divulgados pela Secretaria de Estado de Segurança Pública de Santa Catarina (disponível na página eletrônica deste órgão: <http://www.ssp.sc.gov.br/>) e os próprios enunciados das crianças que já presenciaram algum tipo de

violência. Todavia, se os quadros de violências são alarmantes, há que se considerar que, além disso,

Esta imagem de insegurança e medo vai sendo construída e reproduzida pela mídia e apropriada pelo imaginário coletivo. [...] A mídia e as atividades que vendem segurança interagem com a realidade para criar um quadro ainda mais perverso que vai minando a urbanidade e a convivência pública. (SILVA, 2006, p. 33).

Se este quadro perverso é ampliado pela mídia e as atividades que vendem segurança, direcionando o foco do olhar dos habitantes da cidade para os acontecimentos do bairro, tal fato não passa despercebido dos próprios moradores do bairro, inclusive das crianças, que também acompanham pela televisão os acontecimentos veiculados que dizem respeito a seu bairro:

Hadassa: O bairro é muito violento, tem má fama, demais estas coisas que acontecem aqui no bairro, é a violência [...]. Que nem eu vi na TV uma vez: uma mulher praticou um assalto e ela era do Paraíso, no caixa... Não era no caixa... Na lotérica! Ela era do Paraíso, tinha mais três pessoas que eram do Paraíso. Todos os três eram, junto com ela que praticou o crime, daí é bem ruim.

Hadassa indica algo importante a se lembrar: os meios de comunicação de massa, neste caso, a televisão, podem ser acessados com considerável facilidade pelas crianças, sem a interposição de um elemento mediador que propicie a elas a aprendizagem dos signos e códigos utilizados neste tipo de mídia e a necessária reflexão que os conteúdos aí veiculados demandam. As informações disponibilizadas

pela televisão estando também acessíveis às crianças fazem com que estas sejam incluídas no jogo social de construção dos sentidos dados ao bairro e partilhados pelo grupo social. As crianças acabam apropriando-se e reproduzindo estes discursos sobre a violência, posto que “nunca se está diante da cidade, mas quase sempre dentro dela” (ROLNIK, 1987, p.12), isto é, elas se inserem e partilham do campo perceptivo sobre a cidade. Isso remete à continuação do enunciado de Hadassa:

Hadassa: Neste bairro, com tanta má fama, meus professores insistem, que vem... [Hadassa refere-se ao fato de que seus professores não residem no bairro e para trabalhar, vem todos os dias de outras localidades]. Porque tem tanta coisa má aqui do Paraíso, que passa [na televisão], daí complica. Daí também coragem, daí, para vir aqui... Tem tanta escola por aí que os alunos batem, escola particular, pública também, que batem nos professores. No Iririu, por exemplo, não sei direito, eu não lembro, daí aqui... Imagina vir aqui, que é um bairro, que é um bairro mais perigoso da cidade.

Ao apresentar o bairro como o mais perigoso da cidade, para onde as pessoas de fora precisam ter coragem para adentrar, Hadassa enuncia um modo de compreender os acontecimentos do bairro apresentados na mídia que é compartilhado com o coletivo que constitui a cidade. Situar o bairro no lugar de mais violento revela a fragmentação espacial decorrente do sentimento difuso de insegurança que institui fronteiras entre as regiões ricas e as empobrecidas. Segundo Silva (2006) isso:

de forma cruel contribui para a diminuição dos direitos civis dos habitantes das favelas e

assentamentos irregulares, visto que nestes territórios dominados pelo tráfico de drogas, cidadania e segurança pública são incompatíveis na ótica conservadora. (SILVA, 2006, p. 35).

Maicon e Hadassa não revelam no discurso verbal quem ou o que contribui para esta imagem do bairro, pois esta é a parte extraverbal de seu enunciado. Não precisam verbalizar, pois este conhecimento é compartilhado entre seus interlocutores, isto é, todos os que compõem o grupo social de que também tomam parte. Esta informação está contida no presumido de duas verbalizações. Para Bakhtin esta parte não verbal do enunciado, isto é, aquilo que é presumido,

consiste, sobretudo, da unidade material do mundo que entra no horizonte dos falantes [...] e da unidade das condições reais de vida que geram uma comunidade de julgamentos de valor – o fato de os falantes pertencerem à mesma família, profissão, classe, ou outro grupo social, e o fato de pertencerem ao mesmo período de tempo. (BAKHTIN, 1976, p. 6).

Assim, apesar da temática violência constantemente entrecortar os enunciados das crianças durante as entrevistas, apenas Guga e Bad Boy explicitam na parte verbal de seu discurso o que, na compreensão dos que moram no bairro, causa a violência e a *má fama*. Vejamos o que diz Guga: “*Eles... o motoqueiro matou um homem que tava passando e tava devendo para ele, né? Da droga... Daí eu só não gosto da violência aqui*”. Guga mostra assim como funciona o sistema de justiça aplicado quando as regras não são cumpridas em um tipo de comércio ilegal, que não tem um sistema de justiça formal a quem recorrer.

Como os pais que participaram da reunião para a apresentação da

pesquisa, que explicaram que no bairro há violência apenas relacionada ao tráfico de drogas (conforme pode-se ler em trecho do caderno de anotações, já descrito no segundo capítulo) e como os jovens com quem dialoguei em 2006, que dizem que “*aqui só morre quem se envolve com droga. Senão, não dá nada*”, Bad Boy também revela a causa da violência e já propõe uma solução, dizendo que na cidade deveria haver “*uma cadeia bem grande para prender todos os maconheiro*”.

Na entoação emocional presente na escolha da palavra *maconheiro* há uma parte não dita do enunciado de Bad Boy, mas que não perde sua significação, posto que é compartilhada pelo grupo social de que faz parte. Pude também compartilhar esta significação a partir das práticas profissionais lá anteriormente desenvolvidas e das próprias observações agora realizadas no bairro. Bad Boy dá um acabamento de sentido a esta palavra tendo não apenas os pesquisadores como interlocutores de seu enunciado, mas todos aqueles com quem compartilha significados históricos e sociais sobre o bairro, cujas vozes atravessam a palavra verbalizada pelo menino: os outros moradores de lá, os moradores da cidade, a mídia. *Maconheiro*, palavra enunciada por Bad Boy, não é apenas o usuário de maconha, mas além de englobar este, a palavra contém ainda um sentido mais amplo: inclui aqueles que são responsabilizados no bairro pela violência, seja porque não arcaram com as dívidas oriundas do consumo de droga e acabam ficando sujeitos ao sistema paralelo de se fazer justiça, seja os traficantes, que submetem a população, incluindo as crianças, à exposição à violência, logo, à ameaça a seus direitos fundamentais, incluindo o principal deles: a vida.

Há na afirmação da Bad Boy, portanto, um repúdio a toda esta situação e as consequências dela. É necessário lembrar que tal situação

não é exclusiva deste bairro, nem sequer exclusiva de Joinville: à medida que o Brasil toma parte do circuito internacional do narcotráfico, estando incluído no sistema do crime organizado que também realiza contrabando de armamento pesado, seus aglomerados urbanos passam a apresentar com relativa regularidade situações de homicídios resultantes das disputas pelo domínio das regiões de comercialização da droga ou resultante do não pagamento dos valores decorrentes do consumo da droga. Assim, além das mortes daí resultantes, em sua maioria composta de homens bastante jovens, filhos dos moradores do bairro, “as operações de repressão ao tráfico de drogas são quase sempre cercadas de prisões e mortes indiscriminadas, onde a polícia entra em confronto armado com os bandidos e quem “leva a pior” são os moradores destas áreas (SILVA, 2006, p. 35).

Pode-se afirmar assim que Bad Boy revela em seu enunciado que percebe e não aceita a falta de garantia de direitos. Interessante destacar que a partir das entrevistas realizadas com as crianças e das andanças pelo bairro e os diálogos daí decorrentes, em nenhum momento percebi situações que poderiam ser caracterizadas como relações ambivalentes entre os traficantes de drogas do bairro e os demais moradores, o que acontece em muitas comunidades, conforme vem sendo apontado por alguns autores (ZALUAR, 2006; GUIMARÃES, 2004; PORTO; REIS, 2008; TITON, 2008). Segundo Zalar (2006), ao estudar o fenômeno do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, é ambivalente a relação estabelecida entre os traficantes e a comunidade quando por um lado os primeiros são respeitados por possibilitar acesso à comunidade a alguns bens e serviços, mas por outro também são temidos e odiados, em virtude das consequências funestas para a vida dos usuários de droga. Leeds (1998,

p. 242) afirma que “a natureza da interação dos traficantes e a comunidade é determinada pela personalidade, o estilo de liderança e a filosofia pessoal do chefe do tráfico”. Todavia, o fato de que em minhas interações com a comunidade a relação entre esta e os envolvidos com o narcotráfico ter sido caracterizada como negativa, pois nestas interações tomei conhecimento que a primeira entende que a presença dos segundos gera a marca negativa ao bairro (pois além de colocar em risco direitos fundamentais, impede que jovens consigam lugar no mercado de trabalho), não pode levar a conclusões aligeiradas. Guimarães (2004), no estudo que realizou sobre esta temática na cidade de Ribeirão Preto/SP, constatou a partir da perspectiva dos traficantes por ela entrevistados que justamente esta relação vem mudando, pois “antigamente, a comunidade gostava do traficante, hoje tolera, porque o tráfico está levando morte para a comunidade” (GUIMARÃES, 2004, p. 249). Entendo que este ponto, no caso do bairro Jardim Paraíso, merece a realização de um estudo mais aprofundado, que propicie análises mais densas sobre esta temática, objetivo que não é foco desta pesquisa.

Independente disso, é certo que episódios violentos acontecem e acabam povoando as lembranças e os sentidos que as crianças dão à cidade, já que esta violência não fica circunscrita apenas aos noticiários a que têm acesso, mas acontecem concretamente próximo a elas. Os espaços da cidade passam então a ficar carregados pelo conjunto de recordações dos acontecimentos nela transcorridos e vivenciados. Tais recordações da cidade são atravessadas, portanto, por relações afetivas que emergem quando novamente se percorre os espaços já conhecidos, possibilitando seu (re)conhecimento. Estas recordações são evocadas por Lari, quando observa a imagem fotográfica da figura 33.



Figura 33: A casa do assassinato, fotografada por Lari;
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Lari: Mataram um homem lá perto da minha casa, sabia? Lá na frente.

Pesq.: Lá na frente?

Lari: Lá na casa da vizinha. Meu, faz tempo, 2007 já. Daí... deram uma machadada na cara do homem. E daí deram um tiro de vez. Falaram que o homem tava mexendo com a mulher e daí dois homens já atiraram ele. O pai da minha melhor amiga. Daí ela pegou e foi embora [...]. Ela mora nesta casa aqui ó. Mas agora tão morando outras pessoas lá, uns guri lá. Aqui tem um pouco da casa onde o homem morreu. Na frente é meio pequeno, mas lá atrás é bem grande, assim. Lá trás nós não brincamos porque tem cachorro assim, daí nós não brinca. Nós brinca mais do lado da casa e na frente, que nós gosta de brincar de amarelinha aqui, nós faz uma amarelinha e fica brincando e aqui é onde o homem morreu, na casa da minha amiga assim, nesta casa.

Neste ponto, Lari é perguntada sobre o que mais se pode ver na imagem. Ela responde:

Lari: Eu lembro assim de uma coisa triste, assim, porque perder uma amiga assim, para ir longe, não é legal assim, porque eu sentia muito a falta dela, porque ela assim. [...] Lembra como é triste perder uma amiga. Dia 20 era dia do amigo, daí, não podia nem dar um abraço nela de dia das amigas porque ela tá longe e ela foi a minha melhor amiga enquanto ela tava nessa casa e do outro lado era bem grandona e nós brincava do outro lado.

Na imagem pode-se ver uma casa de esquina e no seu entorno, a rua. Em primeiro plano, uma valeta, que como tantas outras do bairro, recebe o esgoto despejado das casas. Lari, ao manipular o conjunto de imagens fotográficas por ela produzida, para nesta e relata o episódio

ocorrido já há cerca de dois anos, mas que implicou no afastamento de sua melhor amiga, filha do homem assassinado nesta casa que agora ela vem apresentar em seu discurso imagético. Lari revela em sua imagem fotográfica uma relação afetiva estabelecida com determinado espaço da cidade que orna a memória que ela tem do lugar. Neste sentido Canevacci (1993, p. 22) indica que a cidade é “presença mutável de uma série de eventos dos quais participamos como atores ou como espectadores, e que nos fizeram vivenciar aquele determinado fragmento urbano de uma certa maneira”. Lari é espectadora da partida da amiga, que vai embora depois do crime violento ocorrido na casa agora fotografada. O ato fotográfico, a posterior contemplação da imagem e a verbalização do acontecimento fazem esta menina recordar. Recordando, ela pode renovar os sentidos atribuídos no passado ao acontecimento e ao próprio espaço urbano em que tal evento teve lugar:

Uma cidade se constitui também pelo conjunto de recordações que dela emergem assim que nosso relacionamento com ela é restabelecido. O que faz com que a cidade se anime com nossas recordações. E que ela seja também *agida* por nós, que não somos unicamente espectadores urbanos, mas sim também atores que continuamente dialogamos com os seus muros, com as calçadas de mosaicos ondulados, com uma seringueira que sobreviveu com majestade monumental no meio de uma rua, com uma perspectiva especial, um ângulo oblíquo, um romance que acabamos de ler (CANEVACCI, 1993, p. 22, grifo no original).

Mobilizando sua memória afetiva para fotografar espaços da cidade para ela significativos, Lari relaciona-se com esta cidade por meio de um diálogo matizado pelas dimensões indissociáveis do tempo-

espaço. Naquele momento (*meu, faz tempo...*), naquele lugar (*nesta casa*) o pai da amiga é morto e a amiga vai embora. Diz também o antropólogo:

Mas um bairro de uma cidade pode também ser visto, lido e interpretado como *matéria significante*, como um texto escrito com a colagem – feita pelo homem – de uma série de signos (edifícios, ruas, tabuletas, portões, etc.) inseridos num tempo e num espaço contíguo. *Um cronotopo urbano*. (CANEVACCI, 1993, p. 87, grifos no original).

Do enunciado de Lari emerge a dimensão cronotópica²⁶ da construção histórica dos significados atribuídos para a violência no bairro em questão. Assim, é nesta indissociabilidade entre espaço e tempo que se estabelecem relações subjetivas na cidade, que passam a ser compartilhados com todos os que também compartilham o horizonte espacial e temporal com Lari:

Se algumas vezes temos a pretensão de pensar e de exprimir-nos *urbi et orbi*, na realidade é claro que vemos “a cidade e o mundo” através do prisma do meio social concreto que nos engloba. Na maior parte dos casos, é preciso supor além disso certo horizonte social definido e

²⁶ O conceito de cronotopo, em Bakhtin, foi inicialmente desenvolvido para pensar o discurso literário. Aqui o utilizo para analisar as relações estabelecidas com a cidade, posto que além do gênero literário, este conceito pode contribuir para a compreensão de outras formações discursivas. Adail Sobral (2008b) desenvolveu uma interessante síntese que aqui transcrevo, para facilitar a compreensão do leitor: “As características básicas do conceito de *cronotopos* são: (a) o tempo e o espaço estão ligados de modo intrínseco, necessário; (b) o tempo e o espaço são o continente da atividade, embora nem sempre se mostrem visivelmente nesta; (c) o tempo e o espaço unidos no cronotopo variam de acordo com as ordens, aspectos, séries ou momentos do universo (ritmos distintos entre os organismos, os indivíduos, as sociedades); (d) o sentido de tempo e espaço não é único, variando de acordo com a “posição” do agente da percepção; (e) as categorias de tempo e espaço são históricas, pois variam em reação a alterações das necessidades humanas de percepção (p. 138-139).

estabelecido que determine a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos [...] (BAKHIN, 1999, p. 112).

Assim, Lari enuncia e revive a dor da partida da amiga. Tristeza impingida à criança devido à violência que separa os amigos e estigmatiza os moradores do bairro. A emoção de Lari sintetiza as vozes sociais desta gente, já que neste enunciado ecoam as múltiplas vozes que compõem o transcorrer do tempo que constrói a história.

Aqui, o sentido não morre já que se inscreve em um espaço-tempo de permanente abertura às transformações. Como a terra da semente e da colheita, o espaço da praça pública acolhe tanto os ciclos cósmicos quanto as sucessões históricas. (AMORIM, 2008, p. 104).

Romper as velhas concepções dadas àquela rua, em que está aquela casa, é o que faz Lari ao continuar brincando com a irmã mais nova nos mesmos lugares que antes brincava com a amiga. *Nós brinca mais do lado da casa e na frente, que nós gosta de brincar de amarelinha aqui, nós faz uma amarelinha.* Impor sua presença nos espaços em que gosta de brincar, desafiando as lembranças e criando novos sentidos às experiências vividas é a estratégia de enfrentamento de Lari e das demais crianças que também vivenciam a violência na cidade. É a estratégia de uma comunidade de se refaz cotidianamente.

4.4 A cidade e o trabalho nela desenvolvido

- *Qual e o sentido de tanta construção? - pergunta. - Qual e o objetivo de uma cidade em construção serão uma cidade? Onde está o plano*

que vocês seguem, o projeto?
 - *Mostraremos assim que terminar a jornada de trabalho; agora não podemos ser interrompidos - respondem. O trabalho cessa ao pôr-do-sol. A noite cai sobre os canteiros de obras. E uma noite estrelada.*
 - *Eis o projeto - dizem.*

Ítalo Calvino (2009, p. 117)

Pesquisar os sentidos dados para a relação que estabelecemos com a cidade enseja em se deparar com uma categoria de análise que se presentifica inevitavelmente quando o assunto é a cidade: o trabalho. Esta categoria certamente ocupa uma condição de centralidade na sociedade contemporânea, o que deriva de a sociedade se organizar a partir do modo como também se organiza o processo produtivo do trabalho. Por conseguinte, esta organização de uma sociedade dependerá do desenvolvimento das forças produtivas²⁷ e das relações de produção daí decorrentes.

Na esteira da concepção da centralidade do trabalho na vida em sociedade, encontramos o conjunto da produção fotográfica de Mai, que apresenta em sua quase totalidade muitos tipos de trabalho desempenhados na cidade: Mai fotografa o local de trabalho dos catadores de materiais recicláveis (figura 34), o trabalho desempenhado pelo pessoal da construção civil, um tear de produção artesanal de tapetes, uma oficina de conserto de bicicletas, o trabalho do frentista que abastece os veículos em um posto de gasolina, e por fim, o trabalho de moagem de cana-de-açúcar para a produção artesanal de caldo de cana e de melado (este último, um doce produzido por meio da evaporação do

²⁷ Por forças produtivas compreende-se a força do trabalho humano somada aos objetos e meios de produção e às relações sociais de produção. Estas últimas são as relações estabelecidas em virtude da produção social e definem a divisão social do trabalho, de quem será a propriedade do produto e quem será o dono dos meios de produção (Marx, 1983).



Figura 34: Terreno em que é realizada a classificação dos materiais recicláveis.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

caldo de cana).

De todas suas imagens, para Mai a mais significativa é a da figura 34. Ao ser questionada sobre o que poderia ser visto na imagem, ela diz:

Mai: Porque aqui tem também um homem trabalhador, porque ele trabalha para sustentar a família dele e eu conheço ele, ele é bem trabalhador. A minha mãe guarda de vez em quando uns reciclados lá em casa para ele, quando a gente compra alguma coisa que vem dentro da caixa a gente guarda para ele, guarda os litros de refrigerante, o de óleo, estas coisas, daí a gente pega e dá para ele, porque tem que ajudar ele, daí ele vai lá e toma um café lá em casa.

Sobre esta imagem, Mai enuncia que *aqui tem também um homem trabalhador*, dando visibilidade a alguém que não aparece na imagem fotográfica e que também é invisível para a sociedade, que não atribui *status* ao trabalhador catador de materiais recicláveis. Ou seja, na imagem produzida por esta menina transfigura-se a dinâmica da (in)visibilidade dos trabalhadores que ocupam posições não reconhecidas ou valorizadas socialmente. Na imagem pode-se então ver a organização do processo de classificação dos materiais, em um terreno aberto. Além disso, chama a atenção, ao fundo, a imagem do horizonte, em que se pode ver montanhas cobertas pela vegetação típica da Mata Atlântica, o que gera um visual bonito. De quase todos os pontos do bairro é este o horizonte visível.

Mai, ao revelar que no local apresentado há um homem trabalhador e que de seu trabalho gera o sustento da família, associa a idéia de trabalho à geração de renda. Mais do que isso, ao enunciar que

o homem *é bem trabalhador*, Mai traz na entoação afetiva da verbalização destas três palavras um sentido valorativo de dignificação da condição de sujeito trabalhador, que é capaz de prover uma família a partir do trabalho desempenhado com materiais descartados pelo restante da sociedade. Além disso, Mai informa que sua mãe (que também já desempenhou esta tarefa, antes de vender títulos de capitalização populares) contribui para este trabalho, à medida que guarda os materiais que eventualmente tem em casa e que podem ser aproveitados no trabalho deste homem. Verifica-se que se estabelece aí uma relação entre sujeitos que, pelo menos em parte, consegue escapar de um modo de produção capitalista que favorece a competitividade e a busca do ganho individual, posto que estes sujeitos, que se encontram em semelhante situação, instituem entre si relações mais dignas e solidárias²⁸.

Mai apresenta na imagem da figura 20, conforme já posto, o tear de um homem trabalhador que produz tapetes em condições precárias à saúde, que inclusive podem fazer com que ele adoença:

Mai: É um homem trabalhador, ele tem que fazer os tapetes ali, e tudo estes sacos aí é tudo tapete que ele tem que fazer ainda [figura 20]. Daí ali tem a máquina que deram para ele ali fazer os tapetes. É um homem trabalhador. Por que assim, a minha mãe ela não fazia muito tapete, não era tapete, tapete... ela fazia estopa, assim, que é diferente. Aquele negócio com jornal, de limpar os carros, sabe? Só que depois eles tiram os jornal para limpar. A minha mãe fazia, só que ela começou vender também. E ele também é um

²⁸

Ao utilizar a palavra solidária, busco orientação em Mance (1999), que afirma que esta palavra possui um sentido moral que se relaciona à noção de justiça e de união entre as pessoas para o bem comum.

homem trabalhador e honesto, né? Fazendo o trabalho dele. Acho que a minha vó que fazia tapete.

Além de o trabalho ser o meio disponível para se alcançar a subsistência, e conseqüentemente, uma vida melhor, também a ele é relacionada a noção de que a pessoa que trabalha é honesta, isto é, que o trabalho dignifica o homem. Tal noção não é exclusiva de Mai, já que é compartilhada com a sociedade capitalista de modo geral, “que prega a produtividade como ideal – se o sujeito não trabalha, não está sendo produtivo para a sociedade” (NATIVIDADE, 2007, p. 77). Esta noção do trabalho como garantia da dignificação do homem que é apropriada pelas crianças, passando a ocupar um caráter inquestionável, é também apontada por diversos pesquisadores que localizaram também esta concepção em seus estudos (CRUZ NETO, MOREIRA, 1998; CAMPOS, ALVARENGA, 2001; NATIVIDADE, 2007).

O trabalho do catador de materiais recicláveis que Mai apresenta, assim como algumas outras atividades apresentadas por ela e desempenhadas na cidade, bem como, o trabalho dos pais descrito por várias crianças entrevistadas, traz a marca das transformações sociais e econômicas que vêm passando o país desde sua maciça industrialização e conseqüente urbanização acelerada. Isso enseja em um modo diferenciado de organização dos espaços das grandes cidades, que passam a se configurar conforme os usos que se faz destes espaços, adaptando-os à (re)organização das relações de trabalho. Esta (re)organização se tornou necessária especialmente a partir da década de 1980, a partir de quando passou a haver no Brasil um aumento do trabalho informal. Em Joinville não é diferente, pois:

Joinville, como a maioria das cidades industriais no Brasil, vive hoje um processo de retração na oferta de empregos nas empresas de produção de bens. Essa retração é consequência da política neoliberal – responsável pelas importações – e do uso das novas tecnologias – que eliminou postos de trabalho – aumentando, em decorrência, o número de pessoas desempregadas, atingidas pela exclusão social (NIEHUES, 2000, p. 2).

Esta eliminação de postos de trabalho ou a hiperespecialização que os novos postos requerem acaba levando considerável quantidade de trabalhadores ao desemprego ou ao emprego informal. Este último, ilegal, decorre de um acordo tácito entre empregador e empregado, já que este último submete-se a condições indignas em troca de emprego. Por fim, na falta inclusive do emprego informal, resta ao trabalhador buscar geração de renda de forma autônoma:

A redução do trabalho formal tem levado uma grande massa de trabalhadores com diferentes qualificações profissionais a se engajarem por conta própria no mercado de trabalho, em geral prestando serviços ou comercializando em pequena escala na rua, em casa ou visitando locais de trabalho, inclusive autarquias do governo (CLEPS, 2009, p. 331).

Todavia, independentemente da forma como se dá a relação com o trabalho, seja legal, ilegal ou de forma autônoma, ela alcança o interior da organização do cotidiano familiar, especialmente quando há crianças nas famílias, que precisam ajustar sua própria rotina à rotina dos pais ou irmãos mais velhos, muitas vezes inclusive precisando ficar sob o

cuidado de terceiros ou por sua própria conta. Em decorrência disso, a necessidade de os pais trabalharem desde logo é apropriada pelas crianças, vinculando ao trabalho a possibilidade de consumo e a própria subsistência. O trabalho informal e o trabalho autônomo são recorrentes nas famílias das crianças pesquisadas, conforme elas revelam:

Nycole: A gente sempre muda porque a gente fica de aluguel. Daí a minha mãe é autônoma e meu pai também. Meu pai trabalha numa pizzaria a noite. Agora ele vai trabalhar naquele de churrasqueira, de assar carne e a minha mãe trabalha de diarista. Meu irmão ainda não trabalha, está procurando trabalho, ele só estuda.

Por sua vez, o pai de Thais, migrante pernambucano, trabalha com a compra de materiais recicláveis para revenda: “*A minha mãe parou de trabalhar. Ela trabalhava numa firma. Daí o meu pai também trabalha e ele compra papelão, estas coisas assim*”. Já no que se refere à necessidade de as crianças ficarem sozinhas para os integrantes mais velhos da família trabalhar, Castro (2004) destaca que:

Em casa o mundo das relações é canhestro e desertificado. Afinal, quem está em casa durante o dia fazendo companhia às crianças? [...] ouvi as crianças se posicionarem sobre a rarefação emocional e sentimental que permeia a vida doméstica, sobretudo porque se encontram sozinhas em casa a maior parte do tempo. (CASTRO, 2004, p. 131).

Sobre esta temática Hadassa apresenta a imagem da figura 35. Produzida de baixo para cima (o que por si só revela aspectos do que está visível ao olhar da criança), nesta imagem pode-se ver um Centro de Educação Infantil, sendo que o destaque da imagem está direcionado



Figura 35: O Centro de Educação Infantil fotografado por Hadassa.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

para o nome da instituição. Pode-se perceber ainda a decoração do lugar, com flores e plantas, bem como, infere-se que a imagem foi produzida do cotidiano do centro, já que há algumas pessoas adentrando o lugar. Hadassa então revela em seu enunciado os sentidos que dá a esta instituição e os motivos que a levaram a produzir esta imagem.

Pesq.: O que podemos ver nesta foto?

Hadassa: O CEI Bem Me Quer eu queria tirar porque é um centro de educação também [...]. Também é bom, porque é um lugar mais seguro para as crianças, do que ficar em casa sozinha. Que nem eu, eu ficava sozinha em casa. Eu ficava desde os sete anos sozinha, menos de sete anos ficava sozinha em casa para a minha mãe ir trabalhar, daí eu ficava sozinha com meus irmãos junto [os irmãos de Hadassa são mais novos do que ela] ou sozinha, sozinha mesmo. Daí eu me cuidava em casa. Daí é bom, porque as crianças podem ficar no turno integral, só que é pago, essa é a dificuldade, é... Eu acho que poderia e deveria ser mais barato, ou que é grátis, mas o CEI é isso.

Ao ser questionada sobre o que pode ser visto na imagem produzida, Hadassa revela um pouco de sua rotina quando era menor e precisava ficar sozinha em casa, já que a mãe tinha que trabalhar. Aos sete anos era sua a tarefa cuidar da casa e dos irmãos menores, bem como, cuidar de si mesma. Para ela, uma solução possível para que crianças pequenas não precisem ficar em casa é a permanência no centro de educação infantil, um lugar mais seguro do que permanecer sozinhas em casa. Por outro lado, Hadassa não questiona o fato de sua mãe precisar deixá-la sozinha para trabalhar. Já se apropriou da noção de que o trabalho é importante para a subsistência, assim como Guga, que apresenta a imagem da figura 36, também um centro de educação



Figura 36: O Centro de Educação Infantil fotografado por Guga.
Fonte: Arquivo da pesquisadora

infantil, destacando a importância desta instituição, pelos mesmos motivos que Hadassa.

Pesq.: E o que podemos ver nesta imagem, Guga? [Figura 36]

Guga: Aqui também... Quase sempre os pais que trabalham fora, o pai e a mãe trabalham fora, o irmão estuda de manhã, daí sempre as crianças ficam no CEI. Daí os professores tudo ensinam bastante, né?

Castro (2004), ao discutir aspectos da relação das crianças cariocas com estranhos, aponta certo modo de ser criança contemporaneamente que extrapola o cenário urbano do Rio de Janeiro e que entendo que pode ser aplicado às crianças desta pesquisa:

Sem sombra de dúvida, as crianças cariocas de nossa época têm que encarar desde cedo a convivência com estranhos, sejam as babás, os profissionais da creche, os vizinhos que ajudam, as professoras, os transeuntes nas ruas, e assim, quase todos com os quais se cruza numa grande cidade... (CASTRO, 2004, p. 132).

Estes estranhos passam a fazer parte do cotidiano das crianças, como indicado por Thais que produz uma fotografia da cozinha da escola. Pode-se ver, na imagem da figura 37, a merendeira executando seu trabalho, cercada pelos equipamentos utilizados em uma cozinha escolar:



Figura 37: A cozinha da escola e a merendeira, fotografadas por Thais.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Pesq.: O que podemos ver nesta fotografia?

[Figura 37]

Thais: A cozinha da escola. Esta merendeira, ela é legal. Tem vez que eu almoço em casa... quando eu vou para a escola, quando tem aula, eu venho almoçar na cozinha comunitária, que daí já fica mais perto.

A cozinha comunitária é mencionada por duas crianças, Thais e Carol, que compartilham que é lá que almoçam com relativa frequência, pois os pais não estão em casa para preparar o almoço. Verifica-se assim que o tempo que as crianças acabam passando com a família é diminuído pela necessidade dos pais ajustarem-se às demandas do mundo do trabalho, como afirma Campos e Jobim e Souza (2003):

O tempo compartilhado entre pais e filhos é cada vez mais escasso: trabalha-se cada vez mais para o aumento do poder aquisitivo (e conseqüentemente do consumo), e a mulher tem uma contribuição crescente na fatia produtiva da população, ficando bastante tempo fora de casa. Pais chegam tarde em casa, crianças atarefadas, refeições solitárias ou feitas fora do lar. A família se reúne cada vez menos para conversar sobre o cotidiano [...] (CAMPOS; JOBIM E SOUZA, 2003, p. 13).

Dado confirma a reflexão feita pelas autoras, ao contar de sua rotina e a impossibilidade de estar com a mãe, já que os horários que estão em casa acabam não coincidindo:

Pesq.: O que você costuma fazer no teu tempo livre?

Dado: Quando eu se acordo, daí eu varro a casa, daí eu arrumo a casa, daí eu vou brincar, vou andar de bicicleta, daí eu fico brincando daí. A minha mãe fica dormindo, porque ela trabalha a noite toda. Daí eu também, eu vou lá para o meu

primo, daí nós vamos lá para baixo, lá na quadra, daí às vezes nós... Daí eu durmo lá e volto no domingo. Fico o domingo lá e a gente assa carne lá. E eu brinco lá também. [...] Durante a semana eu brinco também. [...] eu faço os deveres e daí eu vou para a escola.

Sua mãe trabalha durante a noite e precisa descansar no turno matutino, justamente quando Dado está em casa. À tarde, Dado precisa ir para a escola, pois este é o turno que a série em que estuda é disponibilizada aos estudantes. Mesmo sendo menino, Dado não desqualifica ou deixa de mencionar que é ele quem cuida da casa (atividade tradicionalmente desempenhada pelas meninas em nossa sociedade), propiciando uma casa organizada para a família, visto que a mãe precisa descansar do trabalho executado no período noturno. Segundo Castro (2004):

Nos dias de hoje, a experiência de estar em casa ou de ficar em casa tem sido ressignificada. Para muitas crianças e jovens a casa não é lugar de convivência com adultos. De modo geral os adultos são representados como sombras no interior da casa, já que na maior parte do dia estão ausentes, mas que se presentificam através de suas ordens, do que deve ser feito na sua ausência, como por exemplo, fazer os deveres da escola, não sair para a rua, arrumar a casa (CASTRO, 2004, p. 40).

Compreendo que é oportuno caracterizar estas atividades desempenhadas por Dado e tantas outras crianças entrevistadas como serviço doméstico em vez de trabalho doméstico, pois a esta última categoria frequentemente se associa o trabalho remunerado desempenhado em residências de outras famílias que não a sua própria,

o que não é o caso das crianças pesquisadas²⁹. Analisar o significado que as crianças dão ao serviço por elas desempenhado no espaço doméstico é necessário visto que foi uma temática mencionada pela maioria delas quando conversávamos sobre a rotina do cotidiano e as relações com a cidade. Logo, pode ser um indicador de suas condições de vida e do sentido que dão as suas relações com a cidade.

De modo geral, as atividades desempenhadas em casa, de cuidado e limpeza, são socialmente desvalorizadas e tradicionalmente desempenhadas pelas meninas da casa, adolescentes ou mulheres. Todavia, esta concepção não necessariamente foi confirmada pelos enunciados das crianças desta pesquisa. Elas revelam a existência de uma espécie de parceria, isto é, de ajuda mútua familiar: enquanto elas desempenham estes serviços de cuidado com a casa, os pais estão ocupados com a subsistência de todos eles. Além disso, tendo terminado estes afazeres, as crianças passam a desenvolver as tarefas escolares ou aproveitam o restante do tempo livre para brincar. Se necessário, umas ajudam as outras, para este tempo livre de brincadeiras ser ampliado:

Mai: Ser criança, para nós, é só brincar. Brincar, se divertir, e se ajudar ali. Tipo, se a gente tiver alguma coisa para fazer, a gente se ajuda. Se, tipo, ela terminou o serviço e eu ainda tenho serviço para fazer, ela ajuda eu fazer, para a gente ir brincar daí.

²⁹ Faço esta distinção inspirada na diferenciação de conceitos proposta por Stengel e colegas (2002, p. 126), que dizem que “O serviço doméstico é considerado como o conjunto de atividades domésticas que as crianças e os adolescentes realizam para a sua própria família e no seu próprio domicílio, como ajuda à mãe e/ou outros adultos de referência. As atividades são descritas como cuidar de irmãos menores, arrumar a casa, lavar vasilhas, cozinhar, lavar e passar roupas, entre outras. Tais atividades não são remuneradas”. Já o “trabalho doméstico” realizado na própria casa das adolescentes ou na casa dos patrões é remunerado e configura uma relação laboral. As atividades são o cuidado de crianças, pessoas idosas ou doentes, arrumar a casa, lavar as vasilhas, cozinhar, passar e lavar roupas. “Os patrões são, usualmente, pessoas da vizinhança das crianças e dos adolescentes ou seus parentes”.

Neste sentido, concordo com Alves-Mazzotti (2002) que diz que não necessariamente todo o trabalho infanto-juvenil é penoso, insalubre ou humilhante e também, que nem todos os pais exploram seus filhos. O trabalho desempenhado por estas crianças confirma o que diz esta autora, à medida que não exclui as brincadeiras, tão comuns e incentivadas em nossa sociedade. Isso não exclui o fato, porém, de que às vezes a necessidade de se ajustar a uma rotina com compromissos não seja motivo de irritação por parte das crianças, conforme Hadassa confidencia:

Hadassa: Às vezes quando eu acordo, fica difícil para mim, porque meu pai já manda acordar, pegar o bebê [Hadassa está se referindo a seu irmão recém nascido], que ele acorda muito cedo, pegar o bebê, ou colocar água para esquentar, não dá nem para mim lavar meu rosto, ou arrumar o meu cabelo e eu demoro um monte para arrumar o meu cabelo. E daí fica difícil, isso me deixa bem aborrecida, eu fico com bastante raiva [...] Mas daí tem momentos bons, é quando a gente tá unido, quando a gente tá discutindo familiar, que daí é bom, a gente fica feliz. Na hora que a gente ganha presente, que daí ninguém fica de mau-humor, fica todo mundo feliz, mais meu pai do que nós, que ele fica feliz em ver a nossa felicidade [...]. De noite, o meu pai chega, a gente janta e vamos para a cama. Conversamos um pouco e vamos para a cama.

Hadassa mostra-se irritada pela impossibilidade de ter um tempo para si mesma, pois desde cedo já tem as obrigações de cuidado com o bebê da casa. Todavia, se Hadassa revela um sentimento de raiva em virtude destas obrigações, parece que este sentimento está também

relacionado à necessidade de ter um tempo e um espaço somente para si, para o seu próprio cuidado. Assim, se por um lado a casa é associada à proteção e acolhimento, também a ela é associada a intromissão e invasão dos outros (CASTRO, 2004), neste caso, o pai, que invade o tempo de Hadassa se arrumar. Porém, tão logo a menina enuncia seu desconforto pela rotina instalada, também revela os modos de relacionamento familiar presentes em sua casa: mesmo o pai chegando tarde e a mãe já tendo cuidado de seu próprio bebê e de outras crianças da vizinhança (para incrementar a renda familiar), jantam conjuntamente e dialogam antes de irem para a cama.

Por fim, considerando que o trabalho é significado pelas crianças como uma necessidade imperiosa a ser desempenhada, a partir de que esta concepção atravessa as relações sociais e é, portanto, apropriada pelas crianças, é interessante perceber como passa a haver nas famílias uma educação para e pelo trabalho, em que conhecimentos são transmitidos pelos pais para os filhos, preparando-os para o futuro de trabalhadores. Trata-se de conhecimentos que muitas vezes são a única coisa que os pais podem deixar para os filhos (DIMENSTEIN; FEITOSA, 2004), conforme Mariana explica que a mãe, que é cozinheira, ensina para ela:

Pesq.: Tem alguma coisa que você gostaria de ter fotografado e não pode?

Mariana: O... na lanchonete da minha mãe. Que ela trabalhava. Eu ia lá, pra conhecer quem a minha mãe trabalhou, eu ia conhecer, mas daí a minha mãe parou de trabalhar e daí não deu para mim ir lá. Daí ela disse assim, que qualquer dia que ela tiver dinheiro daí ela leva eu para conhecer com quem ela trabalhou e eu gostaria muito de saber com quem a minha mãe trabalhou,

com quem a minha mãe deixou de trabalhar, porque quando eu crescer eu vou saber mais, né? Das coisas assim, de trabalho assim, a minha mãe sempre tá me ensinando em casa, assim de cozinha, ela é bem de cozinha assim, ela é bem rápida em cozinha. Daí quando vai ver o almoço já tá pronto assim, dois toques. Daí ela me ensina a fazer carne, me ensina a fazer as comida e daí isso é muito bom para mim, porque quando eu crescer eu já vou saber fazer as comidas, né?

Mariana, deste modo, indica como a sua mãe compartilha com ela conhecimentos que serão bons para seu futuro, preparando-a para a vida produtiva que terá quando adulta, ensinando à menina os conhecimentos de que dispõe. Somando-se a esta prática da mãe o sentido que as crianças dão para os conhecimentos aprendidos na escola, já descritos, pode-se concluir que desde logo elas se apropriam do sentido dado ao trabalho pela sociedade capitalista, organizando suas vidas a partir desta centralidade, seja a rotina vivenciada agora para se ajustar às necessidades de trabalho dos pais, seja preparando-se para o futuro, quando, segundo elas, precisarão dos conhecimentos aprendidos com os pais ou na escola para desempenharem suas tarefas.

4.5 Ser criança na cidade

Em Raissa, sempre há uma criança que da janela sorri para um cão que pulou num alpendre para comer um pedaço de polenta que caiu das mãos de um pedreiro que do alto do andaime exclamou: “Minha jóia, tem um pouca para mim?” para uma jovem hospedeira que ergue um prato de sopa sob a pérgula [...].

Ítalo Calvino (2009, p. 134)

Conforme tenho pontuado, o espaço da cidade, desde seu contundente crescimento decorrente da industrialização do país, tem sido constantemente reconfigurado com vistas a atender desde funções de moradia, trabalho, lazer e principalmente, consumo. A grande concentração humana e as implicações daí decorrentes fizeram com que a cidade passasse a ser o local por excelência em que as relações entre sujeitos se estabelecem e, portanto, passasse a ser o local da construção subjetiva dos cidadãos. É neste sentido que também afirma Castro (1998):

as cidades contemporâneas se apresentam como a expressão acabada da plurivocidade das condições de subjetivação da atualidade, ou ainda, como o novo outro a partir do qual a subjetivação pode ser pensada, outrora buscado e teorizado nas concepções do social e da sociedade. (CASTRO, 1998, p. 142).

Os sentidos agenciados pela cidade, conforme as crianças pesquisadas foram apontando, relevam relações ambíguas, já que a cidade faz emergir sentimentos como satisfação pelo que disponibiliza aos moradores e medo e insatisfação com algumas condições encontradas.

Além disso, na pesquisa realizada, pude ir conhecendo um certo modo de se relacionar com a cidade próprio das crianças contemporâneas, já que “a situação da criança e do jovem dentro da problemática da cidade é impar” (CASTRO, 1998, p.144). Exemplo disso são algumas especificidades do medo sentido por estes ocupantes quando em relação com os espaços urbanos. Há que se considerar, conforme ensina Castro (2001b), que cada vez mais as crianças passam

por um processo de desinstalação das posições e lugares que tradicionalmente ocuparam na modernidade, isto é, na família e na escola, ocupando agora outras posições, tais como a de transeuntes da cidade:

A lógica da circulação e do deslocamento favorece, mesmo que de forma incipiente e canhestra, a re-união, o re-aparecimento dos atores sociais através mesmo da deambulação, ou seja, do convite ao movimento, e através dele à estrangeirização. (CASTRO, 2001b, s/p).

Circulando pela cidade, novas experiências ficam disponíveis a elas, de modo a também experienciarem novos sentimentos daí decorrentes.

Isso é revelado especialmente por algumas meninas entrevistadas, como Nycole, que verbalizou que seu desejo é crescer logo, pois sendo menina teme ser estuprada e não teria como se defender. Sendo criança, reconhece que fica em uma posição vulnerável em relação aos adultos, pois não tem tanta força física. Decorrente da passagem da casa para a rua, a conquista do espaço público enseja para a criança a aprendizagem de novos modos de se relacionar com aqueles que são e muitas vezes continuarão sendo *estranhos*. Trata-se de uma transformação pela qual passa a criança ao precisar se desgarrar de casa, da proteção e da segurança do que é conhecido, que segundo Castro (2004), mobiliza sentimentos de medo, angústia e insegurança.

Lari também diz que estar em certos lugares públicos enseja em estar vulnerável a ser caçoada pelos meninos: *Eles não respeitam, sabe, eles ficam falando nome e a minha mãe não gosta que eu fique com os piá. Se a gente dá confiança, os piá ficam me xingando, ficam falando*

besteira, né? Daí a minha mãe não gosta. Lari mostra assim que há riscos no processo de ocupar e conquistar os espaços da cidade em que mora, pois para ocupá-los precisa aprender e se apropriar dos diferentes signos que revelam o que é socialmente permitido e o que é vetado. Transitar no espaço público da cidade impõe, deste modo, a construção de formas de se manejar a impessoalidade própria do encontro com desconhecidos. Às vezes estas possibilidades de se acessar a diversidade da cidade são impedidas pelos pais, no sentido de proteção da criança no espaço da casa, como Lari complementa: *eu brinco com minhas amigas de vez em quando. Eu brinco com a Dai também, porque minha mãe não deixa muito sair para a rua, porque tem aquela piazada.* Assim, circunscritas aos locais em que a elas é autorizado circular, no processo desta aprendizagem dos signos que compõem a comunicação urbana, as crianças precisam construir quem são na rua, posto que a rua enseja novas relações estranhas ao interior da casa.

Considerando então que o espaço autorizado para a criança é limitado aos lugares entendidos pelos pais como sendo seguros para sua permanência e circulação, mas que cada vez mais as crianças inserem-se no processo de ocupar a cidade, tomando parte nas relações sociais que se desenrolam neste contexto (posto que participam da trama da construção destas relações, desde que se apropriam, fazem análises e reflexões acerca da organização e chegam a conclusões sobre a cidade), elas passam a não ser mais apenas sujeitos sendo preparados para a vida adulta, quando desempenharão com adequação o papel de trabalhador, mas já tomam para si a autoria de sua participação no contínuo processo de construção da sociedade de que fazem parte.

Mas e o que as crianças não fotografaram e não verbalizaram

durante o desenrolar da pesquisa? Ao escolher produzir um conjunto de enunciados imagéticos que tem um limite, já que o equipamento disponibilizado a elas permite a produção de vinte e sete imagens, enseja em deixar de produzir outros discursos. Neste sentido, chama a atenção no conjunto da produção das crianças entrevistadas a predominância de imagens realizadas no próprio bairro em que residem. Vários são os motivos para isso, conforme elas mesmas comentam, assim como também revelam que gostariam de ter fotografado outros lugares e falam que lugares são estes, a exemplo de Indi:

Indi: Ah, eu queria ter fotografado a entrada de Joinville, que lá, eu nunca fui lá e queria também ter fotografado também outras coisas assim que, tipo, o Muller [Shopping Muller de Joinville, o maior da cidade na época da realização da pesquisa], estas coisas assim, o posto de saúde do Costa e Silva [um bairro da cidade de Joinville], que as consultas que é para fazer aqui eu vou para lá, estas coisas assim que fica muito longe e não deu para mim ir...

O enunciado de Indi faz aqui emergir a discussão sobre as (im)possibilidades de uso e de circulação nos espaços da cidade e as experiências daí decorrentes, que fomentam a produção da subjetividade. Conforme destacado por Cassab (2001, p. 209) “mais do que o *locus* onde essa subjetividade se produz, a cidade se ‘personifica’ e impõe a esses jovens determinadas restrições e/ou possibilidades na configuração dessas subjetividades”. Assim, Indi afirma nunca ter estado na entrada de Joinville, lugar normalmente fotografado pelas agências de publicidade para veicular propagandas sobre a cidade. Trata-se, portanto, do que se nomeia de “cartão postal da cidade”. Se

pensarmos na reflexão feita por Castro (2004) neste sentido, temos que Indi não conhece este lugar (ainda que quisesse fotografá-lo) não apenas devido a sua pouca idade, que enseja em não operar com os dispositivos complexos de que a cidade é constituída, como, por exemplo, a distribuição das linhas de ônibus que permitem conexões e conseqüentemente, a circulação por praticamente toda a cidade. Outras pessoas também não dominam estes equipamentos e nem por isso ficam circunscritos a espaços restritos, como por exemplo, turistas. O que está aí para ser problematizado é que a cidade, construída pelos e para os adultos, restringe, conforme já discuti, o espaço das crianças entre a casa e a escola. Aliás, parte importante da produção fotográfica das crianças expressou justamente estes ambientes e a rua entre eles.

Porém, outros aspectos também tomam parte deste cerceamento às crianças da ocupação de certos espaços. Para Cassab (2001, p. 211), a espacialidade da cidade “impregna o cotidiano dos sujeitos sociais, delimita seus horizontes, circunscreve suas relações e espaços de identificação e seus circuitos de inclusão e exclusão”. Enquanto algumas crianças sequer cogitam a saída do bairro para fotografar outros lugares que a cidade propicia, algumas não o fazem por faltar o dinheiro para o pagamento do transporte, conforme explica Bad Boy:

Bad Boy: Lá no centro, queria ir... Mas não tinha dinheiro, que meu tio não quis pagar meu padraço e daí lá no... um monte de lugar que eu não posso ir, que eu não pude ir. Só que daí a gente não tinha dinheiro, né? Só tinha dinheiro para comprar comida. Eu gostaria de ter fotografado a Vigorelli, lugares bonitos.

Nas fotografias de Bad Boy ele expressa as condições

inadequadas de seu bairro, conforme discussões desenvolvidas. Neste enunciado ele fala que gostaria de ter fotografado lugares bonitos, dentre os quais a Vigorelli, vila de pescadores da Baía da Babitonga. Se gostaria de fotografar lugares bonitos, seu bairro parece ficar excluído desta categoria. Por outro lado, é por falta de dinheiro que não fotografou os lugares bonitos, pois estes lugares são os *que eu não posso ir*. Bad Boy possui um saber acerca dos lugares que pode e que não pode frequentar, em virtude das possibilidades concretas que se apresentam. Esta leitura que o menino faz sobre o acesso à cidade é resultado não apenas de suas próprias conclusões a partir do cotidiano vivenciado, mas é muito mais o resultado da organização coletiva que preceitua como se dá a disposição do trabalho, da circulação, das trocas e das oportunidades no cenário da cidade.

Por outro lado, ainda que se possa aderir à idéia da existência de uma espécie de fronteira que separa as regiões acessíveis às pessoas que ocupam a cidade (e no caso específico do Jardim Paraíso, seria inclusive fácil localizar uma possível fronteira, posto que a geografia do lugar contribui para isso, já que entre este bairro e outras regiões da cidade há espaços vazios de vida urbana) há que se atentar para o fato de que a exclusão social possível de ser percebida no enunciado de Bad Boy, que afirma que há lugares que não pode ir, é fenômeno não exclusivo da impossibilidade do trânsito pela cidade. Além das determinações da lógica capitalista que propicia a super valorização de certos espaços urbanos e a precarização de outras, daí são construídos significados sociais que definem o *status* dos diferentes lugares da cidade e seus respectivos habitantes.

Estes significados, apropriados desde cedo por estes cidadãos,

são levados em consideração quando se decide pelos locais que irá ocupar e transitar. Decorre disso que o sujeito constrói uma espécie de mapa, nele inscrevendo os sentidos atribuídos às múltiplas vivências de cidade e que servirão de referência para suas futuras experiências no espaço da urbe.

Esta construção de sentidos que institui uma espécie de mapa singular que cada um constrói da cidade a partir de suas experiências é constantemente posto em xeque. A ocupação de lugares diferentes pode muitas vezes oferecer desafios para aqueles que se dispõem a se apropriar da cidade, como o exemplo das garotas descritas no segundo capítulo que, apesar das condições adversas de infra-estrutura do bairro, acabam eventualmente tomando o ônibus para sair do bairro e circular em outras regiões. O mesmo acontece com Maicon e sua família, que resolvem passear no domingo à tarde, na semana em que a câmera fotográfica esteve com o menino, para justamente fotografar lugares bonitos. Só que para se chegar a estes lugares bonitos, é preciso antes enfrentar desafios como os que Maicon apresenta na imagem da figura 38. Esta fotografia foi produzida no retorno do passeio que ele fez com a família para a vila de pescadores Vigorelli.

Pode-se verificar nesta imagem, produzida a partir do carro da família e diante do trecho que ainda precisava ser cruzado, o resultado de vários dias de chuva. Diz Maicon sobre esta imagem:

Maicon: Esta foto aqui eu quis mostrar a estrada.

Pesq.: Esta é a estrada para a Vigorelli?

Maicon: É... Muita buraqueira, muita... lá para frente tem um buracão assim! Quase estragou o carro.



Figura 38: A estrada de acesso para a Vigorelli, fotografada por Maicon.
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Pesq.: Para chegar lá tem que passar por esta buraqueira?

Maicon: Buraqueira... Aqui estes matos. Aqui do lado assim é mangue e daí quando enche [Maicon refere-se a encher de água da chuva] fica desse jeito.

Ter acesso a outros lugares, cruzar fronteiras visíveis e invisíveis, pode então significar ter que enfrentar a lama e os buracos da estrada, as distâncias e o gasto com o transporte. Mas pode ensejar em se apropriar de lugares diferentes do cotidiano, conforme Maicon apresenta na imagem da figura 39. Maicon fotografa um lugar de Joinville a que associa à beleza, tranquilidade, amor e paz:

Maicon: Aqui eu quis mostrar muita... Bastante coisa boa... O pôr do sol, né? Que é bem bonito. É bem legal. É uma tranqüilidade também, que é ali. Amor, paz. [indicando a imagem da figura 39].

Pesq.: Amor e paz?

Maicon: Sim. Tem garça... Assim... Bastante coisa. A senhora já foi para o Recanto das Garças?

Pesq.: Não...

Maicon: Não? Meu, é bem legal, passa um monte de balsa, tem bancos de areia assim... É bem bonito!

O processo evocativo provocado pela contemplação de sua produção faz Maicon agenciar, além da memória do passeio recente realizado com a família para um lugar tradicionalmente tomado pela sociedade por belo, também memórias de outros passeios realizados por lugares diferentes. A imagem fotográfica propicia a Maicon indiciar outras experiências de aprendizagem da cidade. Recursos de



Figura 39: A baía da Babitonga, fotografada por Maicon.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

visibilidade, as imagens produzidas vão assim possibilitando a ele a construção de sentidos para todas estas experiências, em um processo dialógico que aproxima os múltiplos valores, visões de mundo e entoações que a sociedade da qual toma parte produz acerca da cidade e que permite a ele também tomar parte neste processo mais amplo de (re)construção incessante da cultura.

Continuando as análises, destaco outro ponto que chama a atenção no conjunto das imagens fotográficas produzidas pelas crianças e a consequente não-produção de outros enunciados. Nesta não-produção de alguns enunciados, elucidado o ponto que chama a atenção: durante o período em que as crianças pesquisadas permaneceram com a câmera fotográfica para a realização de suas imagens, acontecia na cidade o maior festival de dança do mundo, já citado no segundo capítulo. Trata-se de um evento indubitavelmente amplo, posto que recebe todos os anos cerca de duzentos mil expectadores, além de centenas de companhias de dança do Brasil e países próximos, bem como, possui visibilidade na mídia regional e nacional. Este evento acontece em uma região central da cidade, mas, além disso, também acontecem apresentações não competitivas em locais como *shoppings*, praças e empresas. Na chamada publicitária que visa a promover o evento e a cidade que o abriga consta o *slogan*: *Joinville, cidade da dança. Aqui se vive a dança, todos os dias.*

Tendo feito estas considerações, proponho uma reflexão acerca deste silêncio que as crianças pesquisadas manifestam sobre este assunto, já que se trata de um evento que visa a promover a dança e a cultura por todos os segmentos da sociedade. Por um lado, pode-se

supor que a realidade apresentada no festival de dança estaria demasiadamente distante do cotidiano das crianças da periferia da cidade, já que talvez o conhecimento e a prática da dança não esteja sendo propiciado a elas, posto que em nenhum momento esta arte foi mencionada pelas crianças, seja referindo-se ao festival de dança ou a outro tipo de evento a que porventura tivessem acesso.

Há nesta não-produção imagética das crianças um convite a se pensar nos jogos de visibilidade e invisibilidade desvelados pelas fotografias, tanto no que as próprias imagens revelam, quanto no que está de fato disponível para o exercício de olhar das crianças que ocupam determinados espaços da cidade. A escolha de se produzir certos discursos imagéticos e verbais e de se silenciar outros permite afirmar que, paradoxalmente, no mesmo espaço territorial há a produção de várias cidades: produz-se a cidade que traz em sua tônica a dança, as flores, a nobreza, o trabalho e o desenvolvimento e que remete a seu mito fundador, isto é, uma cidade idealizada, carregada dos sentidos produzidos a partir de alguns signos visíveis e que sob alguns aspectos está disponível apenas para o olhar de alguns. Produz-se também uma cidade concreta, algumas vezes distante, muitas vezes bonita, outras tantas precária, que pode às vezes parecer subsumida à cidade idealizada. Porém, esta cidade concreta enseja outros múltiplos sentidos sobre ela, sentidos estes que contêm, mas extrapolam aqueles da cidade idealizada. Assim, com fronteiras e sentidos intercambiantes, a mesma Joinville carrega muitas *Joinvilles* que propiciam uma pluralidade de experiências, às vezes incentivada, às vezes cerceada pelo jogo das relações sociais que se estabelecem entre aqueles que a constituem. Como tantas outras, uma cidade polifônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se à seguinte conclusão: se a existência em todos os momentos é uma única, a cidade de Zoé é o lugar da existência indivisível. Mas então qual é o motivo da cidade? Qual é a linha que separa a parte de dentro da de fora, o estampido das rodas do uivo dos lobos?

Ítalo Calvino (2009, p. 34-35)

Ao longo do desenvolvimento desta dissertação sempre tive o propósito de articular considerações sobre as relações que crianças estabelecem com a cidade e os sentidos que elas dão a estas relações, para, a partir disso, produzir um certo conhecimento científico, resultando em um produto acadêmico. Porém, devo salientar que a trajetória que percorri, além das reflexões entabuladas a partir das leituras teóricas que me serviram de guia e das reflexões travadas com a orientadora da pesquisa (indubitavelmente preciosas aquisições para a pesquisadora que me tornei), propiciou também o compartilhamento de experiências com pessoas que me permitiram com novos olhos conhecer a cidade. As múltiplas vozes a que passei a prestar atenção foram-me conduzindo por um caminho de aprendizagem e construção de um saber. Destarte, buscando realizar uma pesquisa-intervenção, a partir do momento que inaugurei o ponto de partida da pesquisa passei a entretecer as vozes de diálogos que tive o privilégio de encetar aos encontros que foram desenrolando-se ao longo da investigação, para assim criar o campo de narrativas que compuseram os dados analisados.

A atenção dada à complexidade das relações que encontram lugar na cidade requereu de minha parte uma reflexão acerca de um tipo especial de relação: aquela que se estabelece entre as crianças, grupo

convidado para tomar parte nesta pesquisa, e a cidade. Trata-se de um grupo que participa do espaço urbano, mas para o qual nem sempre é pensada e planejada a cidade.

Porém, as crianças passam a cada vez mais tornar sua presença percebida na cidade, aparecendo de diferentes modos, seja como usuários do transporte público, seja como consumidores, dentre outros. Circulando, vão se apropriando dos espaços da cidade e percebendo as contradições da sociedade que as fazem ocupar diferentes lugares em relação a seus pares e aos outros participantes do cenário urbano. Vão experienciando a cidade, se apropriando funcionalmente do espaço, mobilizando sentidos e estabelecendo relações estéticas com o espaço urbano, já que este enseja a evocação e mobilização de afetos.

No percurso transcorrido, ao intentar elucidar as questões ligadas à relação das crianças com a cidade, considerei oportuno eleger outro tipo de discurso além do verbal para compor os enunciados a serem analisados: a imagem fotográfica. Com as imagens produzidas pelas crianças e os enunciados que emergiram na entrevista realizada, busquei me embrenhar no campo da responsividade característica dos encontros dialógicos para então construir um conhecimento sobre as relações das crianças com a cidade.

Assim, os enunciados foram revelando como a migração e os efeitos daí decorrentes participam na relação que as crianças estabelecem com a cidade: está presente, por exemplo, na necessidade de suas famílias habitarem certa região da cidade, em área de ocupação irregular, o que as submete a condições nem sempre adequadas. Condições estas por elas percebidas, analisadas e sentidas.

Somam-se a isso algumas especificidades da cidade escolhida por

estas famílias para tentar melhores condições de vida, conforme discorri no segundo capítulo: fundada no século XIX por imigrantes europeus para atender a interesses do Império Brasileiro, Joinville tenta manter viva e divulgar uma história oficial que atende convenientemente a uma minoria. Esta história retrata a bravura do imigrante europeu devoto ao trabalho, que vem para colonizar as terras de príncipes.

Porém, ainda que esta seja a história oficial, ensinada para todos os que agora fazem de Joinville o seu lugar, a cidade vem se revelando multifacetada e polifônica, causando nos saudosos uma nostalgia pela tradição ordeira e trabalhadora. A Joinville do século XXI resiste ferrenhamente a classificações fáceis e aligeiradas. Se por um lado Joinville invoca suas tradições para fugir de uma suposta homogeneização trazida pela globalização e preservar determinada identidade cultural, é uma cidade que também está atravessada pela lógica contemporânea da existência das cidades: o local é produzido para ser visto globalmente, posto que (re)cria sua cultura para então vendê-la no jogo globalizado da lógica capitalística.

As crianças pesquisadas, ao revelarem que são herdeiras da onda migratória que fez as cidades crescerem de forma vertiginosa nas últimas décadas, analisam as consequências deste crescimento rápido. Denotam nas imagens produzidas, no discurso sobre estas imagens e, principalmente, na parte extra-verbal de seus enunciados, que reconhecem haver circunstâncias em que ocupam uma situação de exclusão social e falta de garantia de direitos, criticando tais circunstâncias e os efeitos daí decorrentes. Sua produção devolve para a sociedade, de uma maneira refratada por sua historicidade, a imagem das desigualdades presentes no desenvolvimento das cidades. Mais

ainda, revelam que não estão à margem da apropriação e construção dos sentidos das práticas sociais próprias da sociedade contemporânea, posto que têm oportunidades de aprender e interpretar a cidade, por mais limitações que sejam impostas a sua mobilidade no espaço urbano.

Além das circunstâncias atuais de sua vida, as crianças também não deixam de se lembrar dos que ficaram para trás no processo da migração, ainda que prefiram estar em Joinville a ter ficado no lugar de origem. Por mais precárias que as condições possam se apresentar, estar na cidade para elas significa ter acesso a uma série de serviços e recursos que de outro modo não poderiam acessar. Destes recursos, destacou-se nos discursos a educação e a saúde: as crianças fotografaram a farmácia, o posto de saúde, o hospital, a Secretaria da Saúde, destacando que se trata de recursos necessários para elas. Acerca da escola, as crianças destacam que esta instituição é o que lhes assegurará o futuro e que permitirá realizar seus sonhos, relacionados a emprego ou ensino superior. Conforme analisado, este lugar atribuído à escola relaciona-se à expectativa de ascensão social depositada nesta instituição desde seus primórdios.

A análise permitiu ainda conhecer uma especificidade na relação das crianças com a cidade: a violência. Conforme discuti, esta temática tem se tornado recorrente em debates da mídia, do discurso científico e da sociedade como um todo, revelando sua enorme complexidade. As crianças entrevistadas também apontam para esta complexidade, indicando que sentem os efeitos tanto do ato violento em si, à medida que tomam conhecimento destes atos acontecendo muito próximo a elas ou mesmo dentro de suas casas, assim como também sentem os impactos que a violência faz repercutir na sociedade como um todo, que

passa a significar o bairro como um dos mais violentos da cidade. Evidentemente, esta significação social que revela uma única perspectiva de se compreender os acontecimentos, contribui para a criação de estereótipos que são atribuídos a toda a comunidade local. Segundo algumas crianças, o que principalmente ocasiona os atos de violência nesta região é o uso e o tráfico de drogas, compreensão compartilhada com os pais que participaram da reunião para a apresentação da pesquisa e por jovens de lá com quem tive a oportunidade de dialogar.

Interessou nesta pesquisa salientar que episódios violentos passam a fazer parte da constelação de lembranças e de sentidos que as crianças atribuem à cidade, já que a violência concreta decorrida no espaço urbano carrega a cidade de um conjunto de recordações dos acontecimentos nela experienciados. Este conjunto de recordações compõe um diálogo matizado pelas dimensões indissociáveis do tempo-espaço e que faz emergir a dimensão cronotópica da construção histórica dos significados atribuídos para a violência.

Além da temática violência, as crianças pesquisadas também fizeram vir à tona outras reflexões sobre a cidade. Convidaram-me a pensar sobre o trabalho, que ocupa um lugar central na sociedade contemporânea e nas vidas de suas famílias e de sua comunidade. Pude conhecer e apresentar ao leitor muitos tipos de trabalho desempenhados na cidade e percebidos pelas crianças: o trabalho dos catadores de materiais recicláveis, a produção artesanal de tapetes, dentre outros. As crianças denotam que compreendem e participam da organização do cotidiano com vistas ao bom desempenho do trabalho. Além disso, elas associam este à geração de renda e conseqüente subsistência das

famílias, bem como, à dignificação da condição do sujeito trabalhador, relacionada à noção de que a pessoa que trabalha é honesta. Em outras palavras, o trabalho dignifica o homem, ideário este que é fundante da lógica liberal e que ecoa no discurso das crianças.

Além disso, nesta temática destacou-se um ponto importante à análise: o trabalho apresentado pelas crianças trouxe a marca das transformações sociais e econômicas que vem passando o país desde sua maciça industrialização e conseqüente crescimento urbano: o estabelecimento de novas relações de e com o trabalho, que implicam em modos diferenciados de organização dos espaços das grandes cidades, reconfigurados a partir do uso do que faz destes espaços, que precisam ser adaptados a estas novas formas de se organizar a vida laboral.

Todavia, independentemente da forma como se dá a relação com o trabalho, a análise permitiu perceber que ele transforma a organização do cotidiano das famílias. Sua importância é então apropriada pelas crianças desde cedo, que passam a ter sua rotina também ajustada em virtude dos compromissos dos pais ou irmãos mais velhos. Ora precisam ficar sob seus próprios cuidados, sozinhas em casa ou cuidando dos irmãos mais novos, ora em centros de educação infantil ou na escola. É significativa a quantidade de crianças que aponta estas instituições como necessárias para os pais poderem trabalhar de forma mais tranquila.

Durante o período que não estão ocupadas com a rotina educacional, as crianças desempenham atividades domésticas. Assim, foram revelando em seus enunciados o que caracterizei como uma espécie de parceria familiar: enquanto elas desempenham os serviços de cuidado com a casa, os adultos voltam-se para o trabalho remunerado.

Concluí que as atividades desenvolvidas pelas crianças pesquisadas não poderiam ser caracterizadas como penosas ou humilhantes, além de não implicarem no abandono de atividades que gostam, como as brincadeiras entre os pares. Soma-se a isso que o trabalho é por elas significado como algo necessário e importante na vida adulta. Assim, muitas atividades que agora realizam, aprendidas através da mediação dos pais, propiciam às famílias que proporcionem aos filhos uma educação para e pelo trabalho, com o fim de prepará-los para a vida adulta.

Do exposto, pode-se então conhecer um pouco da rotina e dos modos como as crianças relacionam-se com as condições que a vida na cidade lhes apresenta. Para elas, a relação com a cidade é carregada por alguns medos decorrentes da necessidade de circular e ocupar a cidade, como a vulnerabilidade mediante o adulto ou outras crianças mais velhas: ocupar a cidade implica em aprender seus signos. Esta aprendizagem pode emergir, então, de novas experiências vivenciadas por elas, que também suscita novos afetos e sentidos atribuídos ao espaço urbano. Decorrência disso é a participação da criança no contínuo processo de construção da sociedade de que fazem parte.

Ao chegar ao fim do percurso de análise dos discursos das crianças, não pude deixar de considerar que no processo de escrita do texto que ora se apresenta, as reflexões que foram sendo possíveis entretecer decorreram da posição exotópica que ocupo em relação ao bairro e ao cotidiano das crianças, necessária para a objetivação do conhecimento produzido sobre esta realidade. Isso de algum modo propicia-me dar a elas o acabamento estético de compreensão de suas existências. Excedente de visão, portanto, que a exotopia me propicia e

que conseqüentemente me autoriza a fazer uma leitura (dentre muitas possíveis) do conjunto de acontecimentos e enunciados decorrentes da pesquisa. Logo, tendo analisado a produção de enunciados das crianças e considerando justamente este excedente de visão, autorizei-me refletir acerca de aspectos que se colocavam para o meu olhar: pontos não fotografados e não verbalizados durante a pesquisa. Se por um lado meu olhar de pesquisadora é convidado a tomar o bairro por foco, já que do conjunto das fotografias prioritariamente são estas as imagens que emergem, e que de fato conduziram-me à produção de oportunas reflexões, por outro lado percebo aquilo que ficou de fora do olhar dos sujeitos e que também contribui para o acabamento estético que dou à compreensão da relação que estabelecem as crianças pesquisadas com a cidade.

A predominância de fotos produzidas no próprio bairro em que elas residem suscita, mais uma vez, a reflexão acerca das (im)possibilidades de uso e de circulação na cidade e as experiências subjetivas daí decorrentes. Este cerceamento na apropriação dos espaços da cidade significou, nesta pesquisa, em haver crianças que nem sequer mencionaram a possibilidade de sair do bairro para produzir imagens de outros lugares. Outras revelaram possuir um saber acerca dos lugares que podem e que não podem frequentar em decorrência das (im)possibilidades concretas que se apresentam, como o fato de ser criança e, portanto, ser dependente dos adultos para acessar estes lugares ou a falta de acesso ao transporte público.

Assim, tomando o cuidado para não dicotomizar a sociedade em incluídos e excluídos, lógica essa que simplifica a compreensão de problemáticas complexas que englobam as determinações capitalistas,

que leva a uma demasiada valorização de certos espaços urbanos e o esvaziamento econômico e simbólico de outras, aderi à concepção que desta complexidade são construídos e atribuídos sentidos à cidade que pautam a decisão dos sujeitos acerca dos locais que irão ocupar.

Compreendi que a produção imagética das crianças pesquisadas e a conseqüente não-produção de outras imagens revela o que está de fato disponível para o exercício de olhar das crianças que ocupam determinados espaços da cidade. Decorrente da pesquisa, encontrei várias cidades em Joinville, isto é, encontrei desde a cidade idealizada, fomentada por certos discursos e carregada de certos sentidos, até uma cidade concreta, que às vezes é distante, bonita, que faz emergir o medo, em alguns aspectos é precária, e que às vezes parece imergir mediante a cidade idealizada. Este encontro com uma cidade multifacetada possibilitou-me então defender a concepção de que Joinville contém fronteiras e sentidos intercambiantes propiciadores de múltiplas experiências, em que se pode ouvir uma miríade de vozes que constituem a cidade polifônica.

Quando ainda iniciava o processo de planejamento desta pesquisa e optei pelo desenvolvimento de uma pesquisa-intervenção, procurava criar um espaço que fugisse do cotidiano e que me propiciasse me surpreender com o olhar das crianças para a cidade. Além disso, desejava que a pesquisa se constituísse, mais do que produção de conhecimento, também como espaço para a resistência e criação através do olhar. Que se dirigisse para um caminho que oferecesse ao olhar aquilo que foge. Assim, percebi que houve momentos no transcorrer dos encontros e entrevistas realizados que o processo da produção fotográfica de espaços significativos teve o potencial de mobilizar

afetos. A leitura de algumas imagens pelas crianças, por exemplo, em alguns momentos favoreceu o rompimento de velhas concepções dadas a certos espaços, ao desafiarem as lembranças e criarem novos sentidos às experiências vividas. Além disso, o processo evocativo provocado pela contemplação da produção fotográfica propiciou que houvesse agenciamentos de múltiplas outras memórias, além daquela do ato fotográfico em si. O conjunto das imagens fotográficas possibilitou a elas recursos de visibilidade para a (re)construção de sentidos às experiências da cidade, em um processo dialógico que enseja no compartilhamento de valores e visões de mundo com a sociedade de que tomam parte.

Logo, foi meu propósito não fomentar um discurso de reificação da complexidade dos sentidos dados à cidade, que simplificasse fenômenos como violência e exclusão. Antes, quis pensar a cidade com as crianças buscando compreender como elas recriam continuamente os sentidos dados às relações com o espaço urbano. Entendo, portanto, que neste processo contínuo de ressignificação das relações com a cidade, a vida pode ser enformada esteticamente, posto que é da cidade que buscamos matéria significativa que enforma o real e que cria as possibilidades de produção de subjetividades.

A guisa de encerramento, lembro o leitor que em todo início de capítulo e de uma nova seção dentro destes, apresentei epígrafes retiradas da obra *Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino (2009), de algum modo relacionadas ao texto então apresentado. O autor, pela narrativa literária, apresenta as tantas cidades que adornam a memória da experiência de cidade de todo cidadão. As tantas cidades de Calvino coexistem nos discursos insistentemente repetidos ou nos novos

enunciados, na história e nos sentidos que cada sujeito atribui a sua relação com o urbano.

Mundo da estética e mundo da ciência aproximando-se para expressar o mundo da vida. Foi assim que pude conhecer as cidades apresentadas pelas crianças que compartilharam comigo seu olhar. Neste sentido, concluo afirmando que são construídas tantas cidades quantos forem os sentidos a ela atribuídos. Reconhecendo a cidade como o lugar da possibilidade de produção de discursos oriundos de relações dialógicas estabelecidas entre sujeitos, entendo que se for mantido este dialogismo, também será preservado o inacabamento dos sujeitos, que pela palavra criam-se e reinventam-se no movimento contínuo da vida.

REFERÊNCIAS

A VIOLÊNCIA urbana. *Extra*. Joinville, 6 jan. 1984. Ano V, n. 839, p. 2.

ABNT. *NBR 9284*. Rio de Janeiro: ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas, 1986.

ABREU, Martha; MARTINEZ, Alessandra Frota. Olhares sobre a criança no Brasil – Perspectivas Históricas. In: RIZZINI, Irene (org.). *Olhares sobre a criança no Brasil: Séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Universitária, 1997, 19-38.

ALTHOFF, Fátima Regina. *Políticas de preservação do patrimônio edificado catarinense: a gestão do patrimônio urbano de Joinville*. 2008. Dissertação (Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade). Universidade Federal de Santa Catarina.

ALVES, Jefferson Fernandes. *Aprendendo com a luz: a fotografia como mediação da formação cultural no Ensino Fundamental*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Repensando algumas questões sobre o trabalho infanto-juvenil. In: *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 10, 2002, p. 87-98.

AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de pesquisa*, n. 116, p. 7-19, julho, 2002.

_____. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 95-113.

ARAÚJO, Rosane de Azevedo de. O urbanismo em estado fluido. In: SILVA, Rachel Coutinho (Org.). *A cidade pelo avesso: desafios do urbanismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, PROURB, 2006, p. 41-59.

ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo*. Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

ASSIS, Daniela dos Prazeres de. *Os circuitos de sociabilidade de jovens de baixa renda no espaço urbano*. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Rio de Janeiro: PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro, 2003.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich (VOLOSHINOV). Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica). Tradução: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Publicado originalmente em 1926. A tradução para o português, para uso didático, tomou como base a tradução inglesa de I. R. Titunik (“Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”), publicada em V. N. Voloshinov, *Freudism*, New York. Academic Press, 1976.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza a partir da versão do inglês, destinada apenas para uso didático e acadêmico, de *Toward a Philosophy of the Act*. Tradução de notas de Vadim Liapunov. Editado por Michael Holquist e Vadim Liapunov. Austin: University Of Texas Press, 1993.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da Poética de Dostoievski*. 2 ed. São Paulo: Forense Universitária, 1997.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland: *A câmera clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BERTUOL, Carla. Considerações sobre o lugar das crianças nas cidades: aproximando lugares e práticas públicas a partir da perspectiva do construcionismo social. In: *XIV Encontro Nacional da ABRAPSO - Diálogos em Psicologia Social: Epistemológicos, Éticos, Políticos, Estéticos e Políticas Públicas*, 2007, Rio de Janeiro. Anais do XIV Congresso Nacional da Abrapso - Trabalhos Completos, 2007.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 191-200.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: _____ (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 9-31.

BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal 8069. Brasília, DF, Senado, 1990.

BURKE, Peter. *Violência social e civilização*. São Paulo: Braudel Papers, v. 12, n. 1-8, 1995.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAMPOS, Cristina Caldas Guimarães; JOBIM E SOUZA, Solange. Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, vol. 23, n. 1, p. 12-21, 2003.

CAMPOS, Herculano Ricardo; ALVARENGA, Alex Reinecke de. Trabalho infantil e ideologia: contribuição ao estudo da crença indiscriminada na dignidade do trabalho. In: *Estudos de Psicologia*, Rio Grande do Norte, vol. 6, n. 2, 2001, p. 227-233.

CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 35-42.

CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

_____. *Sincretismos. Uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

CARDIA, Nancy; ADORNO, Sérgio; POLETO, Frederico. Homicídio e violação de direitos humanos em São Paulo. *Estud. av.*, São Paulo, v. 17, n. 47, Abr. 2003, p. 43-73.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin. *Jovens pobres e a cidade: a construção da subjetividade na desigualdade*. Niterói: Intertexto, 2001.

CASTRO, Lucia Rabello de (Org.). *Subjetividade e Cidadania: um estudo com crianças e jovens de três cidades brasileiras*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001a.

CASTRO, Lucia Rabello de. A cidade, a criança e o jovem. In: _____. (Org.). *Infância e Adolescência na Cultura de Consumo*. Rio de Janeiro: NAU, 1998.

_____. Re-visitando a infância contemporânea: passagens, possibilidades e destinos. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 3, 2001b, São Paulo. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032001000300013&lng=pt&nrm=abn>. Acesso em: 15 Jun. 2010.

_____. A infância e seus destinos no contemporâneo. *Psicologia em Revista*, v.8, n.11, 2002, p. 47-58.

_____. *A Aventura Urbana: Crianças e Jovens no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2004.

CECCIM, Ricardo Burg; PALOMBINI, Analice de Lima. Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado. *Psicol. Soc.*, Florianópolis, v. 21, n. 3, dez. 2009.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

CHESNAIS, Jean-Claude. *Histoire de la Violence en Occident de 1800 À nos Jours*. Robert Laffont: Paris, 1981.

CLEPS, Geisa Daise Gumiero. Comércio informal e a produção do espaço urbano em Uberlândia (MG). In.: *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, vol. 21, n. 3, dez. 2009, p. 327-339.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga. Trabalho infanto-juvenil: motivações, aspectos legais e repercussão social. In: *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 2, p. 437-441, abr-jun, 1998.

DAVIS, Mike. *Cidade de Quartzito: escavando o futuro em Los Angeles*. São Paulo: Página Aberta, 1993.

DIMENSTEIN, Magda; FEITOSA, Isabel. Escola, família e trabalho infantil: subjetividade e práticas disciplinares. In: *Interação em Psicologia*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 2, n. 8, 2004, p. 287-296.

DUARTE, Cristovão Fernandes. Um tempo-lugar para o cultivo dos corpos e do espírito. In: SILVA, Rachel Coutinho (Org.). *A cidade pelo avesso: desafios do urbanismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, PROURB, 2006, p. 59-67.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Tradução de Marina Appenzeller. 12^a ed. Campinas: Papyrus, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. 2 ed. Curitiba: Criar, 2006.

FICKER, Carlos. *História de Joinville: Subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca*. Joinville: Ipiranga, 1965.

FLORES, Maria Bernardete Ramos; CAMPOS, Emerson César de. Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 27, n. 53, junho 2007, p. 267-296.

FREUD, Sigmund. Por que a guerra? In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XXII.

FURTADO, Janaina Rocha. *Inventi(cidade): os processos de criação no graffiti*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina.

GUIMARÃES, Ana Lúcia Ceolotto. *Tráfico de drogas: percepções e concepções de seus agentes na cidade de Ribeirão Preto*. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências – Área: Psicologia). Universidade de São Paulo.

GUNNING, Tom. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2004, p. 33-66.

IBGE CIDADES. *Santa Catarina, Joinville*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acesso em 23 de janeiro de 2010.

IBGE. *Censo Demográfico 2000*. Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Estimativas da população para 1º de julho de 2009*. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU. Acesso em 16 de agosto de 2009.

IPPUJ. *Joinville bairro a bairro*. Joinville: Prefeitura Municipal, 2006.

_____. *Joinville: Cidade em dados*. Joinville: Prefeitura Municipal, 2008.

_____. _____. Joinville: Prefeitura Municipal, 2009.

JOBIM E SOUZA, Solange; LOPES, Ana Elisabete. *Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola*. Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho, 2002.

JOBIM E SOUZA, Solange; SALGADO, Raquel Gonçalves. Mikhail Bakhtin e a ética das imagens nos estudos da infância: uma proposta de pesquisa-intervenção. In: Correa, J; Castro, L. R.; Besset, V. (Org.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: NAU, 2008, p. 490-513.

JOBIM E SOUZA, Solange. *O olho e a câmara: desafios para a educação na época da interatividade virtual*. Revista Advir, Rio de Janeiro, v. 15, n. 15, p. 75-81, 2002.

_____. O olho e a câmara. In: _____ (Org.). *Educação @ pós-modernidade: ficções científicas e crônicas do cotidiano*. 1 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 69-74.

_____. Imagem técnica e estética: sobre os modos de produção da cultura e da subjetividade no mundo contemporâneo. In: Álvaro Pinheiro Gouvêa (Org.). *Cine Imaginarium: da arte de fazer psicologia, comunicação e cinema*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud & PUC-Rio, 2008, p. 265-282.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, n. 116, Julho, 2002.

LEEDS, Elizabeth. Cocaína e poderes paralelo na periferia urbana brasileira. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 233-276.

MACHADO, Gerson. Axés em Joinville: violências, presenças e descontinuidades. Anais do II Encontro Nacional do GT História das religiões e das religiosidades. *Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH*. Maringá (PR), vol 1, n. 3, 2009, p. 1-20.

MAHEIRIE, Kátia. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. In: *Psicologia em Estudo*, vol 2, n. 8, p. 147-153, 2003.

MAIA, Doralice Sátyro. *A rua e a Cidade*. 2007. Disponível em: <http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=25&id=277>. Acesso em 25 Jul 09.

MANCIE, Euclides. *A revolução das redes*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. The civil war in France. In: *Selected Works*. WW Norton: New York, 1972.

MATIAS, Hugo Juliano Duarte; FRANCISCHINI, Matias Rosangela Francischini. A infância e a rua: imagens cruzadas no Brasil do século XX. In: *XIV Encontro Nacional da ABRAPSO - Diálogos em Psicologia Social: Epistemológicos, Éticos, Políticos, Estéticos e políticas Públicas*, Rio de Janeiro. Anais do XIV Congresso Nacional da Abrapso - Trabalhos Completos, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, Nov. 1997 – Fev. 1998, p. 513-531.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4:7-32, 1999, p. 7-22.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chaves*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 167-176.

NATIVIDADE, Michele Regina da. *O trabalho na sociedade contemporânea: os sentidos atribuídos pelas crianças*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina.

NIEHUES, Valdete Daufemback. *De agricultor a operário: lembranças de migrantes*. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. *Joinville rural: o lugar esquecido pela história e valorizado pelo turismo*. 2006. Disponível em:
<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=11320>.
Acesso em 25 de maio de 2010.

NOERNBERG, Priscila; LACERDA, Juciano de Sousa. Jornal do Paraíso: um projeto de extensão nascido na comunidade. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Guarapuava, 29 a 31 de maio de 2008.

NUERNBERG, Adriano Henrique. *Investigando a significação dos lugares sociais de professora e alunos no contexto de sala de aula*. 1999. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Apresentação. In: _____ (Org). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2002.

PARCIANELLO, Paulo Celso. *Editorial*. *Jornal do Paraíso*. Joinville, Ed. 16, Ano 2, Abril 2009, p. 2.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

PELBART, Peter. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PEROVANO, Caroline; SCHWEDE, Gisele; JABLONSKI, Jaqueline; LAUBE, Luciana; BARBOSA, Nasser Haidar. *Adolescências do Paraíso: Inserções da Psicologia Escolar no Ensino Médio*. 2006 (Relatório de Estágio Supervisionado em Psicologia Escolar). Graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia de Joinville, Associação Catarinense de Ensino.

PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vygotski e seu papel na explicação do psiquismo humano. *Caderno CEDES – Pensamento e Linguagem*, Campinas, vol. 24, março, 1991, p. 32-43.

PINTO, Victor Carvalho. Ocupação irregular do solo urbano: o papel da legislação federal. In.: *Jus Navigandi*, Teresina, ano 10, n. 1149, 24 de agosto de 2006.

PORTO, Rosane Teresinha Carvalho; REIS, Suzéte da Silva dos. Crianças e adolescentes vítimas do tráfico de drogas: onde fica a cidadania? In: *Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Secretaria de Infraestrutura Urbana. Disponível em: www.joinville.sc.gov.br. Acesso em 12 de março de 2009.

RIZZINI, Irene. Crianças e Menores – do Pátrio Poder ao Pátrio Dever, um histórico da legislação para a infância no Brasil. In: Pilotti, Francisco; Rizzini, Irene (Orgs.). *A arte de governar crianças*. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano del Niño, 1995, p. 99-168.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 43-51.

RODRIGUES, Arlete Moysés. *Moradia nas cidades brasileiras*. São Paulo, Contexto, 1990.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ROS, Silvia Zanatta da. Imagem, discurso e dialogismo: questões metodológicas. In: Da Ros, Silvia Zanatta; Maheirie, Kátia; Zanella, Andréa Vieira (orgs). *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006, p. 221-238.

ROUILLÉ, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. Tradução de Constancia Egrejas. São Paulo: Senac, 2009.

SABEL, Samantha Carla. *A Psicologia de Vigotski e o materialismo histórico dialético de Marx e Engels: relações arqueológicas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina.

SÁNCHEZ VÁZQUES, Adolfo. *Convite à estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SANTOS, Marcos Antonio da Costa. A escola no sistema sócio-educativo do Rio de Janeiro. In: *I Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 1, 2006, Anais eletrônicos. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SILVA, Janine Gomes da. *Tensões, trabalhos e sociabilidades: histórias de mulheres em Joinville no século XIX*. Joinville: Univille, 2004.

SILVA, Rachel Coutinho Marques da. A urbanidade na cidade contemporânea entre fronteiras e trincheiras. In: _____ (Org.). *A cidade pelo avesso: desafios do urbanismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, PROURB, 2006, p. 23-40.

SILVA, Sheyla Pinto da. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 22, n. 57, agosto 2002.

SOBRAL, Carlos Alberto. Ético e estético na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008a, p. 103-121.

_____. Filosofia (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008b, p. 123-150.

SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 20, Edição Especial, 2008, p. 70-77..

STENGEL, Márcia; CASTRO, Maria da Consolação Gomes de; MARQUES, Maria Elizabeth; Moreira, Maria Ignez Costa; Fazzi, Rita de Cássia; Leal, Rita de Souza. Narrativas infanto-juvenis sobre o trabalho doméstico em Belo Horizonte: histórias de vida das meninas. In: *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, vol. 8, n. 11, jun. 2002, p. 125-129.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. *Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Educação da PUC-SP*. São Paulo, n. 10/11, 2000, p. 193-215.

TERNES, Apolinário. *A história de Joinville: uma abordagem crítica*. Joinville: Meyer, 1981.

_____. *História econômica de Joinville*. Joinville: ACIJ, 1986.

_____. *Joinville: a construção da cidade*. Joinville: SEIgraph, 1993.

THOMSEN, Thomaz Henrique. *Habitação e qualidade de vida no espaço urbano de Joinville-SC: um estudo sobre a urbanidade no bairro Bucarein*. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais). Universidade do Extremo Sul Catarinense.

TITON, Andréia Piana. *Jovens de baixa renda de Florianópolis/SC e suas relações na e com a cidade*. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina.

TITTONI, Jaqueline (Org.). *Psicologia e Fotografia: experiências em intervenções fotográficas*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2009a.

_____. Fotografia e Psicologia. In: _____ (Org.). *Psicologia e Fotografia: experiências em intervenções fotográficas*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2009b.

VELOSO, Mariza. Espaço público, estética, política e memória. Texto apresentado no GT Cultura e Arte Contemporânea, Caxambu, *Anpocs*, 2001.

VENTÓS, Xavier Rubert. Urbanisaion against urbanity? In: *Ciutat real, ciutat ideal: Significat i funció a l'espai urbà modern*, Urbanitatis, v. 7. Barcelona: Centre of Contemporary Culture of Barcelona, 1998.

VIANNA, Heraldo Marelím. *Pesquisa em Educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Imaginação e criação na infância*. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKI, Lev Semenovitch. *Obras Escogidas II: Problemas de Psicología General*. Madrid: Visor, 1991.

VYGOTSKI, Lev Semenovitch. *Obras Escogidas III: Problemas del desarrollo de la psique*. Madrid: Visor, 1995.

_____. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WANDERLEY, Mariangela Beldiori. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, Bader (Org). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 16-26.

WERTSCH, James V. *Vygotsky y la formación social de la mente*. Traducción de Javier Zanón y Montserrat Cortés. Buenos Aires: Paidós, 1988.

ZALUAR, Alba. Juventude, Saúde e Segurança Pública no País. In: *XVIII Fórum Nacional – Por que o Brasil não é um país de alto crescimento? (fora do desenvolvimento não há salvação)*, Rio de Janeiro: INAE – Instituto Nacional de Altos Estudos, 2006.

_____. O crime S.A. nas sombras do poder. In: *Da revolta ao crime S.A.* São Paulo: Moderna, 1996, p. 96-118.

ZANELLA, Andréa Vieira; NUERNBERG, Adriano. Relações sociais: investigando aspectos das práticas pedagógicas promotoras de cidadania. In: ZANELLA, Andréa Vieira; SIQUEIRA, M. J.; LHULLIER, Louise; MOLON, Susana. *Psicologia e Práticas Sociais*. Porto Alegre, Abrapsosul, 1997.

ZANELLA, Andréa Vieira; BALBINOT, Gabriela; PEREIRA, Renata Susan. Recriar a (na) renda de bilro: analisando a nova trama tecida. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, 2000, p. 539-547.

ZANELLA, Andréa Vieira; REIS, Alice Casanova dos.; TITON, Andréia Piana; URNAU, Lilian Caroline; DASSOLER, Tais Rodrigues.

Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, Aug. 2007, p. 25-33.

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade criadora, produção de conhecimentos e formação de pesquisadores: algumas reflexões.

Psicologia e Sociedade, v. 16, n.1, 2004, p.135-145.

_____. Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, maio/ago. 2005, p. 99-104.

_____. “Pode até ser flor se flor parece a quem diga”: reflexões sobre educação estética e o processo de constituição do sujeito. In: DA ROS, Silvia Zanatta; MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa Vieira. *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006, p. 33-47..

_____. *Vygotski: contexto, contribuições à psicologia e o conceito de zona de desenvolvimento proximal*. 1ª reimpressão. Itajaí: UNIVALI, 2007.

APÊNDICES

Apêndice A:



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Psicologia

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A psicóloga e estudante de mestrado em Psicologia Gisele Schwede está desenvolvendo a pesquisa intitulada *O Paraíso das crianças na Cidade dos Príncipes: a polifonia urbana revelada em imagens fotográfica*.

Esta pesquisa pretende investigar como acontece a criação de imagens fotográficas por crianças e como crianças olham e compreendem a realidade urbana em que vivem.

Para a realização da pesquisa com estudantes do 5^a ano, será realizada uma Oficina de Fotografia, em grupo. Nesta Oficina de Fotografia pretende-se apresentar às crianças a história da fotografia; apresentar uma introdução de como se fotografa; realizar exercícios práticos com câmeras fotográficas descartáveis.

Esta oficina será realizada em 5 encontros semanais, com duração de 1 hora e 30 minutos (com intervalo para lanche), no salão da

comunidade Nossa Senhora dos Imigrantes, localizado à Rua Crater, s/n, nas quartas-feiras. Os encontros acontecerão nos dias 24 de junho, 01 de julho, 08 de julho, 15 de julho e 22 de julho de 2009. Assim, os encontros iniciarão às 9h e terminarão às 10h e 30min.

No terceiro encontro do grupo, cada criança receberá uma máquina fotográfica descartável de 27 poses, para utilizá-la durante o período de 1 semana, fotografando o que lhe convir, relacionado à cidade em que reside. Passado este período, a criança deverá devolver a máquina, para que a pesquisadora possa revelar as fotografias. As imagens reveladas ficarão com a criança no último encontro realizado.

Assim que as fotografias forem reveladas, a pesquisadora fará o encontro final com o grupo, visando organizar em conjunto uma exposição fotográfica. Além disso, a pesquisadora fará um encontro para a criança ser entrevistada sobre as fotografias que foram realizadas.

A pesquisadora salienta que todos os encontros serão filmados e que todos os procedimentos não possuem potenciais riscos ou desconfortos para os participantes.

Neste sentido, estou ciente:

- de que existem duas pesquisadoras responsáveis por este trabalho: Gisele Schwede, psicóloga e mestranda em Psicologia e a professora doutora Andréa Vieira Zanella, orientadora do projeto de pesquisa e pesquisadora responsável.

- de que todos os dados coletados somente serão utilizados para esta pesquisa e para a divulgação acadêmica de seus resultados. Na divulgação dos resultados não serão identificados os nomes dos

participantes da pesquisa.

- de que não existem riscos em potencial para as crianças pesquisadas.

- de que fui esclarecido sobre os procedimentos desta pesquisa e de que se eu tiver dúvidas em relação ao estudo e em relação aos procedimentos que serão adotados, riscos, benefícios, ou qualquer outra pergunta, eu tenho o direito de receber respostas.

- de que a participação nesta pesquisa é voluntária e mesmo depois de iniciada é possível desistir sem que haja qualquer tipo de penalização.

- de que não haverá nenhum custo para os participantes, inclusive para a aquisição da máquina fotográfica ou para a revelação das fotografias.

- de que a criança ficará com uma cópia de todas as fotografias produzidas por ela.

- de que o benefício de se realizar a pesquisa é a de produzir conhecimentos, a fim de proporcionar maior compreensão sobre como acontece a criação de imagens fotográficas por crianças e sobre como as crianças olham e compreendem a realidade da cidade em que vivem.

- de que tenho o direito de acessar as informações coletadas e os resultados obtidos da pesquisa realizada.

Eu, _____

fui esclarecido/a sobre a pesquisa *O Paraíso das crianças na Cidade dos Príncipes: a polifonia urbana revelada em imagens fotográficas* e concordo que a criança _____, sob minha responsabilidade, participe da Oficina de Fotografia, produza fotografias

com a máquina que receberá e participe da entrevista individual e que o material daí resultante seja utilizado nesta pesquisa.

Joinville, 18 de junho de 2009.

Nome _____ do _____ pai/mãe _____ ou
responsável: _____

RG: _____

Nome da criança: _____

Assinaturas:

Pai/mãe ou responsável: _____

Pesquisa principal/orientanda: _____

Pesquisadora responsável/orientadora: _____

Endereços para contato em caso de dúvidas ou desistência:

Pesquisadora principal: Gisele Schwede

Pesquisadora responsável: Andréa Vieira Zanella

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia.

Campus Universitário, Trindade, CEP 88040-970

Telefone: 48 3331 8566

Apêndice B:

Roteiro norteador de entrevista³⁰

Parte 1:

Nome e idade:

1. Moradia: pessoas com quem mora;
2. O que faz (estudo, brincadeiras, participação em atividades religiosas, etc.);
3. O que gosta de fazer no tempo livre;
4. O que você geralmente faz num dia típico da semana e no fim de semana?
5. Como é ser criança aqui nesta cidade?

Parte 2:

Roteiro mediado pelas fotografias produzidas pelas crianças participantes da pesquisa: esta parte da entrevista foi realizada com as fotografias. Solicitou-se que a criança entrevistada selecionasse e indicasse as fotografias mais significativas, colocando-as em ordem decrescente de importância.

- Por que você escolheu registrar essa imagem?

- O que podemos ver nesta imagem?

- O que você vê nessa foto, além do que você quis fotografar?

- O que mais poderíamos pensar/ver sobre o que ficou registrado nessa foto?

- Gostaria que você citasse lugares da cidade por onde você já transitou e que não foram fotografados. Por que esses lugares não foram fotografados?

- Gostaria que você citasse lugares da cidade que você não costuma circular, mas poderiam ter sido fotografados.

³⁰ Roteiro inspirado em modelo utilizado por Titon (2008).